

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)
Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia
Strictu Sensu

Everton Brunaikovics Georgetti

**JUVENTUDES E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA A PARTIR DO PAPA
FRANCISCO. UMA ANÁLISE TEOLÓGICA SOBRE OS DESAFIOS ATUAIS.**

MESTRADO EM TEOLOGIA

SÃO PAULO
2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Everton Brunaikovics Georgetti

**JUVENTUDES E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA A PARTIR DO PAPA
FRANCISCO. UMA ANÁLISE TEOLÓGICA SOBRE OS DESAFIOS ATUAIS.**

MESTRADO EM TEOLOGIA

Resultado da Pesquisa apresentado como exigência para o Exame final no curso de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. André Luiz Boccato de Almeida.

SÃO PAULO

2025

EVERTON BRUNAIKOVICS GEORGETTI

JUVENTUDES E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA A PARTIR DO PAPA FRANCISCO. UMA ANÁLISE TEOLÓGICA SOBRE OS DESAFIOS ATUAIS.

Resultado da Pesquisa apresentado como exigência para o Exame final no curso de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. André Luiz Boccato de Almeida.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Luiz Boccato de Almeida – Orientador
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Profª. Dra. Solange Aparecida Novaes
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Prof. Dr. Mário Marcelo Coelho
Faculdade Dehoniana

SÃO PAULO

2025

Dedico esta dissertação ao meu avô, Hélio Antônio Georgetti (*in memoriam*), cuja vida marcada por valores, sabedoria e exemplo foi fonte constante de inspiração para minha trajetória acadêmica e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de vida e sabedoria, por guiar meus passos ao longo desta jornada acadêmica, concedendo-me força nos momentos de desafio e permitindo-me aprofundar o conhecimento durante o desenvolvimento deste mestrado.

Minha gratidão se estende à minha família, pilar constante de amor e apoio. Aos meus pais, Valdeci Antônio Georgetti e Silvia Brunaikovics Georgetti, pelo cuidado, incentivo e confiança, que iluminaram minha trajetória e fortaleceram minha determinação. Em memória de meu avô Hélio Antônio Georgetti, cujo exemplo de vida continua a inspirar meu caminho, e à minha avó Lourdes Terezinha Rossi Georgetti, cuja presença afetuosa e amor silencioso sempre sustentam e confortam. A todos os familiares, manifesto meu reconhecimento por cada contribuição, visível ou discreta, que moldou a pessoa que sou hoje.

Expresso minha profunda gratidão às Irmãs Marcelinas, que me ensinaram que educar é um ato de amor e transformação, em especial à Irmã Marizete Habowski, Irmã Deuceli Maria Kwiatkowski e Irmã Maria Aparecida Matias, cujo exemplos permanecem como guia em minha trajetória. Aos Jesuítas que integraram minha formação, destaco o Pe. Jaldemir Vitória, SJ, Pe. Edison de Lima, SJ, e Pe. Anderson Antônio Pedroso, SJ; e aos Camilianos, representados pelo Pe. Mateus Locatelli, MI, e Pe. João Batista Gomes de Lima, MI, cuja sabedoria e dedicação enriqueceram minha história.

Registro também minha gratidão a Dom Maurício Grotto de Camargo, Arcebispo Metropolitano de Botucatu, pelo apoio constante na busca pelo conhecimento; a Dom Carlos José de Oliveira, Bispo de Apucarana, pelo acompanhamento atento em meus processos de vida; e ao Pe. Aduino José Martins, pároco reitor do Santuário Nossa Senhora da Piedade de Lençóis Paulista. Agradeço aos amigos e amigas que, de diferentes formas, fizeram parte desta caminhada, deixando marcas indeléveis em minha história.

Dedico meu mais profundo reconhecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Fr. André Luiz Boccato de Almeida, OP cuja orientação, paciência e incentivo transformaram desafios em aprendizado e dúvidas em crescimento. Agradeço igualmente aos professores do curso de Teologia da PUC-SP, cuja dedicação, conhecimento e exemplo deixaram marcas duradouras em minha formação acadêmica e pessoal, instigando-me à constante busca por reflexão e aprofundamento.

Agradeço também à Prof^a. Dra. Ir. Solange Aparecida Novaes, da PUC-SP, e ao Prof. Dr. Mário Marcelo Coelho, da Faculdade Dehoniana, por aceitarem participar da minha banca de dissertação de mestrado. A gratidão se estende aos professores suplentes, Prof. Dra. Maria

Inês de Castro Millen e Prof. Dr. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes, pelo apoio e disponibilidade.

Expresso também minha gratidão à Faculdade Santa Marcelina de São Paulo, local de minha atuação profissional, pelo ambiente de acolhimento, apoio e constante estímulo ao desenvolvimento humano e acadêmico. O convívio com colegas, estudantes e colaboradores tem sido fonte contínua de aprendizado, inspiração e crescimento.

A todos que, de alguma maneira, participaram desta trajetória, deixo meu sincero agradecimento. Cada gesto, palavra e ensinamento contribuiu para a realização deste trabalho, e minha gratidão permanecerá eterna.

“Formar consciência requer um caminho da vida inteira, no qual se aprende a cultivar os mesmos sentimentos de Jesus Cristo assumindo os critérios de suas opções e as intenções de seu modo de agir (Fl 2,5).”

Papa Francisco

RESUMO

A presente dissertação evidencia a importância da formação da consciência dos jovens em um contexto marcado por profundas transformações socioculturais, incertezas e crises de sentido. Inicialmente, realiza-se uma análise das juventudes atuais, destacando sua pluralidade e os impactos de fenômenos contemporâneos – como o narcisismo, o consumismo, a influência das novas tecnologias, a diversidade de espiritualidades e o fortalecimento de movimentos tradicionalistas e conservadores – na construção da identidade juvenil, reconhecendo o papel da Igreja na promoção de consciências críticas, autônomas e maduras. Em um segundo momento, enfatiza-se o protagonismo dos jovens na Sagrada Escritura e no Concílio Vaticano II, ressaltando a consciência como núcleo mais profundo da pessoa humana, que exige acompanhamento, reflexão e discernimento ético. Por fim, analisa-se a contribuição do magistério do Papa Francisco, sobretudo na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, quanto à valorização da juventude e à formação da consciência em função da construção de uma sociedade mais humana, ética e fraterna. Conclui-se, portanto, que a formação da consciência constitui elemento indispensável para a vida dos jovens e para a missão evangelizadora da Igreja no mundo atual.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Consciência. Jovens. Atualidade. Concílio Vaticano II. Papa Francisco.

ABSTRACT

This dissertation highlights the importance of the formation of young people's conscience in a context marked by profound sociocultural transformations, uncertainties, and crises of meaning. Initially, it provides an analysis of contemporary youth, emphasizing their plurality and the impact of current phenomena—such as narcissism, consumerism, the influence of new technologies, the diversity of spiritualities, and the strengthening of traditionalist and conservative movements—on the construction of youth identity, while recognizing the role of the Church in promoting critical, autonomous, and mature consciences. Subsequently, it underscores the protagonism of young people in Sacred Scripture and in the Second Vatican Council, highlighting conscience as the deepest core of the human person, which requires guidance, reflection, and ethical discernment. Finally, it examines the contribution of Pope Francis' magisterium, especially in the Apostolic Exhortation *Christus Vivit*, regarding the appreciation of youth and the formation of conscience aimed at building a more humane, ethical, and fraternal society. It is therefore concluded that the formation of conscience constitutes an indispensable element for the life of young people and for the Church's evangelizing mission in the contemporary world.

KEYWORDS: Formation. Conscience. Youth. Contemporary Context. Second Vatican Council. Pope Francis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. JUVENTUDES NO MUNDO ATUAL: DESAFIOS E CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA.....	13
1.1 Juventudes em construção: conceitos e perspectivas históricas.....	14
1.2 Juventudes: diversas formas de expressão e identidade.....	21
1.3 Juventudes e paradigmas.....	23
1.3.1 A juventude como período preparatório.....	25
1.3.2 A juventude como etapa problemática.....	25
1.3.3 O jovem como ator estratégico de desenvolvimento.....	26
1.3.4 A juventude cidadã como sujeitos de direitos.....	27
1.3.5 Síntese dos paradigmas das juventudes.....	27
1.4 Juventudes em transformação: realidades e desafios do século XXI.....	29
1.4.1 O narcisismo na vida dos jovens de hoje.....	30
1.4.2 Juventudes conectadas: o impacto das novas tecnologias na geração atual.....	34
1.4.3 O impacto da cultura consumista na vida dos jovens.....	38
1.4.4 Juventudes: busca por sentido e espiritualidade.....	42
1.4.5 Entre o passado e o presente: juventudes, tradicionalismo e conservadorismo.....	47
1.5 Considerações finais.....	53
2. JUVENTUDES E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA PALAVRA DE DEUS E DO MAGISTÉRIO DA IGREJA.....	57
2.1 Juventude e fé: Um olhar bíblico sobre os jovens.....	58
2.1.1 A presença de jovens no Antigo Testamento.....	59
2.1.2 A presença de jovens no Novo Testamento.....	63
2.2 Concílio Vaticano II: um marco histórico na vida da Igreja.....	67
2.2.1 Os jovens na ótica do Concílio Vaticano II.....	70
2.2.2 A juventude na perspectiva da Igreja Latino-Americana: desafios, caminhos e propostas	75
2.3 A Juventude como lugar teológico.....	79
2.4 Juventude e formação da consciência moral à Luz do Concílio Vaticano II.....	82
2.5 Considerações finais.....	86
3. PAPA FRANCISCO E A JUVENTUDE: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA E A EVANGELIZAÇÃO.....	89

3.1 Francisco: Um papa filho do Concílio Vaticano II e pastor dos tempos atuais.....	90
3.2 Papa Francisco: a valorização dos jovens na Igreja.....	93
3.3 Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Christus Vivit</i>: um documento sinodal para os jovens.....	97
3.3.1 A Igreja e os jovens na perspectiva da <i>Christus Vivit</i> : escuta, acompanhamento e renovação pastoral.....	100
3.3.2 Renovação e desafios da Pastoral Juvenil.....	103
3.4 O pontificado de Francisco: um caminho de diálogo e formação da consciência..	106
3.5 Considerações finais.....	110
CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116

INTRODUÇÃO

A formação da consciência dos jovens, em sua pluralidade de expressões, constitui um dos temas mais desafiadores para a reflexão teológica no contexto atual. Em meio às transformações profundas que marcam a sociedade atual, caracterizadas por incertezas, crises de sentido e complexidade cultural, surge a necessidade urgente de compreender os caminhos que favoreçam a formação da consciência das novas gerações (PAGOLA, 2022, p. 25). A Igreja, atenta aos “sinais dos tempos” e apoiada na riqueza de sua tradição bíblica, conciliar e pastoral, reconhece que a formação da consciência juvenil é tarefa indispensável para a construção de uma sociedade mais humana e orientada pelos valores do Evangelho.

Nesta perspectiva, a presente dissertação tem como objetivo analisar a formação da consciência dos jovens a partir de três eixos interligados: o mundo atual e seus desafios, a tradição bíblica e os ensinamentos do Concílio Vaticano II e a contribuição específica do magistério do Papa Francisco. Cada capítulo, embora possua temáticas próprias, integra um percurso unitário, no qual o ciclo juvenil é compreendido como tempo privilegiado de discernimento, abertura, protagonismo e responsabilidade social e eclesial.

O primeiro capítulo apresenta uma reflexão abrangente sobre as juventudes no mundo atual, evidenciando a pluralidade que marca esta fase da vida, bem como os impactos das transformações socioculturais na construção da identidade juvenil. Reconhecendo a juventude como etapa de intensas mudanças biológicas, psicológicas e sociais (TAVARES, 2015, p. 32), o capítulo analisa conceitos provenientes de diversas áreas do conhecimento, em diálogo com a compreensão teológica dessa etapa do desenvolvimento humano. Além disso, examina fenômenos característicos da atualidade – como o narcisismo, o consumismo, as novas tecnologias, a busca subjetiva por espiritualidades e a adesão a movimentos tradicionalistas – revelando seus efeitos na formação da consciência dos jovens. Nesse horizonte, evidencia-se o papel da Igreja como colaboradora na formação de consciências críticas, maduras e capazes de dialogar com o contexto presente.

O segundo capítulo aprofunda a presença e a relevância dos jovens na Sagrada Escritura demonstrando que a relação entre Deus e os jovens é uma constante na história da salvação (LORASCHI, 2013, p. 3). Partindo de figuras juvenis do Antigo e do Novo Testamento, evidencia-se que os jovens ocupam lugar de protagonismo na ação de Deus, sendo chamados a missões decisivas para o povo e para a comunidade cristã. O capítulo retoma também a compreensão conciliar da juventude, ressaltando que o Concílio Vaticano II, ao interpretar os sinais dos tempos, evidencia a importância de acolher, educar e formar

integralmente os jovens (DANIELSKI, 2018, p. 118). Essa perspectiva repercute de maneira especial nas Conferências Episcopais Latino-Americanas, que assumem os jovens como prioridade pastoral e reconhecem a formação da consciência como elemento essencial para a vida e missão da Igreja no continente. Nesse contexto, aprofunda-se que a consciência, entendida como “núcleo mais secreto” do ser humano (GS, 2000, n. 16), exige cuidado, acompanhamento e discernimento, processos fundamentais durante a fase juvenil.

O terceiro capítulo volta-se ao magistério do Papa Francisco, cuja ação pastoral revela profunda sintonia com a inspiração e os ensinamentos do Concílio Vaticano II. Após apresentar aspectos centrais de sua trajetória e de sua visão pastoral, o capítulo analisa seus principais pronunciamentos dirigidos aos jovens, especialmente durante a Jornada Mundial da Juventude de 2013, e aprofunda os ensinamentos da Exortação Apostólica *Christus Vivit*. A partir dessa exortação e de outros ensinamentos do pontífice, evidencia-se que, para o Papa Francisco, a formação da consciência é um processo dinâmico, fundamentado nos ensinamentos de Jesus Cristo, alimentado por uma autêntica cultura do discernimento e compreendido como um itinerário formativo que se estende por toda a vida (FRANCISCO, 2019, n. 281). Nesse percurso, ressalta-se o papel da pastoral juvenil, chamada a assumir uma configuração sinodal, próxima, popular e enraizada na realidade concreta das juventudes, de modo a favorecer seu crescimento humano, espiritual e missionário.

Em suma, a partir desses três movimentos – o diagnóstico panorâmico do mundo atual; o diálogo com a Sagrada Escritura e os ensinamentos do Concílio Vaticano II; e a proposta pastoral do Papa Francisco – esta dissertação busca demonstrar que a formação da consciência é tarefa indispensável para a vida dos jovens e para a missão evangelizadora da Igreja. A juventude, compreendida como etapa decisiva do discernimento humano e espiritual, exige cuidado integral, escuta qualificada e presença pastoral que reconheça sua dignidade, seus desafios e seu potencial transformador. Assim, a presente pesquisa procura oferecer uma reflexão teológica fundada, coerente e atual, contribuindo para o debate sobre os caminhos de formação da consciência na vida juvenil à luz do Evangelho e da tradição viva da Igreja.

1. JUVENTUDES NO MUNDO ATUAL: DESAFIOS E CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

O mundo contemporâneo está atravessando uma mudança de época, caracterizada por diversas transformações que geram inúmeras incertezas para os seres humanos. A sensação predominante é de que a humanidade se encontra sem respostas diante dos conflitos que se multiplicam. De maneira figurada, parece que o ser humano se vê em um ambiente sem iluminação, tateando as paredes à procura de um interruptor de luz, com o intuito de, ao ser iluminado, encontrar o caminho a seguir.

O aspecto positivo dessa experiência, em meio a esse ambiente obscuro, é perceber que o ser humano não permanece em seu comodismo, mas busca caminhos que o conduzam a um lugar iluminado e seguro. A busca por segurança e respostas, diante de situações enigmáticas, impulsiona a humanidade em direção ao novo, o que pode resultar em descobertas surpreendentes. Espera-se que as perguntas se constituam no principal alicerce desse percurso, no qual se refletirá sobre os desafios e as perspectivas para a formação da consciência na fase juvenil.

O objetivo deste capítulo inicial é apresentar uma análise reflexiva sobre a fase de formação do ser humano, denominada juventude, e desenvolver um pensamento crítico acerca de alguns fenômenos do mundo atual que impactam de maneira significativa a maneira de pensar e agir dos jovens. Inicialmente, apresentam-se algumas definições sobre a fase juvenil, que constitui o objeto principal de estudo desta pesquisa. O ciclo juvenil sempre foi alvo de alusões e investigações, em razão de ser caracterizado por inquietações, complexidades, enigmas e paradoxos. Para compreender a fase juvenil, será apresentada, de forma sintética, diversos conceitos provenientes de várias áreas do conhecimento, a saber: biológica, psicológica, sociológica, histórica e teológica.

Em um segundo momento, desenvolve-se uma reflexão sobre o uso do termo “juventude” no plural, dado que existem diversas concepções de juventudes. Para defender essa ideia, é apresentado o pensamento de Libanio, teólogo e estudioso das juventudes. Ao aprofundar essa temática, observa-se também que o universo juvenil é marcado por diferentes paradigmas, ou seja, por múltiplos estilos, linguagens e formas de pensar. Nesse contexto, são expostos alguns paradigmas juvenis, organizados pela pesquisadora social Dina Krauskopf, que servem de base para ações sociais em prol das juventudes. O Conselho Episcopal Latino-Americano também utiliza esses paradigmas voltado para ações formativas, referentes a evangelização juvenil.

Após a compreensão do ciclo juvenil, é oferecida uma visão panorâmica analítica e crítica sobre o mundo atual, no qual habitam as juventudes. Os jovens são influenciados pelo contexto em que vivem, o que torna necessária uma análise específica das características da sociedade presente. Muitos são os desafios que afetam as juventudes; contudo, por uma questão de organização textual e pela impossibilidade de abordar todos os assuntos, optou-se por aprofundar apenas alguns aspectos característicos da atualidade.

O primeiro elemento hodierno, reflete sobre a questão do narcisismo, na qual observa-se que os jovens se preocupam de maneira exagerada com a própria imagem. Para essa análise, desenvolve-se a linha de pensamento de Dentz. Em seguida, apresenta-se a reflexão de Pagola sobre o consumismo, que impacta fortemente a vida das juventudes. Outro aspecto a ser aprofundado refere-se às novas tecnologias, que influenciam a vida juvenil, conforme propõem os estudos psicológicos de Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes. Em face desses traços do mundo atual, é ainda analisada a forma subjetiva de vivência da espiritualidade, desvinculada de uma instituição, com a argumentação fundamentada no pensamento de Dentz. Por último, reflete-se na compreensão e adesão dos jovens a movimentos tradicionalistas e conservadores, reflexão pensada por Sbardelotto e Passos.

Em suma, os desafios da atualidade envolvem diretamente a vida das juventudes. Dessa forma, surge a preocupação em auxiliar os jovens na formação da consciência, para que possam viver plenamente e com dignidade o dom da vida, frente as crises próprias do tempo atual. Formar adequadamente as consciências, no cenário presente é imprescindível, e é missão da Igreja colaborar nesse processo formativo. Diante disso, demonstra-se que o ciclo juvenil, como um tempo próprio de aprendizado, é um momento propício para que a Igreja cumpra sua missão. Somente por meio da formação de consciências, maduras, autênticas e críticas, será possível a construção de uma sociedade mais fraterna e justa.

1.1 Juventudes em construção: conceitos e perspectivas históricas

A fase juvenil sempre foi objeto de estudos de vários campos dos saberes humanos. Dessa maneira, a conceituação de juventude foi desenvolvida a partir de diversas categorias do conhecimento, a saber, biológica, psicológica, sociológica, política, teológica e outras áreas. Segundo Tavares, todas essas conceituações possuem suas peculiaridades e ao mesmo tempo se vinculam, afirmando que juventude “é a fase da vida, situada entre a infância e a vida adulta, entre a dependência infantil e a autonomia adulta” (TAVARES, 2015, p. 32).

Embora exista um consenso entre os estudiosos de juventudes que a etapa juvenil está situada entre a infância e a vida adulta, encontra-se também as peculiaridades das múltiplas áreas de conhecimentos. O conceito de fase juvenil é amplo, aberto e se modificada conforme o ponto de análise e o momento histórico vivido. Dessa forma, é impossível de enquadrar a etapa da juventude apenas em uma definição específica.

A juventude é um período marcado por profundas e constantes mudanças físicas e mentais. Conforme Freitas, a etapa juvenil, “começa com as mudanças físicas ligadas à capacidade de reprodução, com as concomitantes transformações intelectuais e emocionais e termina, em tese, quando se conclui a ‘inserção no mundo adulto’” (FREITAS, 2005, p. 7). Nessa definição, é perceptível que os jovens passam por uma fase de instabilidades, pois estão em processos intensos de mudanças biológicas.

Na perspectiva da psicologia, a juventude é caracterizada como uma fase de inquietações, de formação da personalidade e da autonomia. Para Tavares, “a visão psicológica: identifica a juventude com os conflitos pessoais em que se tem a vida nas mãos, mas não se tem o reconhecimento e a capacidade, etapa de construção da identidade, tempo de opções e definições” (TAVARES, 2015, p. 32). É o período que o ser humano está em pleno desenvolvimento, buscando compreender-se e tentando encontrar o seu lugar na sociedade. Essa fase é reconhecida popularmente pelas crises existenciais. Entrando, não se deve atribuir a palavra crise um significado negativo, pois são a partir dessas inquietações existenciais que os jovens entram em um processo de maturidade.

A percepção sociológica também auxilia para a compreensão da etapa juvenil. Na área de conhecimento da sociologia existe uma demarcação pontual, a respeito do término desse período denominado juventude. A socióloga Freitas, expõe as cinco dimensões essenciais, desse campo do conhecimento, para a definição da fase juvenil. Diz ela,

Na concepção clássica da sociologia tal inserção, que marca o fim da juventude, abarca, de modo geral, cinco dimensões: terminar os estudos; viver do próprio trabalho; sair da casa dos pais e estabelecer-se numa moradia pela qual torna-se responsável ou corresponsável; casar-se; ter filhos. Estas cinco condições são uma tradução moderna para os fatores que, em todos os períodos históricos, definem a condição de adultos: depois do período de preparação, estar apto a produzir e reproduzir a vida e a sociedade, assumindo as responsabilidades pela sua condução (FREITAS, 2005, p. 7).

A compreensão sociológica define a juventude, como esse tempo de preparação para as responsabilidades da vida adulta. Em contraponto, na contemporaneidade essa definição das

dimensões sociais, que marcam o final da juventude, é contestada. Para Paredes, a percepção em relação ao tempo e as fases da vida humana estão alteradas na sociedade atual. Diz ele,

Não existe sincronização entre os momentos cruciais da transição que seriam: casa paterna, entrar no mundo do trabalho e formar uma família; sucedem-se as frequentes interrupções entre etapa e etapa, tempos de espera, momentos longos de pausa; como se não houvesse pressa em crescer! (PAREDES, 2018, p. 26).

Na sociedade contemporânea observamos um o prolongamento da fase juvenil. Alguns estudos, como de Dan Kiley, referentes à mudança de perspectiva da etapa juvenil, relatam que uma parcela dos jovens, vivem uma espécie de *síndrome do Peter Pan*¹, isto é, demonstram medo de crescer e assumir as responsabilidades da vida adulta². Também é objeto de aprofundamento teórico, na atualidade, os jovens que decidem não sair da casa de seus responsáveis, chamados pelo sociólogo Jean Viard, de *geração canguru*³.

Diante desses fatos, a concepção clássica da sociologia, sobre o final da juventude, pode sofrer alterações. Todavia, as linhas de entendimento social continuam sendo indispensáveis, mesmo que tenham contradições, em relação as definições do período juvenil. São dessas demarcações sociais que surgem, por exemplo, estudos, debates e reivindicações em prol de vida digna para as juventudes.

Nessa linha de pensamento, alusiva aos elementos sociais da etapa juvenil, não é possível uma afirmação exata e fechada, pois como afirma Abramo: “a definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo” (ABRAMO, 1994, p. 1). É significativo ressaltar, que as concepções sociais da fase juvenil são primordiais, tendo em vista, que oferecem uma leitura da situação atual, das juventudes, em determinado tempo histórico.

Ao entrar na área de conhecimento da história, percebe-se que a concepção de juventude foi se transformando ao longo do tempo. No entanto, definir a juventude por um momento histórico da humanidade, não seria honesto, visto que em alguns momentos a

¹ “A síndrome de Peter Pan (SPP) resulta do estudo de Dan Kiley (1983) e leva esse nome, pois Kiley inspirou-se na obra de J.M. Barrie (1911) (Peter Pan and Wendy), cuja história se baseia na vida de um menino que não queria crescer. O autor descreve o início de sua descoberta da síndrome quando ainda trabalhava na força aérea e observava jovens adultos de seus vinte e poucos anos com um tipo de comportamento que, segundo a linha de desenvolvimento, seriam mais prováveis em meninos de dez anos” (NASCIMENTO; FERRET, 2015, p. 41).

² “A principal temática da história de Peter relaciona-se com o crescimento, querendo o personagem manter-se sempre criança, para assim evitar as responsabilidades da vida adulta. Escrito por J. M. Barrie em 1911” (NASCIMENTO; FERRET, 2015, p. 41).

³ “A geração ‘canguru’ é formada por jovens que prolongam a convivência na casa dos pais mesmo após atingir determinada independência financeira” (CIRÍACO; JÚNIOR; RODRIGUES, 2018, p. 65).

juventude foi sinônimo de confusão e desordem, em outros foi apreciada como esperança para a construção de um mundo melhor. Com isso, para Tavares, pode-se afirmar que a “noção de juventude é construída no processo histórico, com diferentes recortes” (TAVARES, 2015, p. 32). Em cada época histórica é feito um recorte da imagem juvenil. No entanto, esse recorte é apenas uma faceta da juventude, de determinada época, não caracterizando o todo.

Nesse momento será apresentado brevemente algumas concepções de juventudes no processo de evolução histórica da humanidade. Em sua dissertação, Silva defende que “na Antiguidade, segundo Aries, durante os primeiros séculos da reinvenção das escolas infantis no Ocidente, não se fazia a distinção formal entre criança e jovem. Nos séculos subsequentes, as crianças de 10 a 14 anos frequentavam as mesmas salas de aula daqueles que tinham entre 15 e 25 anos. Todos eram considerados *infantes*” (SILVA, 2020, p. 21). Dessa forma, nota-se que não existe uma definição clara de juventude.

Na história da Idade Média, a noção de jovens vai se estruturando. Silva, expõe que “na Idade Média, a juventude se estabeleceu no meio das idades, ou melhor dizendo, na plenitude de suas forças, que se compreendia a partir dos 14 anos e durava até os 45/50 anos. A partir dessa idade, já se era considerada a idade da velhice” (SILVA, 2020, p. 21). Logo, verifica-se que basicamente a juventude era a fase produtiva do ser humano, que se encontrava entre o período da infância e velhice.

Nesse processo de evolução histórica, segundo Lima, no início da Idade Moderna, ainda não se tem uma definição exata de juventude. No entanto, com o passar do tempo essa demarcação entre a fase infantil e juventude, começa a ganhar forma, por conta do sistema escolar, como Lima afirma:

Nos primórdios da era moderna, a fronteira entre infância e a juventude ainda não era tão definida; em primeiro lugar, para a maioria da população, a escola ainda não se colocara em contraposição à vida de trabalho, como normalmente ocorre hoje. A partir da obrigatoriedade da frequência escolar, no século XIX, passou-se a adotar certo corte, aos catorze anos, estabelecendo uma demarcação entre infância e juventude (LIMA, 2014, p. 17).

É interessante perceber a crítica de Lima, sobre a definição de juventude do século XX. Para ele, “no século XX, o mundo do consumismo positivou o ideal de juventude, sendo objeto de desejo e sonhada por muitos, como a eterna juventude” (LIMA, 2014, p. 18). Dessa forma, a concepção de jovens se torna uma utopia, das pessoas que desejam ser jovens eternamente. Isso, faz com que a concepção de juventude se torne objeto de consumo. Para

Lima, no século XX, “a juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica” (LIMA, 2014, p. 18).

A etapa juvenil pode ser determinada também pela faixa etária; para Freitas, “mesmo que os limites etários não possam ser definidos rigidamente; é a partir dessa dimensão também que ganha sentido a proposição de um recorte de referências etárias no conjunto da população, para análises demográficas” (FREITAS, 2005, p. 6). A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a juventude, como o período de idade, entre 15 e 24 anos (SILVA; LOPES, 2009, p. 88).

No Brasil, a atual Política Nacional de Juventude (PNJ), considera jovem todo cidadão ou cidadã da faixa etária entre os 15 e os 29 anos (SILVA; SILVA, 2011, p. 664). Mais especificamente, “a Política Nacional de Juventude divide essa faixa etária em 3 grupos: jovens da faixa etária de 15 a 17 anos, denominados jovens-adolescentes; jovens de 18 a 24 anos, como jovens-jovens; e jovens da faixa dos 25 a 29 anos, como jovens-adultos” (SILVA; SILVA, 2011, p. 664).

Libanio, sugere para compreensão, do período juvenil, um aprofundamento etimológico, de termos ligados ao universo juvenil. Diz Libanio,

A etimologia das diferentes palavras, que povoam o mundo jovem, acena-nos para complexidade. Quando falamos de infância, acentuamos a incapacidade de falar, de se expressar: *in+fans de in+fari*: não falar. Ou aludimos à pureza: *in+nocens*: sem mancha. Avançando, falamos de púbere. Aí aludimos à mudança corporal de a criança ver o corpo crescer e transforma-se, criando pelos. Púbere vem de *pubis*, pelo. Jovem já nos permite entender a idade de quem ajuda. *Ajutans, ajutare* (ajudar) deu jovem. E, finalmente, adolescente, que se origina de *adolere, ad+alo* do *hiphil* hebraico, *heelah*: levou para cima, subiu, ofereceu sacrifício, holocausto, fazer que algo cresça, brote, se faça grande, engrosse, aumente, se fortifique (LIBANIO, 2012, p. 5).

Sinteticamente, o jovem, conforme o aprofundamento etimológico, é a pessoa que está vivenciando o ciclo de crescimento, de amadurecimento e atingiu a idade de poder ajudar. A etapa juvenil é caracterizada pelo ser humano como dependente de seus responsáveis. Mas, inicia-se o processo de conquista da autonomia e da personalidade. O jovem possui a capacidade de pensar, produzir julgamentos próprios e realizar tarefas por si mesmo. Segundo Libanio ainda,

A idade juvenil fascina pelo tremendo paradoxo da vulnerabilidade e da potencialidade. Na fragilidade da idade que abandona a serenidade e segurança da infância, mas ainda não atingiu a solidez da idade adulta, existe estupenda potencialidade. Precisamente porque ainda não aterrissou na maturidade, dispõe do infinito do céu para voar (LIBANIO, 2012, p. 7).

A etapa juvenil é marcada por intensos contrassensos que provocam intensidade, encanto, descobertas e caos. Conforme Libanio, esse é um período em que o jovem está vivendo diversas transformações, carrega características da infância como a vulnerabilidade. Mas, está em pleno desenvolvimento, cheio de sonhos e utiliza a potencialidade, própria dessa fase, para encontrar seu lugar no mundo.

Para Sá, nesse período da vida, o ser humano passa por uma avalanche de informações e precisa tomar grandes decisões. Segundo Sá, “é a etapa das escolhas sobre estudos, carreiras, valores a serem seguidos, projeto de vida e vocação” (SÁ, 2010, p. 15). Dessa forma, é um tempo de inquietações, pois determinadas escolhas do presente juvenil, podem interferir no futuro da pessoa adulta.

A fase juvenil, também possui uma conceituação teológica e sempre foi interesse de estudo para a Igreja. Para Puntel, a palavra jovem possui um significado teológico que vai além de definições conceituais como do dicionário. Dessa forma, jovem não é apenas uma pessoa que possui pouca idade de vida. Mas, jovem é a pessoa que foi tomada pela vitalidade do próprio Deus. Diz Puntel,

O significado que a Igreja atribui ao termo vai mais além do dicionário, pois não é somente aquele que tem a idade nova, “mas aquele que tem o vigor de Deus. Do Deus que *alegra a nossa juventude*. Do Deus que é a vitalidade do nosso ser. Jovialidade é modo de ser do próprio Deus. É j. a pessoa que se deixou tomar pelo modo próprio de Deus, pela força de Deus, pelo vigor de Deus (PUNTEL, 2015, p. 502).

Conforme Puntel, na atualidade, o interesse e a valorização da fase juvenil têm crescido na comunidade eclesial. Para Joana Puntel, após o Concílio Vaticano II, houve uma grande evolução de concepção e importância do jovem na Igreja, “foi o Concílio que assumiu a responsabilidade de dar vez e voz para a juventude na Igreja, de forma oficial e permanente” (PUNTEL, 2015, p. 502). O Concílio Vaticano II, faz com que os jovens se tornem protagonistas da história na Igreja (PUNTEL, 2015, p. 502).

Na atualidade, nota-se a crescente valorização da importância, do jovem, para a Igreja. Basta observar documentos atuais da Igreja dedicados especificamente aos jovens, como: Documento 85 “Evangelização da Juventude” (CNBB, 2019); “Civilização do Amor: Projeto e Missão” (CELAM, 2013), e a “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*”, (FRANCISCO, 2019).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, define a juventude como: “a fase do ciclo da vida em que se concentram os maiores problemas e desafios, mas é, também, a fase de

maior energia, criatividade, generosidade e potencial para o engajamento” (CNBB, 2019, n. 26). Dessa forma, notamos a preocupação dos Bispos do Brasil, em compreender essa fase vital do ser humano e ajudar os jovens a se formarem de maneira integral (CNBB, 2019, n. 96).

O Conselho Episcopal Latino-Americano, demonstra nos últimos anos o aumento da preocupação em acompanhar e formar bem as juventudes, com a finalidade da construção da civilização do amor (CELAM, 2013, p. 23). Verificamos que a temática da juventude é perpassada em várias Conferências do Episcopado Latino-Americano, a saber: Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992), Aparecida (2007). Desse modo, a Igreja da América Latina, no decorrer dos anos expande seu olhar sobre os jovens e demonstra que é essencial cuidar bem, do ser humano nesse ciclo vital, exemplo concreto disso é o documento “Civilização do Amor: Projeto e Missão”.

O Papa Francisco também escancara as portas da Igreja para os jovens. Desde o início de seu pontificado, Francisco demonstra por meio de gestos concretos, discursos e documentos, a essencialidade de ser acolher e cuidar das juventudes. Para Joana Puntel, o pontífice acredita nas juventudes como força, de construção, de um mundo mais justo e fraterno. Diz Puntel,

E na Vigília de Oração com os jovens, em Copacabana – Rio de Janeiro, o Papa Francisco se dirigiu diretamente aos jovens e falou com o coração, mas com a sabedoria que lhe é própria. Em suas expressões, o papa demonstra comungar com os anseios dos jovens que querem construir um mundo melhor e saem pelas ruas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e mais fraterna. No entender do Pontífice, eles são os protagonistas da mudança, mas recomenda que é preciso vencer a apatia dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas surgindo em todo o mundo (PUNTEL, 2015, p. 504).

O pontificado de Francisco, demonstra a preocupação e a sensibilidade em se aproximar da realidade juvenil, por meio do Sínodo sobre os jovens em 2018. Logo, em seguida o Papa Francisco publica a “Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*” que confirma os jovens como protagonistas da história e da evangelização atualmente. Será aprofundado, num outro momento, sobre os escritos de Francisco nessa exortação.

Antes de entrar propriamente na questão da formação da consciência dos jovens, foi desenvolvido um caminho conceitual de diversos pontos de entendimento em relação ao ciclo vital juvenil. Conclui-se que o conceito de juventude é dinâmico e segundo Silva, esse é “um tema aberto por definição. Não é possível esgotá-lo ou encerrá-lo em nenhuma categoria conceitual por demais rígida. Aliás, suas definições são todas precárias e relativas” (SILVA, 2004, p. 76). Dessa maneira, o conceito de juventude sempre está em constante evolução e

carrega um sentido de mistério, pois o seu significado nunca se consuma totalmente. No entanto, um parâmetro é necessário para a construção dessa pesquisa, por isso define-se referencialmente, a fase juvenil como um ciclo de pleno desenvolvimento do ser humano, situado entre a infância e a vida adulta, marcado pelas diversas transformações mentais e físicas.

Durante esse período de desenvolvimento, o processo de formação da consciência desempenha um papel essencial na construção da identidade dos jovens e é fundamental para uma sociedade mais ética e justa. Nesta fase da vida, os jovens começam a compreender melhor o mundo ao seu redor, questionam valores e começam a formular suas próprias opiniões sobre a sociedade e sobre si mesmos. De acordo com Faus,

O papel da consciência é *julgar*. A nossa consciência é, portanto, o *juízo* sobre o valor moral (a bondade ou maldade) das nossas ações, dos nossos pensamentos e sentimentos, das palavras que dizemos ou calamos, das atitudes que adotamos na vida, das omissões que admitimos” (FAUS, 2017, p. 10).

A consciência bem formada pode auxiliar profundamente os jovens a fazerem julgamentos morais sobre suas ações, pensamentos e sentimentos. Com isso, as decisões éticas feitas por essas pessoas conscientes podem impactar positivamente na sociedade, gerando um ambiente melhor para se viver.

Portanto, discutir a formação da consciência, no ciclo juvenil, não é apenas uma questão educativa, mas também um passo crucial para garantir que os jovens da atualidade sejam cidadãos conscientes, críticos e engajados, capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

1.2 Juventudes: diversas formas de expressão e identidade

Como nota-se definir o conceito de juventude é desafiador, pois existem variações conceituais conforme a abordagem das áreas de conhecimento. Após apresentar uma abordagem panorâmica e sintética referente a conceituação juvenil, será desenvolvida uma reflexão sobre o termo juventudes, no plural, que tem como objetivo expor a pluralidade do mundo juvenil.

Na atualidade, surgem questões referentes a utilização do termo juventude, no singular, pois é consenso entre os estudiosos das juventudes, que existem pluralidades nas formas de ser jovem. Dessa maneira, sugere-se atualmente que seja empregado o termo no plural, isto é,

juventudes, uma vez que abarca melhor a compreensão e representação da diversidade juvenil, conforme afirma Libanio:

Juventudes, assim, no plural? Sim, porque são muitas. Muitas pela rapidez das mudanças, pois as crianças de hoje já não nascem no mesmo mundo de cinco anos atrás. Muitas, por causa das diferenças de proveniência, de situação sociocultural e existencial: jovens de favela, de classe média baixa, de classe média alta, jovens de tendência intelectual e jovens que dispensam o pensar (LIBANIO, 2013, p. 175).

Para Libanio, o termo juventudes, deve sempre ser utilizado no plural. Afinal, existe uma diversidade, de formas de expressão das juventudes. Observamos, que essa pluralidade acontece por conta de vivermos num mundo que também é marcado pela variedade de classes sociais, estilos e modos de pensar. Dessa forma, apesar da tendência do ser humano em sempre criar definições acabadas sobre determinados conceitos, no caso das juventudes isso não é possível.

Segundo Libanio, as “tipologias, modelos, esquemas mentais, cenários, enquanto categorias teóricas, pretendem facilitar entender o real da juventude, sem nunca, porém, defini-la completamente” (LIBANIO, 2013, p. 236). Uma caracterização, por exemplo, da ação de um jovem ou uma tribo juvenil⁴, em determinado contexto, não pode generalizar e definir a diversidade de juventudes.

Existe uma verdadeira pluralidade de concepções de juventudes, que se manifestam conforme suas realidades. No mundo atual, são intensificadas as variações de configurações juvenis, não existe espaço para apenas uma conceituação sistemática, rigorosa e padronizada das formas de pensamentos e de expressão das juventudes, pois essas não são uma grande massa única e uniforme. Para Tomazi, o universo juvenil é sempre aberto e inclusivo, basicamente ele define a juventude como reflexo da sociedade atual. Diz ele,

Ao que parece, na atualidade não haveria nem ‘uma’ juventude, nem ‘um centro’, nem ‘uma’ encruzilhada definida prestes a ser superada. Assim como o é a sociedade, carregada de heranças e possibilidades, complexas, ambíguas, plural, dinâmica, multiforme, heterogênea, atravessada por contradições, continuidades, descontinuidades, rupturas e instituições legitimadoras, valores, controvérsias, encruzilhadas definidas e indefinidas, objetivas e

⁴ “O conceito de ‘tribo urbana’ surge pela primeira vez em 1985 com o sociólogo Michel Maffesoli, referindo-se à criação de pequenos grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios, ideais, gostos musicais ou estéticos que assumem a sua máxima expressão e visibilidade na adolescência. Estas tribos surgiram num esforço de diferenciação dos jovens e evocam particularidades que as distinguem do resto da sociedade e que as identificam” (SOUSA; FONSECA, 2009, p. 209).

subjetivas, simbólicas e reais, assim também o é a condição juvenil (TOMAZI, 2013, p. 57).

Ao abordar a temática das juventudes, adentramos num verdadeiro universo plural, com distintos modos de pensar, antagonismos, aspectos ambíguos, divergentes e convergentes. Na verdade, existem jovens com suas vidas concretas e juventudes que se reúnem, conforme seus sentimentos e pensamentos em suas tribos. As realidades interferem na maneira como os jovens vivem e se expressam, por exemplo, a cultura de um jovem que mora em uma favela é diferente daquele que reside uma região nobre de uma cidade.

Silva, confirma a importância do emprego do termo juventudes no plural, “designando a diferenciação reconhecida quanto à realidade socioeconômica e cultural, às condições de estudo, às oportunidades de trabalho, ao envolvimento com as novas tecnologias” (SILVA, 2020, p. 18). Ao utilizar o termo juventudes, pretende-se incorporar uma pluralidade de jovens que compõem uma diversidade de contextos.

Ao abranger a complexidade e diversidade dos jovens atuais, o caminho de propor uma formação de consciência, nesse ciclo da vida humana, se torna um desafio grandioso, pois surge a questão: frente a pluralidade juvenil, como a Igreja pode contribuir para a formação da consciência? Essa indagação indica que o caminho a ser percorrido é extenso e árduo, pois será preciso conhecer um pouco mais do contexto juvenil hodierno, das bases teológicas da consciência, para desenvolver com profundidade essa reflexão.

Em suma, através do reconhecimento de que há uma pluralidade de realidades juvenis, a Igreja é colocada diante de um desafio teológico de como manter uma relevância contínua para as juventudes. Dessa forma, frente a diversidade juvenil, a Igreja para conseguir contribuir ativamente com a formação da consciência dos jovens, precisa estar aberta as realidades em mudança, respeitando e acolhendo as diferenças. É necessário que exista um caminho formativo, pautado por uma teologia inclusiva e aberta ao diálogo com a realidade cultural e social dos jovens.

1.3 Juventudes e paradigmas

O universo juvenil é marcado por diversos paradigmas⁵, isto é, muitos estilos, arquétipos, códigos, linguagens e modos de pensar. Dessa maneira, observa-se que existem

⁵ “Em síntese, entendemos por paradigma um conjunto de crenças diferente, distintas formas de ver que predisõem a conceber o mundo e o que nele acontece de modos profundamente diferentes” (CELAM, 2013, n. 10).

diversas formas de ver e interpretar a pluralidade de realidades juvenis. Uma abordagem recorrente, em muitos estudos, para a compreensão do mundo juvenil, foi organizada pela pesquisadora social Dina Krauskopf.

Observa-se que muitos estudiosos das juventudes, utilizam os paradigmas de Krauskopf, em suas pesquisas, como: Maria Virginia Freitas, Reinaldo Silva, Nei Sá e até o Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho⁶ que faz uma releitura desses paradigmas juvenis, com a finalidade de ações pastorais ligadas as juventudes. Com isso, compreende-se que as referências propostas por Krauskopf, interpretam de modo real o mundo dos jovens.

O objetivo de Krauskopf ao organizar essas abordagens, está ligado propriamente a área de políticas sociais, de modo que essas diferentes concepções juvenis, fundamentam as ações sociais dirigidas aos jovens, no continente latino-americano (ABRAMO, 2005, p. 20). No entanto, os paradigmas organizados por Krauskopf, podem ser relidos a luz da fé. O Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho, afirma que esses paradigmas podem ajudar na evangelização, iluminando a nossa forma de ler, compreender e trabalhar com as juventudes (CELAM, 2013, n. 13).

Conforme Krauskopf, “a juventude encontra seu lugar no tecido social das relações segundo os diversos paradigmas que atualmente coexistem e competem nas programações atuais” (KRAUSKOPF, 1998, p. 121)⁷. A pesquisadora social, sistematiza esses paradigmas em quatro tipos: a juventude como período preparatório; a juventude como etapa problemática; o jovem como ator estratégico de desenvolvimento e a juventude cidadã como sujeito de direitos.

Como afirmado, por Krauskopf, esses paradigmas coexistem aos mesmos tempos no mundo atual, e são uma perspectiva de interpretação, do mundo juvenil (ABRAMO, 2005, p. 22). É importante ter consciência que na atualidade, com a velocidade das informações, os paradigmas juvenis passam por mudanças rápidas, gerando diversas outras configurações da realidade. No entanto, nesse momento pretende-se aprofundar nos paradigmas organizados por Krauskopf, pois representam satisfatoriamente, a realidade das juventudes atuais.

É fundamental reconhecer que esses paradigmas têm grande relevância teológica, pois abordam as realidades das juventudes. Assim, podem contribuir de maneira eficaz para o

⁶ O Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho explica que “se incorporou o termo ‘paradigma’ ou ‘mudança de paradigma’ para poder-se entender que precisamos ‘transitar por outros modos de ver e de interpretar a realidade. Os pesquisadores sociais adotaram a frase ‘mudança de paradigma’ para assinalar uma alteração na forma segundo na qual determinada sociedade esquadrinha e interpreta a realidade” (CELAM, 2013, n. 8).

⁷ Texto original: “La juventud encuentra su ubicación en el tejido social de las relaciones según los diversos paradigmas que actualmente coexisten y compiten en las actuales programaciones” (KRAUSKOPF, 1998, p. 121)

processo de reflexão sobre como formar a consciência dos jovens na atualidade. A partir das abordagens de Dina Krauskopf e sua sistematização dos paradigmas juvenis, é possível realizar uma reflexão teológica sobre como a Igreja pode se adaptar para dialogar com as diversas realidades dos jovens, levando em conta as diferentes formas de entender e viver das juventudes no contexto atual.

1.3.1 A juventude como período preparatório

A primeira abordagem apresenta a *juventude como período preparatório*, conforme Krauskopf, “tal enfoque se sustenta no paradigma que enfatiza a adolescência como um período de transição entre a infância e a idade adulta” (KRAUSKOPF, 1998, p. 121)⁸. Abramo comenta que nessa abordagem, as políticas são centradas na preparação para o mundo adulto, sendo que “a política por excelência é a Educação” (ABRAMO, 2005, p. 20). O jovem é visto, como alguém que necessita ser preparado para a vida adulta, para ser cidadão, para Tomazi, “o jovem é um vir-a-ser, é um ‘educando’, é quase um não-ser” (TOMAZI, 2013, p. 104).

Nesta primeira abordagem, verifica-se que o jovem durante o ciclo de desenvolvimento, precisa do acompanhamento educacional por parte dos adultos, ou seja, de seus pais, professores e outros, que são os protagonistas da educação. Por isso, “existe o discurso do jovem como futuro da sociedade, não considerando no presente porque não está ‘preparado’” (CELAM, 2013, n. 16). Na atualidade, esse enfoque continua vigente, mas passa por um processo de rejeição por parte das pessoas.

1.3.2 A juventude como etapa problemática

A segunda abordagem, interpreta a *juventude como etapa problemática*, para Krauskopf, “o paradigma que enfatiza a juventude como etapa de transição favorece a visão do período como uma crise normativa: ‘a idade difícil’” (KRAUSKOPF, 1998, p. 122)⁹. Segundo Abramos, “nesta perspectiva, o sujeito juvenil aparece a partir dos problemas que ameaçam a ordem social” (ABRAMO, 2005, p. 20).

⁸ Texto original: “tal enfoque se sustenta en el paradigma que enfatiza a la adolescencia como um período de transición entre la niñez y la adultez” (KRAUSKOPF, 1998, p. 121).

⁹ Texto original: “el paradigma que enfatiza a la juventud como etapa de transición favorece la visión del período como crisis normativa: ‘la edad difícil’” (KRAUSKOPF, 1998, p. 122).

Nesse enfoque o jovem é enxergado apenas como problema, alguém que está passando por um período de turbulências, gerando conflitos, fazendo coisas errôneas, é uma pessoa questionadora e não cumpridora de normas. É despertado um espírito de desconfiança a respeito das juventudes. Para Tomazi,

Desde meados do século passado, vêm-se considerando como problemas próprios da juventude a alienação, a falta de interesse pelas questões sociais, o desejo de desfrutar o instante e as facilidades da vida atual, a despreocupação para com o futuro, a recusa de assumir responsabilidades, o ceticismo e a busca de um estilo de vida lascivo, tranquilo e despreocupado. O prolongamento excessivo da juventude, acompanhado das expectativas frustradas devido à própria crise do sistema capitalista e de outros modelos de sociedade, traduzem-se em crises, insatisfações, mal-estares, manifestações de rebeldia e descontentamento, atitudes violentas, que tornaram o jovem caracterizado como aquele da ‘idade difícil’, do período da revolta e da crise (TOMAZI, 2013, p. 104).

A caracterização do ciclo juvenil como problema é extremamente comum, por parte de muitas pessoas, na sociedade atual. Realmente essa é uma fase de muita energia, incertezas e questões, intensificadas pelas transformações da atualidade. No entanto, existe uma parcela da população, aberta ao diálogo e compreensiva, que não concorda com essa definição em relação as juventudes.

1.3.3 O jovem como ator estratégico de desenvolvimento

A terceira abordagem, caracteriza *o jovem como ator estratégico de desenvolvimento*, para Krauskopf, “esse enfoque destaca a juventude como um ator protagonista na renovação permanente das sociedades, particularmente no contexto da reestruturação socioeconômica e da globalização” (KRAUSKOPF, 1998, p. 122)¹⁰. Nessa abordagem, as juventudes são reconhecidas como potencial transformador. Nesta visão, conforme Abramo, o jovem está orientado “à formação de capital humano e social para enfrentar os problemas de exclusão social aguda que ameaçam grandes contingentes de jovens e atualizar as sociedades nacionais para as exigências de desenvolvimento colocadas pelos novos padrões mundiais” (ABRAMO, 2005, p. 21).

¹⁰ Texto original: “este enfoque destaca a la juventud como actor protagónico en la renovación permanente de las sociedades, particularmente en el contexto de la reestructuración socioeconómica y la globalización” (KRAUSKOPF, 1998, p. 122).

Nesse enfoque, as juventudes, basicamente são interpretadas como fonte de renovação; são vistas como um segmento que tem a capacidade de transformar o mundo. A participação juvenil passa a ser essencial no processo de desenvolvimento da sociedade atual. Os jovens se tornam protagonistas; para Tomazi, “suas capacidades de fazer e de apreender, sua agilidade, força ambições, flexibilidade, facilidade de adquirir competências e desejos são citados quando se pretende implantar projetos de desenvolvimento local” (TOMAZI, 2013, p. 106). Nessa abordagem se tece a crítica, do grande peso de esperança, que é posto em relação as juventudes.

1.3.4 A juventude cidadã como sujeitos de direitos

A quarta abordagem, identifica *a juventude cidadã como sujeitos de direitos*, segundo Krauskopf, “na segunda metade deste século criam-se as condições para estabelecer, de modo claro e explícito, que as crianças e os adolescentes têm direito à cidadania” (KRAUSKOPF, 1998, p. 123)¹¹. Dessa forma, as juventudes ganham espaço na sociedade, ganhando reconhecimento de cidadãs.

Conforme Abramo, “nesta visão, a juventude é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos e deixam de ser definidos por suas incompletudes ou desvios” (ABRAMO, 2005, p. 22). Os jovens passam a serem respeitados como sujeitos de direitos, capazes de participar e contribuir para o desenvolvimento humano e social.

Nesse enfoque, os jovens percebem-se como sujeito de direitos e responsabilidade individuais e coletivas, dos quais dependem a qualidade de vida e o desenvolvimento social. As juventudes, não são visualizadas apenas por seus erros, crises e capacidades desenvolvimentistas. Essa abordagem foca em gerar políticas centradas na noção de cidadania e abre a possibilidades da consideração dos jovens como sujeitos integrais. O Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho, também caracteriza essa abordagem como período, em que os jovens, conquistam a autonomia (CELAM, 2013, n. 25).

1.3.5 Síntese dos paradigmas das juventudes

O mundo juvenil é amplo, diverso e rico de abordagens interpretativas de suas realidades. Por uma questão metodológica, fez-se a escolha pelos enfoques organizados,

¹¹ Texto original: “en la segunda mitad de este siglo se crean las condiciones para establecer, de modo claro y explícito, que los niños y adolescentes tienen derecho a la ciudadanía” (KRAUSKOPF, 1998, p. 123).

conforme Krauskopf, que são parâmetros atuais para a política social, no continente latino-americano, tendo em vista que eles contemplam realisticamente uma boa parcela das realidades juvenis. Dessa forma, segundo Abramo:

A literatura latino-americana sobre o tema das políticas de juventude tem já consolidada uma classificação das diferentes concepções sobre a juventude, que fundamentam as ações dirigidas aos jovens; abordagens predominantes em certos períodos da história da maioria dos países do continente, mas que coexistem (ABRAMO, 2005, p. 20).

Sinteticamente, esses paradigmas apresentados, inicialmente são utilizados em prol da construção de ações políticas que ajudem a formação das juventudes. Ao mesmo tempo, constata-se que essas abordagens, alusivas as juventudes, são utilizadas por outros campos dos saberes e com outras finalidades. O Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho, reinterpreta esse enfoque, para iluminar as ações eclesiais referentes a formação das juventudes:

As referências ou paradigmas para assimilar o mundo juvenil que acabamos de ver podem ajudar-nos a compreender a realidade ampla das juventudes de nosso Continente. Eles ajudam a aproximar-nos da realidade sem preconceitos construídos ao longo da história a respeito dessa juventude. Também podem apoiar-nos na avaliação da ação desenvolvida a partir da ação como Pastoral Juvenil, onde se poderão identificar as respostas que estamos oferecendo como discípulos missionários (CELAM, 2013, n. 26).

É essencial perceber que os paradigmas expostos consistem em referências que coexistem, em meio a pluralidade das juventudes. A compreensão dessas abordagens, se tornam essenciais nessa pesquisa, para expansão dos horizontes de compreensão e ação, a favor da formação da consciência, das diversas juventudes, na atualidade. Conhecendo a realidade das juventudes, pode-se identificar caminhos de ações, para formar bem a consciência dos jovens. É imprescindível salientar que atualmente os paradigmas estão em constante mudanças, de modo que esses enfoques são apenas uma forma de leitura da realidade juvenil.

Em suma, a relevância teológica desses paradigmas reside na conexão entre as realidades sociais e culturais das juventudes e o compromisso da Igreja em estar próxima dos jovens, acompanhando-os e formando suas consciências. Dessa forma, a comunidade eclesial deve iluminar essas realidades com a luz dos valores éticos cristãos, ou seja, com uma visão que respeita e valoriza a dignidade do jovem como sujeito de transformação e ação no mundo, incentivando seu protagonismo na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

1.4 Juventudes em transformação: realidades e desafios do século XXI

O mundo atual visivelmente está passando um período de profundas e rápidas transformações. O momento presente é complexo e está cheio de tensões, incertezas e contradições (PAGOLA, 2022, p. 25). Em meio às mutações da atualidade, para Amado, “os jovens estão entre os que experimentam de modo mais intenso as fragilidades existenciais” (AMADO, 2019, p. 59). As juventudes, são atingidas por questões próprias de seu ciclo vital e concomitantemente são afetadas pelas mudanças constates da atualidade. Por isso, a necessidade de analisar algumas características presentes na sociedade do século XXI.

Conforme Pagola, a humanidade está passando por mudanças, “existe um consenso bastante geral quanto à afirmação de que aquilo que vem ocorrendo neste início do século XXI está marcando profundamente a vida humana. Muitos pensam que não estamos vivendo apenas tempos de mudanças, mas testemunhando uma mudança de época” (PAGOLA, 2022 p. 25). Não é fácil analisar o que está acontecendo, pois constantemente acontecem transformações.

Paira na contemporaneidade a sensação de dúvidas e relatividades. Em meio ao mundo envolto pelas novas tecnologias e por uma cultura do consumo exacerbada, verifica-se o ser humano, cada vez mais, narcisista e confuso. As instituições, norteadoras da sociedade, perderam a credibilidade e encontram-se literalmente confusas, frente as constantes mudanças de paradigmas (PAGOLA, 2022, p. 26). Tudo isso, incide fortemente na vida das juventudes gerando incertezas, ansiedade e medo.

Entre as crises existenciais das juventudes, o contexto sombrio das tensões globais e nublado pelas transformações atuais, originam-se impasses éticos que desafiam a consciência da humanidade. Nesse momento, é indispensável o aprofundamento na análise crítica, de fenômenos peculiares do contexto atual, que influenciam na vida das juventudes, a saber: o narcisismo, o consumismo, as novas tecnologias, a busca por espiritualidades sem religião e o surgimento de movimentos conservadores. Todas essas características, de alguma forma, são resultantes das tensões e transformações globais. A identificação de especificidades contextuais, demonstra o valor da formação das consciências juvenis, como uma resposta aos desafios atuais.

Essa análise panorâmica dos desafios da atualidade, demonstra como eles influenciam no modo de viver ético dos jovens na sociedade. A partir dos desafios atuais surgem os novos modos de conceber o ser humano e a sociedade. Com isso, verifica-se a essencialidade de se formar as consciências, com o objetivo de preparar as novas gerações para uma compreensão

mais crítica e reflexiva sobre o mundo que está ao redor. A questão que perpassará esse tópico será: como a formação da consciência, pode auxiliar os jovens a uma vida ética, diante dos desafios atuais?

A formação da consciência, de acordo com Faus é indispensável para que os seres humanos, submetidos as influências de seu meio, possam fazer boas escolhas (FAUS, 2017, p. 64). Uma consciência bem formada, é essencial para auxiliar os jovens no processo de discernimento, diante dos desafios presentes, com a finalidade de tomarem decisões éticas, assertivas e equilibradas.

Portanto, a importância de formar as consciências, especialmente diante das crises e das contribuições globais, reside em ajudar os jovens a se tornarem mais conscientes de seu papel no mundo, capazes de fazer escolhas fundamentadas e de participar ativamente na construção de uma sociedade mais ética e justa. Essa formação crítica da consciência também é uma forma de resistência, permitindo que as novas gerações não se deixem consumir por discursos vazios ou interesses que não favorecem seu bem-estar da sociedade.

1.4.1 O narcisismo na vida dos jovens de hoje

A sociedade hodierna é influenciada amplamente pela cultura do narcisismo, impulsionada pelas novas tecnologias e pelo sistema econômico capitalista neoliberal. Numa simples sondagem pelas redes sociais, é possível a percepção rápida, de postagens egocêntricas. Geralmente nas publicações sempre é transmitida a imagem de um ser humano plenamente realizado, bem-sucedido, feliz e perfeito. A sensação, é que não existe espaço, para a frustração, a tristeza e a imperfeição. Esse egocentrismo, é igualmente propagado pela ideia de sujeito belo, frente a essa questão, nota-se o aumento das academias, clínicas de estéticas e comércios em torno da beleza.

Atualmente, se fortaleceu também a ideia do autocuidado. É importante não confundir esse cuidado com narcisismo. Autocuidado é a prática de cuidar de si mesmo, de forma consciente, para manter a saúde e o bem-estar, envolve cuidados físicos, emocionais e mentais. Desse modo, o objetivo é criar uma reflexão crítica, referente aos malefícios que a cultura narcisista produz na vida dos jovens contemporâneos. Para isso, inicialmente é relevante compreender o surgimento do termo narcisismo. Segundo Martos,

O conhecido mito grego nos narra que uma ninfa se enamorou de Narciso e este não lhe correspondeu. Enquanto fugia dela, fica admirado diante de sua

própria imagem refletida nas águas de um rio, e se enamora perdidamente de si mesmo, que o leva a lançar-se na água e morrer afogado (MARTOS, 2018, p. 60).

O termo narcisismo se origina dessa história de Narciso, que demonstra um amor acentuado por si mesmo, levando-o a morte. Dessa forma, o narcisismo é essa busca obsessiva pelo próprio “eu”, “descrito sem tecnicismos psicológicos, mas numa linguagem a meio caminho entre a antropologia, a moral e a espiritualidade, o narcisismo é a atitude de quem vive encerrado na autocontemplação” (MARTOS, 2018, p. 60).

O narcisista é uma pessoa que adora e cultua o seu próprio “eu”. O problema, surge porque um ser humano narcísico imagina, de forma errônea, que tudo gira ao seu redor. Ele é incapaz de colocar o outro como prioridade. Para Martos, a pessoa narcisista “tem sérias dificuldades, de conhecer e amar um ‘tu’ distinto dele próprio” (MARTOS, 2018, p. 60). As formas de expressões do narcisismo são diversas: “egocentrismo; amor de si; fechamento sobre si mesmo, sobre os próprios problemas, inclusive os espirituais; preocupação exclusiva por si mesmo. Foi definido como a ‘enfermidade psicológica de nosso tempo’” (MARTOS, 2018, p. 60).

Aprofundando a questão narcisista, do ponto de vista psicanalítico, Dentz, apresenta que o narcisismo é uma “concepção que se refere a um conceito desenvolvido por Freud para descrever a fixação ou o amor excessivo por si mesmo. Segundo a psicanálise, o narcisismo é uma fase normal do desenvolvimento psicosssexual humano, mas quando persiste de forma patológica na vida adulta, pode levar a problemas psicológicos” (DENTZ, 2024, p. 487). Dessa forma, pode-se afirmar que é normal o ser humano passar por fase da vida, onde ele está mais voltado para si. O problema referente ao narcisismo acontece quando o ser humano não evolui dessa fase e passa a vida toda centrado em si.

Para fundamentar, seu pensamento, Dentz utiliza como base os estudos do psicanalista Christopher Lasch, que foi um crítico social conhecido por sua análise da cultura contemporânea e do narcisismo na sociedade moderna. Com isso, Dentz defende que a cultura ocidental está passando por uma mudança séria, onde as pessoas estão desenvolvendo uma personalidade narcisista. Para Dentz, isso acontece porque as pessoas são influenciadas pelo consumismo e pela busca de uma gratificação imediata (DENTZ, 2024, p. 487). Diz ele que,

Lasch argumentava que a sociedade consumista enfatizava o individualismo e a autoestima inflada, promovendo uma mentalidade narcisista. Ele afirmava que as pessoas estavam cada vez mais focadas em si mesmas, buscando satisfação pessoal e gratificação imediata, sem se preocupar com o bem-estar dos outros ou com o impacto de suas ações na comunidade. Essa mentalidade

narcisista resultava em relações sociais superficiais, falta de comprometimento e uma busca incessante por estímulos e prazeres efêmeros (DENTZ, 2024, p. 487).

A sociedade presente, marcada pelo consumismo e o advento das novas tecnologias, pode criar seres humanos narcisistas. Uma questão levantada que provocava preocupações, pelo autor, são os resultados do narcisismo que leva as pessoas a se tornarem superficiais em suas relações humanas, preocupadas apenas com aquilo que possa trazer um prazer momentâneo.

Outro fator, que tem intensificado a cultura narcisista são as mídias sociais. Esse fenômeno do narcisismo, valorização do próprio “eu”, se evidencia, nas interações nas redes sociais, onde a pessoa busca constantemente a validação externa, seja por meio de curtidas, seja pela admiração contínua dos outros. As juventudes acabam até perdendo a sua identidade autêntica, sua originalidade e vivem de aparências.

Para Dentz, a indústria cultural produzida pela mídia, promovem um ideal de vida tendo como base a aparência e o consumismo exige do ser humano uma autoafirmação constante. Assim, segundo Dentz “a cultura do narcisismo estava minando a capacidade das pessoas de desenvolverem relacionamentos significativos, compromissos duradouros e um senso de propósito e significado na vida” (DENTZ, 2024, p. 487).

Nessa cultura, onde o ser humano somente pensa em si, cria as seguranças humanas na satisfação e felicidade imediata, conforme Dentz, contribui “para uma sensação de vazio interior e insatisfação crônica” (DENTZ, 2024, p. 487). Dentz, ainda defende em seu pensamento que a cultura narcisista, faz com que as pessoas percam valores profundos, como solidariedade, fraternidade, responsabilidade sociais:

Em suma, Lasch e sua crítica ao consumismo e à cultura do narcisismo destacaram a preocupação com os efeitos psicológicos e sociais de uma mentalidade voltada para o eu, que prioriza a gratificação imediata, a autoestima inflada e o consumo desenfreado. Ele argumentava que essa mentalidade narcisista estava enfraquecendo os laços comunitários, a solidariedade social e o desenvolvimento de relacionamentos significativos (DENTZ, 2024, p. 487).

Outro aspecto preocupante do sujeito atual, é o cuidado excessivo com a própria imagem se manifesta tanto na atenção voltada para o corpo, quanto na busca incessante por uma saúde perfeita e inabalável. Dessa maneira, o corpo assumiu a centralidade na vida cotidiana das pessoas. Para Dentz,

Nem Deus, nem tampouco a alma, ocupam mais lugar de destaque na cosmologia íntima do sujeito na contemporaneidade – apenas o corpo. Portanto, se o bem supremo se aloja no corpo, a saúde se transformou no nosso ideal supremo. Estamos, assim, num estado de estresse permanente (DENTZ, 2024, p. 484).

Os jovens narcisistas, investem fortemente em seus corpos, em busca daquilo que padrão de beleza dominante, apresentados pelos meios de comunicação e o sistema consumista. Eles desejam a admiração das outras pessoas e possuem medo de não serem desejados. Verifica-se um desesperado anseio pelo perfeccionismo corporal.

Na atualidade, para Libanio, “vale mais a aparência do que a consistência do existir” (LIBANIO, 2013, p. 239). Segundo Libanio, o narcisista é egoísta, exibicionista e apático, quer elogios a todo instante e sempre deseja ser o centro das atenções. Dessa forma, no tempo presente, a aspiração por um corpo belo não tem limites e o investimento financeiro é acentuado. Diz Libanio, “esmera-se no cuidado com o corpo. Multiplicam-se as academias, não intelectuais, mas de ginástica, de esporte, do físico. Modela-se cada vez mais o corpo como obra de arte” (LIBANIO, 2013, p. 237).

A geração de jovens narcisista, submetem o corpo a uma rotina de exercícios pesados nas academias. É visível também a busca por uma alimentação que ajude a modelar os corpos nos padrões de beleza atuais. Se antes existiam os jejuns por conta da vida espiritual, hoje há jejuns forçados em busca de um padrão de beleza, “os jovens caem fortemente sob a escravidão da ‘rigorosa disciplina da indústria da forma’, ‘enganosamente chamada de indústria da saúde’” (LIBANIO, 2013, p. 238).

Os impasses relacionados a beleza física sempre estiveram presentes na história. Mas, conforme Ullrich e Rocha, na contemporaneidade, essa procura por beleza física, facilmente é notada, “seja por meio do excesso de exercícios físicos, cirurgias plásticas, uso de anabolizantes, ou quaisquer outros meios para a súbita alteração facial ou corporal” (ULLRICH; ROCHA, 2019, p. 46). Vive-se um tempo da cosmética e estética, onde tudo é permitido em vista de uma boa aparência.

É importante fazer uma breve menção que existem também os jovens que vivem num outro extremo que é o sedentarismo e o desleixo total do corpo. Dessa forma, “coexistem duas tendências opostas, mas inseridas no contexto atual: a sedução do corpo bonito e forte, de um lado e, de outro, o crescente [...] descuido do corpo” (LIBANIO, 2013, p. 240). Esse último ponto tem sido menos discutido, nos meios de comunicação, que se propõem na época presente, enaltecer a figura do corpo e propagar a cultura do narcisismo, visando o sistema econômico

vigente. Destaca-se, que não se pretende desprezar a questão sedentária. Porém, para essa pesquisa acadêmica, almeja-se chamar a atenção para a cultura narcisista atual.

Em síntese, o tempo presente é caracterizado por um excesso de narcisismo, que atinge os jovens. No ambiente juvenil, onde a tendência da supervalorização do “eu” como cerne do universo está em alta, é nítido a busca por reconhecimento, por parte dos jovens. Tudo isso acontece, como verificamos, por meio do consumismo, das redes sociais e do enaltecimento dos corpos, para se enquadrarem nos padrões de beleza, ratificados pela sociedade atual. Nesse contexto narcísico, surgem a pergunta: É possível formar a consciência de juventudes que vivem de forma egocêntrica? É missão eclesial, auxiliar na formação dos jovens, para que tenham uma consciência crítica, frente ao fenômeno atual do narcisismo.

1.4.2 Juventudes conectadas: o impacto das novas tecnologias na geração atual

As novas tecnologias penetraram, de modo intenso, em todas as esferas da atividade humana e na vida das juventudes em particular. Dessa maneira, a abrangente expansão das tecnologias e dispositivos digitais, vem alterando as formas de comunicação e interação entre as pessoas. Assim, é possível observar o impacto do uso da tecnologia ao longo da vida, em todo ciclo vital do ser humano, desde a infância até a fase idosa, distinguindo-se conforme as necessidades e interesses de cada público.

Esse universo das novas tecnologias, trouxe encantos e facilidade, proporcionado a humanidade vários benefícios, a saber, lugar de acesso rápido as informações, conhecimento, economia de tempo, diminuição de barreiras culturais e territoriais, e muitos outros pontos positivos. Em contraponto, observa-se que as novas tecnologias impactaram a vida dos jovens negativamente, gerando caos, dependência, isolamento, perda progressiva de contato com a realidade concreta, exploração, manipulação e muitos outros malefícios. Portanto, frente aos desafios virtuais, fica evidente a importância de formar bem a consciência crítica dos jovens.

Um grupo de psicólogos - Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes - aprofundou sobre esse fenômeno de crescimento das novas tecnologias e dispositivos digitais. Antes de abordarmos propriamente os benefícios e malefícios das novas tecnologias, mais especificamente na vida das juventudes, é necessário compreendermos um viés histórico das tecnologias. Segundo os autores, as tecnologias na sua origem possuíam apenas a utilidade de trabalho, somente com o passar do tempo, elas ganharam a função de entretenimento, como verificamos hoje. Afirmam eles,

Com seu início no século XIX, a tecnologia surge não como entretenimento, mas, como ferramenta de trabalho. Os primeiros computadores eletrônicos foram desenvolvidos no período da II Guerra Mundial, como instrumento de processamento de cálculos matemáticos destinados a solução de balística e decifração de códigos criptografados (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 168).

No percurso histórico, após a criação do computador, surgem também outros dispositivos como: impressoras, fitas magnéticas e discos para armazenamento (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 168). Com o passar do tempo, observamos que os computadores vão evoluindo de forma rápida, ganhando novas funções além da otimização de tempo no trabalho.

Com o crescente progresso das tecnologias na humanidade, surge a internet, que mudou totalmente a forma de comunicação das pessoas. Os autores afirmam que:

O desenvolvimento tecnológico e científico facilitou a integração e potencializou os recursos que resultaram na Internet, que se tornou uma ferramenta global que liga os computadores e demais equipamentos proporcionando: o registro, produção, transmissão e recepção de variadas informações, auxiliando a comunicação entre pessoas em diferentes partes do mundo (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 168).

A internet tornou-se um meio de comunicação mundial e de fácil acesso ao público na década de 1990, possibilitando a aproximação das pessoas, assumindo definitivamente o papel global no cotidiano da sociedade moderna. Com isso, segundo Nentwig e Zanon, “são cada vez mais raras as pessoas consideradas desconectadas” (NENTWIG; ZANON, 2018, p. 91). Conforme Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes, inclusive “as Nações Unidas já reconhecem o uso da Internet como direito humano básico por sua possibilidade transformadora de inserir o sujeito no exercício social e político (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 168).

O cogito cartesiano da atualidade é “conecto, logo existo”. A vida gira em torno dessa realidade. Conforme Martos, “as relações estabelecidas através das novas tecnologias estruturam a concepção do mundo, da realidade e das relações pessoais” (MARTOS, 2018, p. 58). No tempo presente, é difícil pensarmos na humanidade, sem o apoio das novas tecnologias.

Com a velocidade do progresso tecnológico, os computadores vão ficando mais compactos e rápidos. Surgem os dispositivos de celulares que também evoluem rapidamente, oferecendo conforto as pessoas. Dessa forma, afirmam Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes, que:

É perceptível que a tecnologia, tais como televisão, computador, celular, *tablet*, dentre outros, tornam-se cada vez mais alcançáveis à maioria da população. Pessoas de várias faixas etárias possuem acesso ao computador, *smartphones*, conectados à internet, esse uso da tecnologia constitui parte da vida diária da sociedade (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 169).

Para esses estudiosos de psicologia - Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes - é evidente que o uso moderado das novas tecnologias ofereceram inúmeros benefícios em diversas áreas humanas, como: saúde, ao facilitar o acesso a informações relacionadas ao contexto médico; educação, ao possibilitar a transmissão de conhecimentos específicos de todo o mundo; trabalho, ao otimizar a comunicação por meio da rapidez nas relações comerciais; e nos relacionamentos interpessoais, pela praticidade na comunicação (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 167).

Em contraponto, os autores defendem que o uso tecnológico exagerado, proporciona também alguns malefícios a vida do ser humano, a saber:

O uso excessivo de tecnologias tem que levar em conta os prejuízos psicológicos capazes de se observar por meio dessas conexões: se existe perda ou empobrecimento das relações interpessoais, mudanças de humor, alteração da percepção do tempo, tendência de substituir o mundo real por um lugar virtual, no qual se tenta construir seu próprio mundo pessoal, a quantidade de tempo diante desses dispositivos entre outros aspectos (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 169).

Nota-se que o uso exacerbado das novas tecnologias – dispositivos digitais e internet – produzem impactos negativos na vida do ser humano. Nesse estudo psicológico, os autores afirmam que a pessoa humana, na fase juvenil é a mais afetada negativamente pelas novas tecnologias (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 170).

As novas tecnologias, instituíram uma novidade na forma de viver. Segundo o Papa Francisco, “a *web* e as redes sociais criaram uma nova maneira de se comunicar e criar laços” (FRANCISCO, 2019, n. 87). Essa nova forma de vida atinge fortemente a vida juvenil. Para Nentwig e Zanon:

O novo jeito do jovem ser e interagir tem suas raízes nessa comunicação em rede. Ele respira e vive na chamada ambiência midiática, uma teia de novas tecnologias em que se pode ser, rapidamente: ouvido, visto e considerado. Comunicar não é, portanto, apenas uma questão instrumental, mecânica e unidirecional, é, inicialmente, interrelacional, é vida (NENTWIG; ZANON, 2018, p. 91).

Uma considerável parcela dos jovens tem acesso às novas tecnologias. Dessa forma, muitos jovens, do presente, se comunicam, por meio da internet. Nas redes sociais eles constroem seus próprios perfis, compartilham postagens que refletem suas vivências, expressam sentimentos, divulgam pensamentos, defendem seus ideais e realizam diversas outras atividades.

Constata-se, conforme Brito, que “as redes sociais na internet constituem atualmente um importante lugar de pertencimento na vida cotidiana dos jovens. Em maior ou menor escala, todos sentem necessidade desse tipo de interação, independente da camada social a que pertençam” (BRITO, 2023, p. 202). Os jovens sentem que a vida passa também pelo mundo virtual, de modo que “a necessidade de conexão passa a ser item básico na vida da juventude” (NENTWIG; ZANON, 2018, p. 91). Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes, não observam essa questão com positividade. Então apresentam os perigos das novas tecnologias; segundo eles,

Os adolescentes são vistos como um segmento social, que é mais vulnerável às transformações tecnológicas, uma vez que estas tornaram-se algo constante na vida dos adolescentes, por meio do uso de aplicativos digitais, tais como jogos, redes sociais, sites de relacionamento, videogames. O uso excessivo da internet pelos adolescentes vem alterando a forma deles interagirem, inibindo a interação física e gerando um comodismo, podendo causar problemas sociais como a separação do indivíduo do convívio social, chegando à solidão e à depressão (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 170).

As novas tecnologias digitais têm um impacto significativo sobre a vida social dos jovens. De acordo com Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes, esses impactos são, em grande parte, negativos, afetando a saúde física e mental da juventude. Em face desse contexto, os autores apresentam um estudo que comprova os prejuízos causados pelas novas tecnologias na vida dos jovens. Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes, dizem:

Um estudo feito pelo Dr. Larry Rosen, em 2012, na Califórnia, que teve o objetivo de observar o comportamento dos adolescentes que utilizam as tecnologias digitais, de forma excessiva, mostrou que eles, podem desenvolver características narcisistas, ter comportamento antissocial, tendências agressivas, manias, distúrbios do sono, ansiedade, depressão, problemas na linguagem escrita e transtornos de atenção e aprendizagem, sendo estas, umas das disfunções mais comuns entre esses adolescentes (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 170).

Ao analisar esses estudos, observa-se que o uso contínuo das novas tecnologias, em particular da internet, impede o pleno desenvolvimento dos jovens, colocando-os, inclusive, em

risco de adoecimento. Para os psicólogos - Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes - o uso excessivo da internet, é capaz de provocar uma confusão do real com o virtual.

Os autores, apresentam em seus estudos que o virtual não pode ser real. Eles afirmam, que muitas vezes, os jovens “apegam-se às redes sociais, porque lhes dão a impressão de que não estão solitários e infelizes, via amigos virtuais e compartilhamentos de informações” (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 170). Nota-se o risco, dos jovens viverem uma ilusão. Para Lemos,

Numa era de cultura digital, os jovens enfrentam muitos desafios e frustrações que podem limitar seus horizontes de realizações. Hoje com um *click* o jovem tem acesso ao infinito, contudo, é preciso gerar consciência e responsabilidade, a fim de que o jovem utilize a cultura digital sem torna-se escravo ou objeto dela (LEMOS, 2022, p. 36).

É necessário reconhecer que o uso das novas tecnologias pelos jovens gera uma série de questões difíceis de abordar, e até riscos reais. Por isso, observa-se uma crescente valorização da importância de formar consciências críticas nesse ambiente virtual, de modo a auxiliar as juventudes a refletirem com seriedade sobre os prejuízos do uso excessivo dessas tecnologias para a vida. Nessa perspectiva, é de grande importância que a comunidade eclesial colabore para que os jovens reencontrem o valor do que é real, sem desconsiderar os benefícios proporcionados pelas tecnologias.

Portanto, as novas tecnologias – dispositivos digitais e internet – são a realidade das juventudes. No entanto, elas nunca irão substituir a necessidade de contato humano, para Dentz “por mais que tentemos viver exclusivamente (ou o maior número de horas possíveis) no mundo virtual, temos necessidades humanas básicas e fundantes da nossa existência. Precisamos, antes de tudo, de afetos!” (DENTZ, 2023, p. 124). No contexto presente, é impossível a negação das novas tecnologias, tendo em vista, que muitas necessidades humanas dependem delas. Por isso, é fundamental a formação de consciências críticas, das juventudes, com a finalidade de utilizarem os avanços tecnológicos com equilíbrio, absorvendo o que eles oferecem de melhor.

1.4.3 O impacto da cultura consumista na vida dos jovens

O ser humano, sempre está à procura de algo que possa dar sentido para sua vida. Existe uma busca interior, existencial e incessante pela realização pessoal. Essa inquietação pela felicidade é boa, pois faz com que o sujeito não seja um parasita. O drama se origina, na atualidade, quando a compreensão de êxito, bem-estar e alegria, é sinônimo de “ter” algo. Essa

é a visão produzida pelo sistema capitalista neoliberal, que propaga a ideia do “ter”, como maneira das pessoas sanarem suas inquietações humanas e encontrarem o sucesso. Conseqüentemente, essa ideia de bem-estar, produzida pelo capitalismo neoliberal, atinge as juventudes hodiernas.

Atualmente, a trajetória da humanidade encontra-se condicionada a um sistema econômico-financeiro predominantemente estruturado pelo capitalismo neoliberal. Segundo Pagola, “a dinâmica imposta por esse sistema é irracional e desumana” (PAGOLA, 2022, p. 26), pois gera desigualdade social. De um lado, favorece o acúmulo financeiro e de bem-estar pelos povos mais poderosos. Em contrapartida, gera pobreza, fome e morte nas populações mais necessitadas do planeta. Com isso, podemos afirmar que o sistema capitalista neoliberal gera desigualdade social entre as pessoas.

A dinâmica imposta pelo sistema capitalista neoliberal, visa o lucro e não a pessoa humana. Dentro da lógica capitalista, de competitividade, o mais fraco sempre perde, sendo apenas um objeto de produção. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*” critica fortemente a economia, do contexto presente, que gera desigualdade e exclusão. Afirma ele:

Tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais o fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que pode usar e depois lançar fora (FRANCISCO, 2019, n. 53).

As questões relacionadas às desigualdades e exclusões, frequentemente, se manifestam, muitas vezes, de maneira velada. O sistema capitalista neoliberal se apresenta sempre de forma bela e vindo ao encontro das necessidades humanas. No entanto, como o pontífice católico afirma, essa economia gera exclusão, indo na contramão do Evangelho.

O sistema econômico capitalista neoliberal transformou, muitas pessoas, em dependentes da constante ânsia por acumulação. Existe uma cultura incutida no modo de pensar das pessoas, da necessidade do acúmulo de coisas. É preciso “ter” algo, para “ser” alguém no mundo atual. Com isso, Pagola tece a crítica, “precisamos de mais produtividade, mais bem-estar, mais tecnologia, mais competitividade, mais poder sobre os outros. Assim, nos países mais desenvolvidos, chegou-se à loucura do consumismo. O *slogan* que rege essas sociedades é claro: ‘Se você quer ser feliz, tem que consumir’” (PAGOLA, 2022, p. 26).

No contexto presente, somos bombardeados por diversas informações que levam a criar uma cultura de consumo. Para Prado, “exemplo claro são as propagandas que afirmam que quem consome determinados produtos se sente mais feliz” (PRADO, 2018, p. 21). A palavra consumo se tornou sinônimo de felicidade, na sociedade contemporânea.

Tudo isso, se intensifica de maneira impressionante pelas novas tecnologias e meios de comunicações sociais que encantam e atraem as pessoas, difundindo amplamente a ideia de consumo. Libanio, confirma esse pensamento, afirmando que “a mídia estampa por todas as partes fotografias de rapazes e moças bonitos, sorridentes, felizes com Coca-Cola na mão ou vestindo algum tipo de roupa. A propaganda explora-lhes a leveza de vida e confirma-os na ideologia da felicidade imediata, presente” (LIBANIO, 2013, p. 247).

Para Pagola, estamos marcados por uma cultura de assédio, tendo em vista, que

Somos bombardeados com todo tipo de ofertas: viagens, férias com descontos tentadores, restaurantes com diferentes estilos de gastronomia, os últimos modelos de roupa de diferentes marcas, os celulares mais sofisticados do ano, computadores, *tablets*, *smartphones*, automóveis (PAGOLA, 2022, p. 27).

Tudo se torna comércio, no contexto presente, com o discurso tentador de que os produtos e experiências compradas, podem trazer prazer ao ser humano.

Essa busca desenfreada por felicidade e bem-estar, faz com que a vida se resuma na compulsividade, de aquisição de produtos e acúmulo de bens. Essa forma de vida, enquadrada na cultura consumista, impacta de modo especial as juventudes. Para Martos, “a proposta de vida que mais se propaga entre os jovens atuais vem centrada na busca onímoda do próprio bem-estar por caminhos consumistas” (MARTOS, 2018, p. 57).

No capitalismo neoliberal, os jovens se tornam sujeitos de grande interesse e importância para a manutenção do sistema. Segundo Tomazi, “os jovens passaram a ser altamente atrativos como força de trabalho, adaptação rápida às novidades tecnológicas e como população consumidora” (TOMAZI, 2013, p. 106). Dessa forma, os jovens nascidos no tempo presentes, são incorporados por essa cultura. Bauman, tece a crítica ao sistema capitalista neoliberal, afirmando que os jovens são vistos apenas como um novo mercado. Diz ele,

Pensa-se sobre a juventude e logo se presta atenção a ela como ‘um novo mercado’ a ser ‘comodificado’ e explorado. ‘Por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias de mídia, como telefones celulares’, as instituições empresariais buscam ‘imersão os jovens num mundo de consumo em massa, de maneiras mais amplas e diretas que qualquer coisa que possamos ter visto no passado’ (BAUMAN, 2013, p. 52).

Percebe-se a importância de formar a consciência juvenil, a fim de que os jovens não se reduzam a objetos dentro do sistema econômico vigente. Bauman, em seu pensamento, demonstra que no tempo presente, a cultura de consumo tem envolvido os jovens de forma intensa. Em geral, o consumismo cresce de forma acelerada. Para Pagola,

É cada vez mais difícil escolher: o melhor é acumular produtos, um após o outro. Precisamos consumir tudo o que pudermos, e quanto antes, melhor. Tudo está ao nosso alcance. Devemos continuar consumindo, desenvolver nossa capacidade de consumir cada vez mais, buscar experiências mais novas e prazerosas (PAGOLA, 2022, p. 27).

Conforme Pagola, esse modo de vida, marcado pela cultura de consumo, pode gerar um impacto profundo nas pessoas. O teólogo, descreve de maneira precisa as consequências dessa sociedade constantemente influenciada pelas correntes da moda, da publicidade e das tendências: “O risco é se reduzir a uma identidade nebulosa, sem laços afetivos firmes, sem referências sólidas, sem alternativas de escolha e de pertencimento, sem capacidade de decidir sobre a própria vida” (PAGOLA, 2022, p. 28). Sinteticamente, a cultura de consumo, pode provocar saturação no ser humano.

Para Pagola, o grande drama do consumismo, é que a pessoa, mais especificamente os jovens, sustentarão sua existência com necessidades artificiais, habilmente criadas pela sociedade de consumo. Tais necessidades, que provêm de fontes externas, não saciam verdadeiramente as carências e desejos que emergem do seu interior da pessoa. Dessa forma, conforme Pagola, “a autonomia de cada um, tão almejada desde o início da modernidade, acaba sendo asfixiada por uma cultura de consumismo que não nos permite ser nós mesmos” (PAGOLA, 2022, p. 28). O ser humano, de certo modo, perde a sua identidade e liberdade.

O teólogo ainda adverte que nessa sociedade consumista a pessoa, muitas vezes, é movida pelas sensações, perdendo a capacidade de abertura a experiências profundas. Para Pagola, em tempos de consumismo, não existe tempo e espaço para reflexões pessoais, de modo que não se busca o sentido mais profundo da existência. Dessa maneira, o teólogo adverte que “a identidade das pessoas fica viciada. Seu comportamento se torna cada vez mais difuso e compulsivo. É por isso que o recém-falecido sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman falou tanto sobre *modernidade líquida, vida líquida, amor líquido*” (PAGOLA, 2022, p. 28).

Portanto, verifica-se que os jovens, do contexto presente, são afetados intensamente, pela cultura consumista, promovida pelo sistema econômico capitalista neoliberal. Surge o desafio de auxiliar os jovens a suscitarem uma consciência crítica, frente a essa cultura

econômica atual. A formação de consciência, é de suma necessidade, para que os jovens não percam a sua identidade e liberdade.

1.4.4 Juventudes: busca por sentido e espiritualidade

Atualmente, observa-se uma crescente busca por espiritualidades que dão sentido à vida. Ao abordar essa temática, é fundamental, inicialmente, compreender a distinção entre as espiritualidades e a fé dogmática difundida pelas instituições religiosas. Em seguida, analisa-se alguns fenômenos ligados à espiritualidade que emergem no contexto atual e como eles afetam propriamente a vida dos jovens. Frente a essa visão panorâmica das espiritualidades no contexto presente, verifica-se que a formação da consciência, pode ser um caminho para auxiliar os jovens a encontrarem o que buscam, isto é, um sentido para a existência.

Segundo Dentz, a “espiritualidade diz respeito à experiência singular de cada sujeito, a uma capacidade de autotranscendência do ser humano que independe de rituais, celebrações ou dogmas de determinada estrutura de pensamento religioso” (DENTZ, 2023, p. 120). Dessa forma, a busca por espiritualidade é inata no ser humano, não dependendo propriamente da instituição religiosa.

Dentz, apresenta uma alegoria interessante que demonstra a distinção entre as religiões e espiritualidades. Para ele:

As religiões são água canalizada, não devendo, portanto, serem confundidas com a fonte que lhes dão vida, que é a própria espiritualidade. Segundo o autor, a dimensão espiritual é a fonte de onde emerge a fé, experiência sensível que por ser íntima e profunda faz com que a dimensão espiritual se manifeste em cada indivíduo de um modo singular, sem que necessariamente tenha que apontar na direção de qualquer crença religiosa (DENTZ, 2023, p. 120).

Essa visão, apresentada por Dentz, permite compreender que a experiência espiritual seja vivida de forma individualizada, independentemente de uma tradição religiosa ou de crenças dogmáticas. A espiritualidade, é demonstrada como algo mais amplo e flexível, enquanto as religiões seriam apenas formas organizadas de expressar ou canalizar essa experiência transcendente, conforme confirma Cristino: “a religião envolve crenças concretas legitimadas por uma instituição socialmente estruturada” (CRISTINO, 2024, p. 53). Dessa maneira, ao reconhecer que a espiritualidade pode existir de forma independente das religiões, Dentz abre espaço para refletir sobre o fenômeno de busca por espiritualidades que deem sentido à vida.

Conforme Vieira e Senra, a espiritualidade é uma dimensão essencial do ser humano e está diretamente ligada ao desenvolvimento pessoal e à compreensão do propósito profundo da vida (VIEIRA; SENRA, 2020, p. 609). De acordo com os autores:

A espiritualidade costuma ser pensada como uma dimensão antropológica fundamental, algo que, apesar de ser independente de qualquer instituição ou doutrina religiosa é reconhecida como uma dimensão a ser cultivada, dado que a todo ser humano é facultada a pergunta pelo sentido de sua existência e do mundo em que se encontra (VIEIRA; SENRA, 2020, p. 609).

Cristino confirma essa ideia, afirmando que espiritualidade e sentido da vida estão interligados (CRISTINO, 2024, p. 11). Tendo em vista, que por meio da dimensão espiritual o ser humano, pode dar um sentido para a própria vida. É importante ressaltar que a espiritualidade surge sem demandar uma religiosidade, de modo que ocupa um lugar maior do que as religiões institucionalizadas e formalmente reconhecidas (CRISTINO, 2024, p. 64).

Dentz, argumenta que essa busca por sentido e espiritualidade, sem a presença das instituições religiosas, pode se tornar intensa, especialmente para os jovens (DENTZ, 2024, p. 484). Conforme Dentz, as religiões geralmente propõem um caminho normativo a ser seguido pela pessoa. Sem a presença da instituição religiosa, os jovens precisam construir esse caminho, o que torna a busca por sentido mais complicada, pois a ausência de uma orientação clara pode gerar incertezas e questionamentos sobre qual direção tomar, em relação ao sentido existencial. Afirma Dentz:

Na contemporaneidade, a busca por sentido parece ser uma tarefa desafiadora, especialmente para a juventude. As antigas estruturas tradicionais de significado, como as religiões institucionalizadas, perderam parte de sua influência, deixando um vácuo que muitas vezes é preenchido por buscas individuais e pluralidade espiritual (DENTZ, 2024, p. 484).

A citação de Dentz, oferece uma análise pertinente sobre os desafios enfrentados pelos jovens no mundo atual, na busca por sentido na vida. Os jovens, que estão em fase de formação da própria identidade, são profundamente impactados por essa crise de referências tradicionais. As estruturas institucionais, muitas vezes, não conseguem dialogar com as rápidas transformações da sociedade e as constantes mudanças de paradigmas juvenis, gerando o clima de instabilidade.

Castilho, confirma esse pensamento, dizendo que as grandes instituições, como religião e família, estão indo mal (CASTILHO, 2010, p. 23), porque apresentam dificuldades para acompanhar as mudanças aceleradas de valores do tempo presente. Com isso, a ausência

de uma estrutura tradicional de valores pode gerar um sentimento de confusão e desamparo, fazendo com que os jovens busquem novas alternativas, com a finalidade de encontrar um caminho a ser trilhado, que dê sentido à vida.

Dentz, também cita o descrédito das instituições tradicionais na atualidade. Para o autor, muitas vezes, as doutrinas e normas pregadas, estão distantes da vida humana, de modo que não são mais suficientes para responder às questões existenciais de muitas pessoas. Dessa forma, segundo Dentz, “a dinâmica espiritual contemporânea, marcada por uma diversidade de crenças e práticas, reflete não apenas a busca por sentido, mas também a resistência a estruturas rígidas que não dialogam com a realidade complexa e multifacetada da experiência humana” (DENTZ, 2024, p. 484).

Conforme Dentz, as pessoas procuram novas formas de espiritualidade que se adaptem às suas necessidades, afastando-se das convenções tradicionais e abraçando práticas mais flexíveis e pluralistas. Afinal, como afirma o autor: “não vivemos mais uma sociedade vertical, mas horizontal, as relações são construídas e não impostas” (DENTZ, 2024, p. 488). Nesse novo contexto moderno, as instituições rígidas que impõem seus pensamentos, perdem força, e as pessoas buscam espiritualidades mais horizontais, baseadas no diálogo e na troca.

O cenário atual vai se tornando desafiador para os jovens que desejam um propósito para a vida. Em meio às mudanças culturais e sociais, os jovens se veem diante da necessidade de explorar diversas possibilidades espirituais, muitas vezes, construindo suas próprias narrativas de sentido (DENTZ, 2024, p. 484). Porém, essa procura livre, por espiritualidades que possam dar sentido à existência, não é simples, uma vez que o sujeito tem a responsabilidade de lidar com a ausência de respostas prontas. Dessa forma, segundo Dentz:

O desafio para a juventude contemporânea está em conciliar a busca por sentido com a aceitação da complexidade e da incerteza inerentes à condição humana. A pluralidade espiritual e a diversidade de perspectivas podem ser encaradas como oportunidades para enriquecer a compreensão do mundo e promover um diálogo construtivo entre diferentes visões de sentido (DENTZ, 2024, p. 484).

Dentz reafirma, de forma clara, que é desafiador para a pessoa humana, no mundo presente, não seguir uma instituição religiosa tradicional, pois isso gera angústias, inseguranças e dúvidas. No entanto, o autor também evidencia a beleza da pluralidade espiritual, como um caminho capaz de conferir sentido à vida humana, auxiliando na compreensão do diferente e na criação de uma cultura de abertura, fraternidade e diálogo.

Na visão de Dentz, a pluralidade espiritual representa uma chance de aprofundar a compreensão sobre o mundo. Dessa maneira, a multiplicidade de visões de sentido oferece aos jovens a chance de explorar diferentes formas de vivenciar e compreender a espiritualidade, permitindo-lhes construir uma experiência mais pessoal e adaptada às suas necessidades individuais.

Ao falar de espiritualidades pessoais e plurais, é interessante um breve olhar panorâmico de alguns fenômenos religiosos dos tempos atuais. Conforme Libanio, um deles é a multiplicação de movimentos espiritualistas, que simplesmente tentam sanar os dramas existenciais das juventudes. Libanio, fala que esse fenômeno é marcado pela mistura de crenças pessoais, culturais e religiosas, é uma espécie de sincretismo religioso atualizado, fortalecido pelos meios de comunicação social (LIBANIO, 2012, p. 184).

Segundo Libanio, “a internet favorece tal sincretismo religioso, ao divulgar expressões religiosas oriundas de todo tipo e regiões” (LIBANIO, 2012, p. 184). Desse modo, uma parcela dos jovens da atualidade, muitas vezes, acaba vivendo uma espiritualidade de recortes, onde assumem como verdade de fé, o que acham interessante de cada tradição religiosa. O risco dessa espiritualidade é que, esses jovens podem acabar construindo suas crenças, sem uma reflexão crítica.

Para Dentz, esse fenômeno de fusão de espiritualidades e tradições religiosas está em expansão no cenário atual, isto é, verificam-se jovens que não seguem uma religião específica, mas adotam diversas práticas espirituais. Ele afirma:

O jovem sem religião se apresenta multifacetado, podendo agregar em uma única identidade um posicionamento crítico e, ao mesmo tempo, flexível em relação às denominações religiosas. Daí a explicação para o número crescente de jovens que se declaram ‘sem religião’ e sustentam espiritualidades plurais e sincréticas (DENTZ, 2024, p. 489).

Essa tendência reflete a busca dos jovens por uma espiritualidade mais personalizada. Para Vieira e Senra, “o que se observa é que os indivíduos sem religião, além de não participarem de alguma instituição religiosa, ressignificam as crenças que mantêm e rejeitam aquelas que não têm mais sentido segundo os modos de pensar e de viver” (VIEIRA; SENRA, 2020, p. 611). Dessa forma, verifica-se que as pessoas sem uma religião, especialmente os jovens, procuram espiritualidade de acordo com as aspirações e desafios reais e do cotidiano (VIEIRA; SENRA, 2020, p. 611).

Outro acontecimento interessante, segundo Paredes é o surgimento de tradições religiosas que autenticam as espiritualidades individuais (PAREDES, 2018, p. 28). Paredes

afirma que “a religião que emerge se legitima desde as opções individuais e não tanto desde a submissão às instituições” (PAREDES, 2018, p. 28). Verifica-se, o fortalecimento de tradições religiosas, na atualidade, que valorizam as experiências e percepções individuais.

Paredes cita o aumento de adeptos “à religião desde a ‘cultura do eu’ que busca a autorrealização e o bem-estar pessoal” (PAREDES, 2018, p. 28). Aquino, Cristino e Patrício, confirmam essa afirmação, dizendo que na atualidade surge espiritualidade que se ajustam aos significados, interesses e preferência pessoais de cada indivíduo (AQUINO, CRISTINO, PATRÍCIO, 2024, p. 172). Pode-se dizer, que esse fenômeno confirma a mudança paradigmática na forma como a espiritualidade é entendida e praticada no mundo hodierno.

Outro aspecto a se analisar, na sociedade atual, é a ampliação no número de jovens céticos, que se declaram sem nenhum tipo de crença, como afirmar Soler: “a tendência à não crença – em suas formas agnósticas e ateias – também aumentaram” (SOLER, 2013, p. 225). Essa constatação, é importante, pois ela demonstra a existência de jovens que procuram o sentido da vida em outras abordagens. Para Dentz, esse movimento, pode ser visto como uma forma de resistência às normas religiosas que não dialogam com suas experiências ou com a complexidade do mundo atual (DENTZ, 2024, p. 484).

Em contrapartida, diante do intenso desejo por sentido da vida, existe também a tendência do fortalecimento de movimentos tradicionalistas e conservadores¹², que transmitem uma forma de segurança, baseando-se em doutrinas tradicionais e se fechando ao diálogo com a sociedade moderna. Com isso, segundo Dentz, “no que se refere ao discurso religioso, o contexto de globalização acaba produzindo dois movimentos: extremo fechamento das religiões como estratégia para proteção de seus dogmas ou, por outro lado, a abertura de espaços ao sincretismo advindo deste encontro” (DENTZ, 2023, p. 116). Observa-se um verdadeiro paradoxo na busca, do ser humano, para dar sentido à vida.

Diante de um contexto cada vez mais plural, diversificado e complexo, os jovens se deparam com o desafio de encontrar sentido na vida. No entanto, apesar das dificuldades do presente, Dentz afirma que os jovens podem “encontrar na abertura ao diferente e na construção coletiva de significados uma via para a promoção do entendimento mútuo, da paz e da convivência harmoniosa em nossa sociedade diversificada” (DENTZ, 2024, p. 484). Nesse cenário, surge a necessidade de se formar bem a consciência dos jovens, para que sejam autênticos e maduros, capazes de dialogar com as pluralidades do mundo atual.

¹² Essa temática será aprofundada no próximo tópico dessa pesquisa.

Em suma, em meio a esse panorama desafiador, no qual os jovens buscam um sentido para a existência na diversidade de espiritualidades, é fundamental a formação de uma consciência crítica. Tendo em vista, que essa formação permite que os jovens possam viver de maneira harmônica em um mundo plural, respeitando a diversidade de crenças e práticas espirituais. A formação da consciência, nesse sentido se torna essencial para promover o respeito, o diálogo de tradições religiosas e a construção de uma sociedade mais inclusiva.

1.4.5 Entre o passado e o presente: juventudes, tradicionalismo e conservadorismo

As dúvidas e incertezas, por conta das aceleradas mudanças de paradigmas na sociedade atual, geram caos, paradoxos e polarizações. De um lado, ganham força movimentos relativistas e laxistas, do outro se tem a ascensão de correntes voltadas para o tradicionalismo e conservadorismo. Esses extremismos afligem as estruturas humanas da atualidade, inclusive das instituições religiosas. Nesse momento, apresenta-se uma análise do crescimento e fortalecimento, de correntes tradicionalistas¹³ e conservadoras¹⁴. Também, demonstra-se como esses movimentos conservadores têm aderência entre aqueles que vivem o ciclo juvenil.

A princípio, é necessário compreender o movimento histórico dessas correntes tradicionalistas, que tem a sua origem como uma forma de defesa, frente aos avanços do mundo moderno. Para Brighenti, a modernidade propiciou as maiores conquistas da humanidade, mas também foi responsável pelas maiores frustrações da história. Segundo Brighenti, “a sociedade moderna fundada no mito do progresso deixou sem respostas as questões mais ligadas à finalidade do progresso e da aventura tecnológica, à realização humana à felicidade pessoal, enfim, o sentido da vida” (BRIGHENTI, 2023, p. 176). Com isso, a modernidade abriu espaço para a sensação de vazio, de confusão e incertezas.

Conforme Passos, “a modernidade se instaurou como superação de uma era de estabilidade, quando e onde, tudo se funda em uma fonte eterna e unificada, definida como

¹³ Durante essa pesquisa o termo tradicionalista será utilizado no sentido de correntes que rejeitam os avanços da modernidade e no âmbito eclesial são contra os ensinamentos do Concílio Vaticano II. Conforme afirma Passos: “o tradicionalismo tem servido para designar as tendências históricas e ideológicas centradas na rejeição dos tempos modernos e na afirmação da superioridade sistêmica da civilização anterior, no caso católico, do regime de verdade anterior às renovações introduzidas oficialmente pelo Vaticano II” (PASSOS, 2024, p. 23).

¹⁴ Nessa pesquisa, o termo conservadorismo é utilizado para designar uma corrente que tem resistência a forças inovadoras da modernidade. De acordo com Silva: “conservadorismo está ligado à pretensão de manter intacta, de conservar, portanto, de rejeitar o novo e o apelo à mudança, visto como riscos à ordem instituída. A Ciência Política segue procedimento semelhante identificando o conservadorismo às ideias e atitudes que visam à manutenção do sistema político, contrapondo-se às forças inovadoras” (SILVA, 2010, p. 53). No contexto eclesial, o conservadorismo também seria essa rejeição as novidades do Concílio Vaticano II. Essa temática será aprofundada no decorrer do texto.

suprassensível ou como sobrenatural; desta fonte tudo advinha: do invisível todo visível, da unidade toda pluralidade, da estabilidade todo o devir” (PASSOS, 2024, p. 24). Observa-se, que com a modernidade, os parâmetros éticos da sociedade mudaram de forma drástica, rompendo com a visão de um mundo ordenado e fundamentado em uma origem transcendente e imutável.

O ser humano, antes guiado por uma ética e por leis que se baseavam em princípios sobrenaturais, viu-se diante de um cenário de inseguranças e instabilidade. As certezas deram lugar à pluralidade de perspectivas, e a estabilidade das estruturas tradicionais foi substituída por uma constante mutabilidade, gerando medo. Para Brighenti:

Concretamente, frente à crise atual que gera insegurança, aqueles que se deixam levar pelo medo, instintivamente, vão em busca de segurança. E segurança em tempos de travessia e do imperativo de criar o novo, somente falsas seguranças, que são basicamente duas: o tradicionalismo e o emocionalismo (BRIGHENTI, 2023, p. 177).

Focando no tradicionalismo, nota-se que esse movimento tenta fazer uma retrospectiva do passado, isto é, a um tempo de maior estabilidade, diante do caos e do sentimento de desordem da sociedade atual. O tempo passado, se torna referência de refúgio e segurança, diante do contexto atual de crise (cf. BRIGHENTI, 2023, p. 177). No entanto, é preciso refletir, com seriedade, pois o que serviu de segurança e respostas para tempos passados, não se encaixam, muitas vezes, no contexto atual. Para isso, se faz necessário uma leitura histórica da origem dos movimentos tradicionalistas e conservadores. Conforme Sbardelotto:

Historicamente, é constante a presença de expressões socioculturais plurais e diversas que buscam e fomentam uma preservação, um resgate, uma volta ao passado, considerado mais autêntico e verdadeiro. De modo geral, trata-se de uma longa linhagem teórico-praxiológica desenvolvida ao longo dos séculos como reação aos ideais que passaram a emergir a partir do Iluminismo (século XVIII), particularmente, ganhando ainda mais força com as transformações socioculturais provocadas pela Revolução Francesa (1789), até desembocar nos nossos dias. Tais forças socioculturais vão na contramão do moderno ou, mais precisamente, dos processos de modernização dos séculos recentes. (SBARDELOTTO, 2023, p. 4)

Sbardelotto argumenta que a presença de grupos que buscam preservar o passado não é uma característica exclusiva do contexto presente. Esses movimentos têm suas raízes no século XVIII, surgindo como uma reação às transformações constantes do tempo moderno. Nesse sentido, segundo Sbardelotto, os grupos conservadores veem no passado, numa

sociedade regida pelos valores cristãos, uma resposta diante dos desafios da modernidade. Para os tradicionalistas e conservadores, o resgate de uma ordem social considerada mais estável e moralmente fundamentada, poderia trazer estabilidade e conforto ao tempo presente. Dessa forma, afirma Sbardelotto:

Conceitos como tradicionalismo, conservadorismo, integrismo, fundamentalismo, intransigentismo, desse modo, podem ser tomados como sinônimos – resguardadas suas ênfases singulares –, entendidos como uma *rejeição ao mundo moderno e secular, em defesa da restauração do passado*, com seus valores e princípios tradicionais, em uma sociedade integralmente cristã (SBARDELOTTO, 2023, p. 4).

Isso se reflete na tentativa de preservar uma ordem moral e cultural que, na visão desses grupos, se vê ameaçada pelos avanços e transformações da sociedade moderna. A rejeição da mudança, portanto, é uma forma de resistir ao que consideram uma perda de valores fundamentais, buscando, através da estabilidade, um refúgio contra os desafios e incertezas do presente. Basicamente, conforme afirma Passos, “os tradicionalistas constroem regimes de segurança que se mostram capazes de dar sentido e superar as crises” (PASSOS, 2024, p. 25).

Libanio, confirma essa ideia, afirmando que “a aparição de surtos tradicionalistas se configura estertores de agonia [...]. Às vezes, a cor tradicional permanece unicamente no nível da aparência. Lá, no fundo, esconde o desejo de segurança, de consolo, do próprio capricho, de exteriorização ainda que bizarra, típico da pós-modernidade” (LIBANIO, 2013, p. 257). A busca, por esses grupos tradicionalistas, demonstra a procura do ser humano por uma vida mais estável. No entanto, revela um dilema existencial: a necessidade de aderir a padrões e valores que, muitas vezes, não correspondem às complexidades e desafios do mundo presente.

A Igreja, como instituição profundamente conectada ao contexto social e histórico, não é imune às transformações que marcam a sociedade atual. Assim, como as sociedades enfrentam as dificuldades da modernidade, a própria Igreja se vê diante de um desafio de adaptação e reinvenção, sendo impactada por questões globais e culturais. Segundo Brighenti:

A instituição eclesial está mergulhada num tempo de crise. E nem poderia ser diferente, pois o mundo é constitutivo da Igreja. Não é o mundo que está na Igreja, mas a Igreja que está no mundo. O Povo de Deus peregrina no seio de uma humanidade toda ela peregrinante. E o destino do Povo de Deus não é diferente do destino de toda a humanidade. E tal como na sociedade atual em relação à Modernidade, também na Igreja há dificuldade em situar-se no novo tempo (BRIGHENTI, 2023, p. 177).

Diante dos desafios que a Igreja enfrenta no contexto atual, observa-se um crescimento expressivo de movimentos tradicionalistas e conservadores dentro da própria instituição eclesial que buscam uma âncora no passado para lidar com a incerteza do presente. No Brasil, algumas pessoas e grupos com ideais conservadores se destacam nos novos meios de comunicação social, segundo Souza e Lanfranchi:

Dentre os conservadores católicos, notam-se a exposição nas redes sociais do Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, Frei Tiago de São José, Bernardo Küster, Arautos do Evangelho, Associação Cultural Montfort, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira e Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura (SOUZA; LANFRANCHI, 2022, p. 194).

Ao analisar mais detalhadamente esses grupos tradicionalistas e conservadores, Sbardelotto destaca que, de forma particular, eles buscam um retorno ao período histórico da cristandade, um tempo em que a Igreja exerceu uma influência mais direta sobre as estruturas sociais, políticas e culturais. Esse desejo de resgatar práticas, valores e rituais de épocas passadas revela uma tentativa de restaurar um senso de ordem e estabilidade, em meio a uma realidade marcada pela pluralidade e pela constante mudança. Afirma Sbardelotto:

Essas linhagens católicas, de modo geral, baseiam seu pensamento político-religioso em documentos do Concílio de Trento e da Escolástica, e de santos, filósofos, teólogos e pontífices que se destacaram pela crítica ou pela recusa do mundo moderno, principalmente os pontificados antiliberais do século XIX. 'A referência a um passado, concretamente à visão e prática da cristandade, constitui um denominador comum' (Passos, 2020, p. 42) de tais expressões (SBARDELOTTO, 2023, p. 4).

Na Igreja Católica, o movimento tradicionalista, se torna oposição a outros grupos que são vistos como defensores de mudanças na prática da fé, chamados particularmente de progressistas ou sociais. Para Sbardelotto, esses movimentos conservadores buscam a utopia de uma nova cristandade, o que não é possível, pois com o advento da modernidade, temos a crescente complexidade social, a aceleração do conhecimento científico e o enfraquecimento das crenças religiosas. Dessa forma, a tentativa de reviver um modelo de cristandade que não corresponde às necessidades, aos novos paradigmas e as dinâmicas do mundo atual.

No contexto católico, especificamente do Brasil, no século XIX, nota-se que esses movimentos tradicionalistas e conservadores surgem numa luta contra o progressismo dentro da Igreja. No entanto, esses grupos parecem não ter tido grande êxito, pois a Igreja, com o Concílio Vaticano II, abre as portas para o diálogo com o mundo atual, conforme afirma Sbardelotto:

No âmbito católico brasileiro, mais especificamente, as expressões tradicionalista-conservadoras originaram-se no século XIX no interior de grupos clericais e laicais em reação à ascensão de um catolicismo progressista, baseado em premissas da Revolução Francesa, do Iluminismo e da ciência moderna (Zanotto; Caldeira, 2013). Desde o fim do século XIX, houve um processo de assimilação da modernidade na práxis católica, mediante a atuação de movimentos eclesiais e teologias da primeira metade do século XX, que culminaram no *aggiornamento* (atualização) do catolicismo no Vaticano II (SBARDELOTTO, 2023, p. 4).

No tempo presente, apesar da abertura ao diálogo com a modernidade promovida pelo Concílio Vaticano II, ainda persistem dentro da Igreja, indivíduos e grupos com orientações tradicionalistas e conservadoras, que buscam uma restauração do status eclesiástico anterior ao Concílio Vaticano II (SBARDELOTTO, 2023, p. 4). Esses movimentos se opõem de maneira enfática aos ensinamentos e diretrizes do Concílio Vaticano II, que busca a atualização da Igreja e sua adaptação aos novos tempos. Em sua resistência, esses grupos chegam, em alguns casos, a formar correntes cismáticas, desafiando a unidade eclesial e promovendo uma ruptura com a autoridade central da Igreja. Em essência, o século XX tem sido um período de crise na Igreja Católica, marcado pela tensão entre renovação e conservação (SBARDELOTTO, 2023, p. 4).

Analisando propriamente as pessoas que vivem o ciclo juvenil, pode-se afirmar que essas se tornam um alvo fácil aos pensamentos transmitidos pelos grupos tradicionalistas e conservadores. Para Prado, os jovens, vivem a fase de transição para a vida adulta e buscam por identidade, de modo que são especialmente suscetíveis a influências externas que ofereçam respostas e soluções claras para suas inseguranças. Prado também afirma que, no momento presente, os jovens “passam por uma insegurança notável. As estruturas (família, escola, política, educação, igreja, governo e economia) estão desacreditadas. Muitos jovens não encontram seguranças nesses espaços e não sabem em quem colocar sua confiança” (PRADO, 2018, p. 26). Logo, a tendência de quem vive o período juvenil e da humanidade atual é de instabilidade.

Nessa busca por certezas, os jovens, muitas vezes, acabam sendo atraídos por um discurso que promete estabilidade, encontrado nesses movimentos tradicionalistas e conservadores. Prado, confirma entre os jovens, as características próprias desses grupos que apegam aos valores da cristandade. Diz ele:

Dentro da Igreja: são grupos grandes de jovens que seguem os gurus que pregam uma Igreja ante Vaticano II. Defendem a disciplina pela disciplina, se tornando muitas vezes escravos do ritualismo litúrgico; abominam a liturgia

renovada do Vaticano II; preferem uma fé radicada no rito e na adoração. Tudo que não se enquadra na liturgia ante Vaticano II não serve. Até escutam as orientações da Igreja, mas não colocam em prática. (PRADO, 2018, p. 26).

O aspecto interessante é que em vez de abraçar o Concílio Vaticano II e seus apelos à renovação, ao diálogo e à abertura para o mundo moderno, esses grupos de jovens, tradicionalistas e conservadores, se fecham em uma versão mais estática da fé, limitando sua capacidade de adaptação e interação com os desafios da sociedade moderna. A volta à tradição do passado, se torna como um refúgio seguro, frente aos novos paradigmas do presente.

Em resumo, os movimentos tradicionalistas e conservadores surgem como uma resposta às incertezas e transformações da modernidade, buscando estabilidade e segurança através do resgate de valores cristãos do passado. Dentro da Igreja, essa busca pela “verdadeira tradição”¹⁵, volta ao período da cristandade, se contrapõe à renovação proposta pelo Concílio Vaticano II, gerando um conflito entre passado e presente. No contexto juvenil, esses movimentos encontram ressonância devido à busca por identidade e certezas, mas podem restringir o diálogo necessário com as questões atuais.

Portanto, nesse contexto atual, entra a questão da importância de formar bem as consciências juvenis, para que os jovens não se deixem levar pelos pensamentos de movimentos extremistas, como o tradicionalismo e conservadorismo. A formação de uma consciência, crítica e reflexiva, é fundamental para que os jovens possam discernir as diferentes influências

¹⁵ O termo utilizado “verdadeira tradição” é sinônimo de tradicionalismo e não de Tradição da Igreja. Dessa forma, é importante distinguir Tradição e tradicionalismo. Segundo Neufeld, “a ideia de Tradição, que designava primeiramente o ato de transmitir objetos materiais, foi em seguida aplicada à perpetuação das doutrinas e das práticas religiosas, legadas de uma geração à outra pela palavra e pelos exemplos vivos. Dali, o termo se entendeu ao conjunto dos conteúdos assim comunicados. A Igreja católica se considera neste sentido como realidade de Tradição viva, e justifica sua mensagem e seu papel pela transmissão da fé cristã, da qual é, a seus próprios olhos, um elemento constitutivo. Essa reivindicação, ademais, não deve ser encarada como um traço confessional específico, mas constitui um componente essencial do cristianismo” (NEUFELD, 2014, p. 1742). Dessa maneira, nota-se que essa ideia de Tradição é muito diferente a tradicionalismo. Tendo em vista, que “o termo ‘tradicionalismo’ designa primeiramente uma escola de pensamento, surgida no início do s. XIX, e seus prolongamentos até os dias de hoje” (BRESSOLTTE, 2014, p. 1749).

Na atualidade, existe um perigo em compreender tradição como conservação do passado, por exemplo: “O Mons. Lefèbvre e seu movimento *tradicionalista* recusaram o Vaticano II em nome da tradição, compreendida como a conservação de um passado religioso fixado pelo Concílio de Trento e pelas reformas de Pio V: a reforma da liturgia é assim rejeitada em nome de uma concepção sacral de ritos imutáveis; a liberdade religiosa das pessoas é rejeitada em nome dos direitos de uma irreformável verdade doutrinal; o ecumenismo, em nome da única e verdadeira Igreja católica. Essas tomadas de posição traduzem uma ausência de senso histórico, ao passo que o concílio lembrou que ‘a Igreja é uma realidade social da história (GS, n. 44)’” (BRESSOLTTE, 2014, p. 1749). Bressolte apresenta ainda que na atualidade, “tem-se sublinhado o paradoxo do tradicionalismo: ele esquece a Tradição autêntica da Igreja a propósito da capacidade da razão e da necessidade da revelação. Pode-se concluir com J. Pelikan: ‘A tradição sem a história homogeneizou todas as etapas do desenvolvimento numa só verdade definida estaticamente; a história sem a tradição produziu um historicismo que relativizou o desenvolvimento da doutrina cristã de tal sorte que parecia arbitrário fazer a distinção entre crescimento autêntico e aberração cancerosa [...]’. A Tradição é a fé viva dos mortos; o tradicionalismo é a fé morta dos vivos” (BRESSOLTTE, 2014, p. 1750).

que os cercam, compreendendo o contexto social e histórico em que vivem. Dessa maneira, em vez de aderir a respostas prontas, é essencial que os jovens desenvolvam a capacidade de refletir e formar suas próprias opiniões, baseadas em valores éticos. Diante disso, a Igreja, desempenha um papel primordial, pois deve promover uma educação que estimule o pensamento crítico e o diálogo com as realidades, a exemplo de Jesus, em busca de uma sociedade mais fraterna. Com isso, a formação de uma consciência livre e crítica permite que os jovens se posicionem de modo mais maduro e equilibrado, frente as polarizações atuais, contribuindo para a construção da civilização do amor, isto é, uma sociedade mais justa e plural.

1.5 Considerações finais

Ao aprofundar o conceito de juventudes, abre-se um vasto campo de estudos, dado que existem diversas interpretações sobre essa fase da vida humana. A maneira como os jovens são definidos varia conforme a área do conhecimento e, ao mesmo tempo, é dinâmica, pois sofre alterações contínuas, em resposta às transformações históricas da sociedade. O universo juvenil é marcado por enigmas, o que talvez explique o grande interesse pelo estudo dessa etapa da vida humana.

Para a construção desta pesquisa, optou-se por definir juventudes como o ciclo que ocorre entre a infância e a vida adulta, caracterizado por pleno desenvolvimento e transformações mentais e físicas. Este é um período marcado pela formação da identidade e apontado como tempo de descobertas e aprendizado, altamente propício para a formação da consciência do ser humano.

Uma consciência bem formada nessa fase da vida do ser humano, será de suma importância, para que o jovem aprenda a tomar decisões ética e assertivas, frente aos desafios próprios da vida e do contexto presente. Segundo Valadier,

Apesar da sua fragilidade interna, das investidas do inconsciente, das dúvidas que a atravessam, de seus enganos, a consciência permanece e deve permanecer uma referência fundamental. É preciso mesmo dizer que a fidelidade à sua consciência constitui a melhor saída para muitos problemas atuais (VALADIER, 1994, p. 273).

Um aspecto relevante do mundo juvenil, que foi aprofundado nesse capítulo, é sua caracterização por diversos paradigmas, que refletem a pluralidade e a complexidade dessa fase da vida. Nesse contexto, é essencial para Igreja reconhecer os diversos paradigmas juvenis. Eles abordam as realidades das juventudes e podem contribuir de maneira eficaz para o processo

de reflexão, sobre como formar a consciência dos jovens à luz dos valores éticos cristãos, isto é, com uma visão que respeita e valoriza a dignidade do jovem como sujeito de transformação e ação no mundo. Dessa forma, é nítido a necessidade da Igreja de dialogar com jovens em seus contextos. De acordo com, Almeida, Ferreira e Melo,

O tema da consciência e a sua formação, embora seja uma questão mais recente no ensino do magistério eclesial devido a motivos históricos e culturais complexos, não deixa de ocupar uma importância diante da intransponível tarefa de dialogar com as pluralidades, própria do mundo contemporâneo (ALMEIDA; FERREIRA; MELO, 2021, p. 155).

Outro fator essencial é a compreensão de certos fenômenos do contexto atual. Para Aguiar, “a teologia, igualmente às outras ciências, é feita na história e deve partir da mesma” (AGUIAR, 2017, p. 70). Dessa forma, observa-se que os jovens estão inseridos em um momento histórico que impacta profundamente a maneira como vivenciam suas experiências e constroem suas identidades. A sociedade passa por um período de crises, como afirma Brighenti:

Sobram evidências de que estamos imersos em um tempo marcado por profundas transformações, que atingem todas as esferas da vida social, mergulhando-nos em um tempo de crise. Está aí a crise de paradigmas e das utopias, a crise das ciências e da razão, dos metarrelatos e das instituições, crise de identidade, das religiões, de valores, crise de sentido etc. (BRIGHENTI, 2023, p. 176).

A sociedade atual em crise, apresenta grandes desafios à formação da consciência moral. Por isso, no contexto presente, se faz fundamental a reflexão sobre a formação das consciências juvenis, pois esse processo formativo permite que os jovens desenvolvam uma visão crítica e reflexiva, essencial para lidar com os desafios atuais. A conscientização possibilita que eles compreendam as mudanças, identifiquem seus lugares e papéis na sociedade, com o objetivo de contribuir para um mundo mais solidário e justo.

Neste capítulo, foi apresentada uma visão panorâmica e sintética de algumas temáticas específicas que impactam as juventudes, a saber: o narcisismo, as novas tecnologias, o consumismo, a busca por sentido na diversidade de espiritualidades e o fortalecimento de movimentos tradicionalistas e conservadores. Esses fenômenos atuais afetam profundamente a vida juvenil. Para Aguiar, as dificuldades atuais, despontam “como um grande desafio à Igreja que reconhece a dignidade do ser humano e capta a necessidade da formação de consciência” (AGUIAR, 2017, p. 70).

Por meio de uma formação séria e constante das consciências, os jovens podem lidar de maneira crítica com a questão do narcisismo. Ao desenvolverem uma compreensão mais profunda de si mesmos e de seu papel no mundo, tornam-se capazes de cultivar valores como empatia, solidariedade e respeito pelas diferenças. Além disso, no contexto das novas tecnologias, a formação de consciências contribui para que os jovens reencontrem o valor do que é real, utilizando as tecnologias de forma equilibrada, evitando seus possíveis efeitos negativos para a saúde física e mental. Em relação à cultura consumista promovida pelo sistema econômico capitalista neoliberal, o processo de conscientização é fundamental para que os jovens desenvolvam uma postura crítica, preservando sua identidade e liberdade.

Olhando o cenário presente, verificou-se que paira um sentimento de incertezas e inseguranças, como afirmam Hernández e Pagola: “a nossa sociedade atual e o contexto de crise acentuaram nossos temores” (HERNÁNDEZ; PAGOLA, 2018, p. 19). Frente a esse fenômeno de instabilidade nota-se o surgimento de diversas espiritualidades. Dessa forma, a formação da consciência auxilia os jovens a viverem de modo harmônico, respeitando a pluralidade de práticas espirituais. Outro aspecto, analisado foi o crescimento dos movimentos tradicionalistas e conservadores, formar bem a consciência torna-se essencial para que os jovens possam discernir sobre esses grupos, em vez de simplesmente aderir a respostas prontas. Com isso, pode-se afirmar que a formação da consciência é libertadora e ajuda os seres humanos viverem de forma autêntica, verdadeira e com dignidade. Para Almeida, Ferreira e Melo:

Na teologia da consciência, encontram-se as convicções para a pessoa viver, à luz do Evangelho o seu chamado de produzir frutos de caridade no mundo, alegrando-se antes os cristãos por poderem exercer todas as suas atividades terrenas unindo numa síntese vital todos os seus esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos com os valores religiosos, sob os quais tudo se ordena para a glória de Deus. Em meio aos desafios contemporâneos, a falta de transparência no agir moral, faz emergir a necessidade de resgatar o tema da consciência, como caminho de renovação e retomada dos valores, frente à nova cultura (ALMEIDA; FERREIRA; MELO, 2021, p. 160).

Após uma análise crítica das juventudes e das diversas transformações da sociedade atual, é possível identificar os inúmeros desafios e perspectivas na abordagem da temática da formação das consciências, que constitui uma missão eclesial. Diante desse cenário, é evidente a necessidade urgente de formar adequadamente as consciências no ciclo juvenil, com o objetivo de auxiliar os jovens a viverem de forma ética e com dignidade o dom da vida e a contribuírem para a construção da civilização do amor, ou seja, uma sociedade harmoniosa e fraterna. Contudo, para que a Igreja consiga cumprir essa missão de formar as consciências

juvenis, é fundamental que exista abertura e diálogo com o mundo moderno, o que implica, em grande parte, no reconhecimento dos novos paradigmas e das diversidades próprias das juventudes e da atualidade.

Em suma, a Igreja deve desempenhar seu papel, interpretando os “sinais dos tempos”, na contribuição da formação de consciências maduras, tendo como fundamento a mensagem eclesial que deve brotar de um olhar sobre o Evangelho anunciado por Jesus e outro sobre a condição humana, histórica e cultural do fiel (GS, 2020, n. 46). O Concílio Vaticano II e o Magistério do Papa Francisco, demonstram essa abertura para o diálogo com as juventudes do mundo hodierno, favorecendo a missão eclesial e possibilitando a formação das consciências juvenis. Nesse contexto, os capítulos seguintes aprofundam-se teologicamente nas questões relativas à visão eclesial dos jovens, buscando apresentar caminhos para a formação de consciências diante dos desafios do mundo atual.

2. JUVENTUDES E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA PALAVRA DE DEUS E DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre a presença dos jovens na Sagrada Escritura e na vida eclesial. Ao evidenciar sua relevância, propõe-se uma análise da importância de formar a consciência daqueles que vivenciam o ciclo juvenil. Ressalta-se que essa formação é parte essencial da missão da Igreja. Trata-se de uma tarefa desafiadora, que demanda atenção especial diante das complexidades enfrentadas pelos jovens na atualidade.

Discutir a juventude no contexto atual é como navegar por um oceano encoberto por névoas, onde surpresas surgem a todo instante. O universo juvenil do tempo presente é enigmático, caracterizado pela constante transformação de paradigmas. Por isso, a temática juventude e formação da consciência, requer uma abordagem aprofundada também sob a ótica teológica.

Inicialmente, apresenta-se de maneira sintética o valor e o protagonismo dos jovens na Sagrada Escritura. Especificamente, são mencionadas figuras juvenis do Antigo e do Novo Testamento que iluminam esta reflexão. Com base nos pensamentos de Loraschi e do Papa Francisco, identifica-se na Sagrada Escritura diversos jovens que assumem papéis protagonistas e impactam a sociedade de sua época (LORASCHI, 2013, p. 3).

Ao aprofundar na realidade atual, destaca-se um ponto fundamental de abertura da Igreja ao diálogo com o mundo moderno: o Concílio Vaticano II. De acordo com Kuzma, os documentos conciliares convidam a Igreja a reconhecer e interpretar os sinais dos tempos à luz do Evangelho (KUZMA, 2015, p. 58). Segundo o autor, o Concílio propôs uma aproximação com a sociedade, adaptando os ensinamentos eclesiais e respondendo às inquietações sobre o sentido da vida, especialmente no que se refere às novas gerações (KUZMA, 2015, p. 58). Com isso, os ensinamentos conciliares são essenciais, para iluminar os desafios que impactam a vida dos jovens, como o narcisismo, o consumismo, as novas tecnologias, as diversas espiritualidades e a adesão a movimentos conservadores.

No decorrer do capítulo, analisa-se particularmente o impacto do Concílio Vaticano II na Igreja da América Latina, por meio das Conferências Episcopais. Segundo Kuzma, ao longo desses encontros episcopais é possível perceber que a Igreja do continente latino-americano demonstrou empenho em acolher os ensinamentos conciliares, tratando a juventude com especial atenção e esperança (KUZMA, 2015, p. 64).

Retomando o Concílio Vaticano II, no final desse capítulo, desenvolve-se uma breve reflexão sobre a importância da formação da consciência na fase juvenil. Segundo Anjos, “na

intimidade da consciência, o homem descobre uma lei. Ele não a dá a si mesmo, mas a ela deve obedecer. Chamando-o sempre a amar e fazer o bem e a evitar o mal” (ANJOS, 2015, p. 946). Fundamentando-se nos documentos conciliares, busca-se demonstrar a necessidade de formar consciências das pessoas, no período da juventude, com a finalidade de contribuir na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Diante do exposto, evidencia-se que os jovens sempre ocuparam um lugar significativo na história da salvação, conforme revelado nas Sagradas Escrituras. A reflexão teológica, iluminada pelo Concílio Vaticano II e pelos documentos da Igreja na América Latina, reforça a necessidade de reconhecer a juventude como sujeito e protagonista na vida eclesial. A formação da consciência, nesse contexto, revela-se uma tarefa essencial para a construção de um mundo mais humano e evangelicamente comprometido. Assim, torna-se urgente promover espaços formativos de escuta, diálogo e discernimento, onde os jovens possam crescer na fé e assumir com responsabilidade sua missão na Igreja e na sociedade.

2.1 Juventude e fé: um olhar bíblico sobre os jovens

Este ponto tem como objetivo refletir sobre a presença e a importância dos jovens na Sagrada Escritura. Considerando o contexto atual apresentado no capítulo anterior – marcado pela pluralidade de paradigmas e pelos desafios sociais, culturais e espirituais –, torna-se evidente a necessidade de fundamentar a reflexão sobre a juventude em referenciais sólidos, capazes de orientar o discernimento e a tomada de decisões éticas. Nesse sentido, a análise bíblica apresenta-se como instrumento essencial, uma vez que a Sagrada Escritura oferece figuras de jovens cujas trajetórias permitem compreender o papel significativo da juventude na construção de uma sociedade melhor.

Segundo Loraschi, por meio das Escrituras, percebe-se que Deus possui um plano de amor universal (LORASCHI, 2013, p. 3). O autor destaca o protagonismo de inúmeras figuras juvenis, cujas trajetórias revelam fidelidade, coragem, sabedoria e entrega ao projeto divino, contribuindo decisivamente para a história da salvação (LORASCHI, 2013, p. 3). Entre esses jovens encontram-se profetas, reis, sábios e sacerdotes, cujas escolhas, ora alinhadas ao plano de Deus, ora desvinculadas dele, oferecem exemplos concretos de discernimento e responsabilidade moral.

Conforme enfatiza o Papa Francisco, a contemplação dos exemplos juvenis presentes nas Escrituras ilumina a realidade da juventude hodierna (FRANCISCO, 2019, n. 21). Assim, os jovens de hoje continuam a ser chamados a assumir papel ativo na construção de uma

sociedade mais justa e solidária, integrando fé, ética e responsabilidade em suas escolhas. Nesse sentido, a reflexão bíblica sobre a juventude oferece subsídios para a formação de uma consciência crítica, autônoma e madura, capaz de orientar a ação diante das múltiplas situações de complexidade e pluralidade características do mundo atual.

2.1.1 A presença de jovens no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, encontram-se diversos jovens que se destacam como protagonistas na história da salvação. Com suas escolhas, atitudes e fé, eles assumem papéis decisivos na realização do plano de Deus junto ao seu povo. Suas narrativas não apenas inspiram, mas também revelam que a juventude é um espaço privilegiado para a escuta de Deus, da coragem e da ação transformadora do mundo. Neste ponto, apresenta-se de forma sintética a história de três jovens: José do Egito, Samuel e Davi. Contudo, destaca-se que muitos outros jovens também aparecem como protagonistas no Antigo Testamento.

Segundo o Papa Francisco, “em uma época em que os jovens contavam pouco, alguns textos mostram que Deus os olha com outros olhos” (FRANCISCO, 2019, n. 9). Assim, observa-se no Antigo Testamento a presença de jovens que fizeram a diferença em seu tempo, como José do Egito (Gn 37-50). Na Sagrada Escritura, conforme Silva, nota-se que José era o mais novo de uma numerosa família (Gn 37,2-3) e foi vendido pelos irmãos por inveja e ciúmes (SILVA, 2020, p. 88).

Para Loraschi, a história do jovem José do Egito mostra que os sentimentos negativos da inveja, do ciúme e da ganância corrompem as relações sociais e quebram com a fraternidade (LORASCHI, 2012, p. 102). Entretanto, José do Egito supera essa fase difícil de sua vida e consegue restaurar os laços fraternais com seus irmãos. Conforme confirma Silva, o jovem José do Egito:

Pela ação divina, foi resgatado e educado sob a proteção da filha do faraó, tornando-se governador do Egito. Numa oportunidade de reencontro com seus irmãos, demonstra maturidade e discernimento para interpretar a vontade de Deus, salvando sua família da grande fome que o país vivia. José é exemplo de um jovem capaz de promover reconciliação com seus irmãos, e assumir um importante papel social (SILVA, 2020, p. 88).

Essa narrativa revela não apenas a ação divina, mas destaca o protagonismo juvenil diante de desafios. Para o Papa Francisco, o jovem José demonstra que Deus não é indiferente e se comunica com aqueles que vivem o ciclo juvenil (FRANCISCO, 2019, n. 9). Além disso,

o personagem bíblico representa um jovem autêntico, consciente, maduro e ético. Conforme Silva, José do Egito é um exemplo de superação e de alguém que faz a diferença em seu tempo, cuidando dos irmãos que o haviam abandonado por ciúmes e ganância (SILVA, 2020, p. 88).

Para Loraschi, a figura do jovem José do Egito também evidencia que uma sociedade fraterna e justa depende de jovens conscientes (LORASCHI, 2012, p. 102). O autor ressalta que uma pessoa consciente, mesmo exercendo poder, opta sempre pelo bem. Tendo em vista, que o jovem José do Egito poderia ter sido corrompido pelo poder, se não tivesse uma consciência bem formada. Loraschi, frente essa história bíblica, ainda afirma:

O poder pode ser uma faca de dois gumes. Quando assumido sem princípios valorativos, pode corromper e levar o jovem a usá-lo em benefício próprio e, conseqüentemente, com atitudes autoritárias e repressoras. Mas, se for exercido a partir de critérios valorativos, pode ser libertador e promotor de vida (LORASCHI, 2012, p. 102).

José do Egito é, portanto, um exemplo inspirador para a juventude atual, ao evidenciar a importância da formação da consciência na promoção de uma cultura de fraternidade. Loraschi observa que vivemos, hoje, um contexto em que muitos jovens são vistos como apáticos e indiferentes diante dos problemas sociais (LORASCHI, 2012, p. 103). Diante dessa realidade, torna-se essencial resgatar modelos bíblicos como o de José do Egito, com o objetivo de despertar entre os jovens o desejo de renovação que é fonte de entusiasmo para agir, criar, experimentar e acreditar na possibilidade de transformações concretas (LORASCHI, 2012, p. 103).

No Antigo Testamento, destaca-se também a figura do jovem Samuel. Segundo Loraschi, ele nasceu e cresceu em um período de crise e grandes transformações, marcado pela transição do sistema tribal para o regime monárquico (LORASCHI, 2012, p. 100). O nome Samuel significa “aquele a quem Deus ouve”. Seu processo vocacional teve início ainda na infância, quando sua mãe, Ana, o consagrou ao serviço do Senhor. Sua formação ocorreu sob a orientação do sacerdote Eli. Conforme o autor, “quanto à sua relação familiar, seus parentes iam até o templo uma vez ao ano para levar presentes ao menino que tão cedo começou seu ministério e a sua vocação profética” (LORASCHI, 2012, p. 100).

A narrativa bíblica da vocação de Samuel (1Sm 3) revela um chamado que se desenvolve de forma progressiva. O Papa Francisco observa que “Samuel era um adolescente inseguro, mas o Senhor se comunicava com ele. Graças ao conselho de um adulto, ele abriu o coração para ouvir o chamado de Deus: ‘Fala, Senhor, teu servo escuta!’ (1Sm 3,9-10)”

(FRANCISCO, 2019, n. 8). Na história de Samuel, nota-se que Deus se comunica com os jovens.

Aprofundando no chamado de Deus nesse episódio bíblico, Silva destaca que o jovem Samuel contou com o acompanhamento de um adulto em seu discernimento vocacional, o que foi fundamental para que ele se colocasse à disposição do chamado de Deus (SILVA, 2020, p. 88). Nesse sentido, Loraschi afirma:

Os adultos precisam aguçar sua sensibilidade e perceber quais as qualidades específicas que cada jovem possui, para orientá-lo com sabedoria. A começar dentro da própria casa e da própria Igreja, o exemplo de Samuel e do sacerdote Eli serve de grande inspiração (LORASCHI, 2012, p. 102).

O processo de discernimento vivido por Samuel torna-se um modelo para a formação de juventude atual, ao evidenciar a importância do acompanhamento de pessoas adultas que tenham vivência de fé e estejam aptas a auxiliar os jovens em decisões conscientes e bem fundamentadas. Após esse período de escuta e resposta ao chamado divino, Samuel assume plenamente sua vocação. Silva afirma:

Ele é apresentado pela Sagrada Escritura como um jovem que assume a vocação religiosa. O discernimento e a escuta da voz de Deus o tornam diante de seu povo um grande líder, a ponto de sua atitude ser uma expressão de fidelidade a Deus e ao seu povo (SILVA, 2020, p. 88).

O Papa Francisco reforça que Samuel se tornou um grande profeta, intervindo em momentos decisivos da história de sua nação (FRANCISCO, 2019, n. 8). Loraschi resume sua trajetória afirmando que a vida de Samuel foi dedicada à defesa do projeto social de fidelidade à aliança com Deus (LORASCHI, 2012, p. 100). Basicamente, Samuel foi um jovem que soube escutar e servir, colocando sua vida a serviço do povo com o propósito de protegê-lo e libertá-lo de seus inimigos (LORASCHI, 2012, p. 102).

Segundo Loraschi, Samuel “representa todos os jovens que lutam pela organização popular, pela promoção da vida, pela justiça e pelo direito; representa todos os que entregam sua vida apostando numa sociedade de dignidade e justiça” (LORASCHI, 2012, p. 102). Assim, a exemplo de Samuel, torna-se essencial acompanhar a juventude em seu processo de discernimento vocacional, para que possam fazer escolhas conscientes, éticas e autênticas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Outro jovem que se destaca no Antigo Testamento é Davi. Sua trajetória demonstra que a juventude não é apenas uma fase de aprendizado e obediência, mas também um tempo propício para assumir grandes responsabilidades. Como ensina o Papa Francisco:

O rei Davi foi escolhido sendo um jovem. Quando o profeta Samuel estava buscando o futuro rei de Israel, um homem lhe apresentou os seus filhos mais velhos e mais experientes como candidatos. Mas o profeta disse que o eleito era o jovem Davi, que cuidava das ovelhas (1Sm 16, 6-13), porque ‘o homem vê a aparência, o Senhor vê o coração’. A glória da juventude está no coração, mais do que na força física ou na impressão que alguém causa nos outros (FRANCISCO, 2019, n. 9).

Davi, filho de Jessé, foi escolhido entre seus irmãos para ser ungido rei de Israel. O Papa Francisco enfatiza que Deus não se detém nas aparências, mas olha para o coração. Assim, a escolha do jovem pastor torna-se paradigmática: Deus valoriza a disposição interior, a humildade e a fidelidade.

Silva elenca que, mesmo desacreditado por sua juventude, Davi demonstrou inteligência e coragem ao longo de seu reinado (SILVA, 2020, p. 88). Loraschi, por sua vez, aponta que, na memória popular, ele é idealizado como um rei justo, defensor dos pobres e símbolo de coragem (LORASCHI, 2012, p. 103). O autor ainda ressalta um episódio simbólico da vida de Davi:

Foi ele quem enfrentou o gigante Golias com fé e inteligência, sem usar armaduras, na liberdade e com a habilidade de um pastor (1Sm 17). Davi é a figura que representa as aspirações do povo oprimido pela monarquia, mas portador do ideal social de justiça e de liberdade. Ele é citado por Jesus como um exemplo de quem defende o direito das pessoas necessitadas (Lc 6,1-5) (LORASCHI, 2012, p. 103).

Davi torna-se um exemplo inspirador para a juventude. Segundo Sá, ele é um jovem que confia em Deus e é chamado a derrotar o poder opressor, representado pela figura de Golias (SÁ, 2010, p. 133). Silva afirma que Davi, nessa passagem bíblica, Davi representa todo o povo humilde e oprimido e se torna o responsável por estabelecer um reinado marcado pelo crescimento e pela prosperidade nacional (SILVA, 2020, p. 88).

Na história de Davi, nota-se que assim como Deus confiou em um jovem (1Sm 16, 6-13), também é necessário que a sociedade acredite na juventude, reconhecendo sua capacidade de protagonizar transformações sociais. No entanto, para que isso se concretize, é fundamental investir na formação ética das consciências juvenis.

Como analisou-se muitos personagens bíblicos jovens contribuíram para a história da salvação. De acordo com Sá, no Antigo Testamento, “em várias passagens, a Bíblia utiliza personagens jovens para designar o chamado de Deus em situações concretas” (SÁ, 2010, p. 133). Esses jovens discernindo e aceitando o chamado divino, transformam a sociedade de sua época. Esta pesquisa apresentou apenas alguns exemplos de jovens que acolheram o chamado transcendental e marcaram parte da história da salvação, no Antigo Testamento, com o testemunho de suas vidas.

Em suma, a trajetória de jovens como José do Egito, Samuel e Davi, no Antigo Testamento, demonstra que a juventude sempre teve um papel fundamental na realização do projeto de Deus. Suas histórias revelam que, mesmo diante de desafios e limitações, os jovens podem responder com fé, coragem e compromisso, assumindo responsabilidades que transformam a realidade ao seu redor. Esses exemplos continuam a inspirar a juventude atual a viver com consciência ética e a contribuir ativamente para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e fiel aos valores do Reino de Deus.

2.1.2 A presença dos jovens no Novo Testamento

No Novo Testamento, encontram-se diversas narrativas bíblicas que retratam pessoas, que estão vivenciando o ciclo juvenil, doando suas vidas pelo Evangelho. Para auxiliar na reflexão, apresenta-se brevemente algumas passagens bíblicas que mencionam jovens como exemplos, bem como personagens que foram protagonistas durante sua juventude como o próprio Jesus de Nazaré, Maria e Timóteo.

Em várias ocasiões, percebe-se que os jovens desempenham um papel significativo no Novo Testamento. A figura juvenil surge como protagonista em alguns episódios e, em outros, integra os ensinamentos de Jesus, contribuindo para o aprofundamento da mensagem evangélica. Para Loraschi, essas narrativas demonstram que Jesus não apenas reconhecia o valor intrínseco da juventude, mas também a incluía ativamente em seu ministério (LORASCHI, 2012, p. 112).

Antes de adentrar propriamente nas passagens bíblicas que se referem aos jovens, é possível refletir brevemente sobre o próprio Jesus de Nazaré. Segundo Loraschi, durante a infância e juventude, Jesus viveu com seus pais em Nazaré da Galileia e “crescia em estatura, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52) (LORASCHI, 2012, p. 112). Assim, pode-se concluir que Jesus:

Assumi a vida comum dos jovens judeus de sua época. É precioso este tempo da 'vida oculta' de Jesus. O fato do Filho de Deus fazer-se um de nós, assumindo totalmente a condição humana, revela que o cotidiano da vida de qualquer pessoa pode adquirir pleno sentido. Os mínimos gestos podem tornar-se caminho de santificação. Jesus foi santo não porque realizou grandes obras aos olhos dos outros, mas porque em todas as coisas fazia a vontade do Pai (LORASCHI, 2012, p. 112).

Para Loraschi, Jesus viveu como um jovem comum de sua época, cresceu no seio de uma família e praticava a religião de seu tempo, a saber: o judaísmo. Dessa forma, Jesus se torna o modelo principal, nos Evangelhos, para a vida dos jovens (LORASCHI, 2012, p. 112). A grande marca de sua juventude, segundo o autor, era a fidelidade à vontade de Deus. Em sua trajetória, tanto em palavras quanto em ações, Jesus demonstrava um espírito crítico diante das instituições políticas, econômicas e religiosas de sua época, atitude semelhante à de muitos jovens da atualidade (LORASCHI, 2012, p. 112). Jesus de Nazaré, como tantos outros jovens, anunciou o Reino de Deus e buscou construir um mundo mais justo, solidário e fraterno.

Ao analisar particularmente as narrativas do Novo Testamento, observam-se diversos episódios que refletem a presença e a importância dos jovens. Em seus ensinamentos, Jesus faz referência a personagens jovens, como na parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32). Nela, o filho mais novo deseja sair da casa paterna rumo a um país distante (Lc 15, 12-13), mas seus sonhos de autonomia acabam se transformando em libertinagem e devassidão. O filho pródigo experimenta a dureza da solidão e da pobreza (Lc, 15, 14-16). No entanto, o jovem filho pródigo é capaz de refletir e desejar um novo começo (Lc 15, 17). Decide-se por recomeçar sua vida, retornando à casa do pai (Lc, 15, 17-20).

O Papa Francisco, ao refletir sobre essa parábola, ensina que “é próprio do coração jovem se dispor a mudar, ser capaz de se levantar e se deixar ensinar pela vida. Como não acompanhar o filho nessa nova tentativa?” (FRANCISCO, 2019, n. 12). Para o pontífice, os jovens têm a capacidade de aprender com a vida, como o filho mais novo da parábola. Curiosamente, o irmão mais velho não acolhe o irmão arrependido com alegria. Segundo o Papa, “o irmão mais velho já tinha o coração envelhecido e se deixou possuir pela ganância, pelo egoísmo e pela inveja (v. 28-30)” (FRANCISCO, 2019, n. 12). Assim, Jesus elogia o jovem pecador que retorna ao bom caminho, enquanto critica a rigidez de quem, embora fiel externamente, não vive o espírito de amor e misericórdia.

Outra passagem significativa é o encontro de Jesus com o jovem rico. Para Loraschi:

A narrativa do encontro do jovem rico com Jesus, comum nos três Evangelhos sinóticos (Lc 18,18-23; Mt 19,16-30 e Mc 10,17-31) é altamente paradigmática. Evidencia o desejo que toda pessoa carrega em seu íntimo, de

uma vida com profundo sentido. Evidencia igualmente o conflito entre a proposta de Jesus e o apego ao dinheiro. O jovem do evangelho revelou que já havia assumido a opção pelo dinheiro, como absoluto dentro do seu coração. Não havia mais lugar para o Deus de Jesus: o Deus da Vida (LORASCHI, 2012, p. 116).

Nessa passagem bíblica, o Papa Francisco reconhece que esse jovem tem o espírito típico da juventude: busca novos horizontes e grandes desafios (FRANCISCO, 2019, n. 18). Contudo, falta-lhe o desprendimento necessário para seguir Jesus. Quando este lhe pede que seja generoso e distribua seus bens, o jovem se entristece e vai embora, pois possuía muitas riquezas (Mt 19, 22). Para o Papa, nesse momento, o jovem renuncia à própria juventude (FRANCISCO, 2019, n. 18). Loraschi ainda afirma que a lógica do seguimento de Jesus é a partilha, não o acúmulo e infelizmente o jovem rico não consegue fazer essa opção evangélica (LORASCHI, 2012, p. 116).

Outro exemplo nítido de juventude, no Novo Testamento, está na parábola das dez jovens mulheres (Mt 25,1-13): cinco prudentes e cinco insensatas. As prudentes estavam preparadas e atentas; as outras, distraídas e despreparadas. O Papa Francisco adverte que, assim como no Evangelho das jovens prudentes e insensatas, muitos passam pela juventude de forma superficial, sem cultivar vínculos profundos, enquanto outros investem esse tempo em construir algo belo e significativo (FRANCISCO, 2019, n. 19). A juventude pode, portanto, apontar para um futuro pleno de vida e riqueza interior ou, ao contrário, para frustração e vazio.

Analisando alguns personagens bíblicos jovens relevantes, do Novo Testamento, observa-se Maria, a mãe de Jesus. Loraschi escreve:

Maria era uma jovem, noiva do também jovem José. Filha de Ana e de Joaquim. Foi chamada pelo anjo Gabriel de ‘agraciada’, por ter sido escolhida para ser a mãe de Jesus. Em Lucas 1,26-38, a vocação de Maria está delimitada por dois verbos de movimento: o anjo entra onde Maria se encontra e, depois que ela responde ao chamado de Deus, o anjo sai de onde ela está. Nessa moldura está narrada a vocação de Maria, escolhida para ser a mãe do filho de Deus. Sair de si mesma e de seus próprios planos para entrar nos planos de Deus: é assim que ocorre a comunicação entre Deus e Maria, comunhão de vontades no mesmo projeto (LORASCHI, 2012, p. 113).

Aprofundando-se particularmente no episódio da anunciação (Lc 1,26-38), percebe-se que Maria é uma jovem questionadora. Após ser surpreendida pela mensagem do anjo, ela se coloca em reflexão: “ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação” (Lc 1,29). Em seguida, o anjo pede que Maria não tenha medo e revela

sua missão: “eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus” (Lc 1,31).

A jovem Maria, demonstrando uma atitude típica da juventude “o questionamento”, pergunta: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” (Lc 1,34). O anjo Gabriel, então, explica que isso se dará pela ação do Espírito Santo (Lc 1,35). Diante dessa revelação, Maria acolhe com coragem e obediência a missão divina, afirmando: “Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo tua palavra!” (Lc 1,38).

Para Sá, a jovem Maria será, ao longo de toda a sua vida, um sinal de coragem e fidelidade (SÁ, 2010, p. 135). Loraschi complementa afirmando que, além de obediente, Maria era forte e audaciosa (LORASCHI, 2012, p. 113). Segundo ele, “só alguém com essas qualidades, alguém que amasse mais a Deus do que a si própria, poderia suportar tudo o que essa vocação acarretaria: dificuldades, perseguições e outros sofrimentos” (LORASCHI, 2012, p. 113). Silva também destaca Maria como discípula fiel ao projeto salvífico de Deus (SILVA, 2020, p. 89).

Destaca-se, também no Novo Testamento, o jovem Timóteo, companheiro de Paulo na evangelização e responsável por liderar comunidades cristãs (1Tm 4,12). Loraschi relata que Timóteo significa “aquele que honra a Deus” e apresenta brevemente a sua história:

Sua mãe se chamava Eunice, que era judia e de seu pai apenas sabemos que era grego (At 16,1). Ele aprendeu as Escrituras desde pequeno através de sua mãe e de sua avó Loide (2Tm 1,5).

Tudo indica que Paulo o conheceu em sua segunda viagem missionária e que já era cristão, a partir da primeira viagem (At 15,36-18,22), quando estava passando por Derbe e Listra, atual Turquia, aproximadamente entre os anos 49 a 52. Timóteo tinha, mais ou menos, 16 anos de idade. Paulo o leva consigo para continuar a missão (At 16,3). Na terceira viagem missionária, Paulo vai para Macedônia e pede para que Timóteo fique em Éfeso, para organizar a Igreja nesse local. Após isso recebe duas cartas de Paulo, pois certamente Timóteo passava por algumas dificuldades. Sua tarefa seria de convencer alguns a parar de ensinar doutrinas que fossem contrárias à fé cristã (1Tm 1, 3-4). Em torno do ano 57, Timóteo foi enviado de Éfeso a Macedônia para recolher ofertas que seriam enviadas aos cristãos necessitados em Jerusalém (At 19,22; 16,1-10), pois estes passavam por dificuldades. Uma das causas destas dificuldades, provavelmente, estaria ligada à crença no retorno imediato de Jesus Cristo e, por isso, davam tudo o que possuíam (LORASCHI, 2012, p. 119).

Para Loraschi, apesar da juventude, Timóteo demonstrou maturidade espiritual e foi constantemente apoiado por Paulo, por meio de suas cartas que iluminam os caminhos de sua missão (LORASCHI, 2012, p. 119). Entre os diversos conteúdos das cartas, Paulo sempre o

orienta e o ajuda a permanecer firme na missão de ensinar a verdadeira doutrina pela palavra e pelo exemplo (1Tm 1,5-7).

Em uma das cartas dirigidas a Timóteo, atribuída a Paulo, encontra-se uma instrução que demonstra os desafios dele simplesmente por ser jovem. Afirma o apóstolo na carta: “Ninguém te despreze por seres jovem. Ao contrário, torna-te modelo para os fiéis, no modo de falar e de viver, na caridade, na fé, na castidade. Aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino...” (1Tm 4,12-13).

Segundo Loraschi, essa exortação mostra que nenhum jovem deve ser desvalorizado por sua idade, pois todos têm uma missão no plano de Deus (LORASCHI, 2012, p. 119). O Papa Francisco, refletindo essa passagem, convida os jovens a não deixarem que lhes roubem a esperança e a sonharem alto, aceitando desafios e comprometendo-se com a transformação do mundo (FRANCISCO, 2019, n. 15).

Sinteticamente, o Novo Testamento revela, tanto nas palavras de Jesus quanto nas ações de seus seguidores, a presença marcante de jovens comprometidos com o projeto de Deus. Embora existam muitos outros textos que mencionem personagens jovens, este capítulo destacou apenas alguns exemplos significativos que testemunham o Evangelho e evidenciam a grandeza do amor divino pela juventude.

Em suma, as narrativas bíblicas do Novo Testamento mostram que a juventude é um tempo teologicamente fecundo, marcado pela escuta, pelo chamado, pelo discernimento e pela resposta generosa a Deus. Por meio de figuras como Maria e Timóteo, observa-se que Deus continua a confiar nos jovens e a convocá-los para participar ativamente do seu projeto de salvação. Verifica-se, ainda, a importância de uma formação sólida dos jovens, para que possam discernir e fazer escolhas conscientes, como os jovens prudentes e o filho pródigo, que escolhe recomeçar diante de sua situação negativa de vida. O exemplo de Jesus, que também viveu a juventude, confirma que essa etapa da vida é um caminho legítimo de compromisso com o Reino de Deus.

2.2 Concílio Vaticano II: um marco histórico na vida da Igreja

O Concílio Vaticano II, realizado de 11 de outubro de 1962 a 8 de dezembro de 1965, foi reconhecido pela Igreja como um verdadeiro “sopro do Espírito de Deus”. Por meio dele, a Igreja abriu-se ao diálogo com a modernidade e seus novos paradigmas. Essa abertura é fundamental para a formação da juventude. Diante disso, propõe-se, neste texto, uma reflexão sobre a importância do Concílio para a evangelização no mundo atual.

A ideia de convocar um Concílio para toda a Igreja foi anunciada pelo Papa João XXIII, em 25 de janeiro de 1959, na Basílica de São Paulo Extramuros, quando declarou:

Veneráveis Irmãos e Diletos Filhos Nossos! Pronunciamos diante de vós — certamente tremendo um pouco de comoção, mas ao mesmo tempo com humilde firmeza de propósito — o nome e a proposta da dupla celebração: de um Sínodo Diocesano para a Urbe e de um Concílio Ecumênico para a Igreja universal (JOÃO XXIII, 1959, n. 1)¹⁶

Segundo Danielski, o Concílio Vaticano II pode ser considerado um “sopro de inesperada primavera” (DANIELSKI, 2018, p. 114), expressão que revela a surpresa e a vitalidade trazidas por esse evento eclesial. Ao convocá-lo, o Papa João XXIII demonstrou coragem e sensibilidade diante dos desafios dos tempos atuais.

O Concílio Vaticano II muda profundamente a forma de ser Igreja. Conforme Silva, enquanto os concílios anteriores abordavam questões doutrinárias e disciplinares, o Concílio Vaticano II promoveu uma reflexão mais pastoral, propondo apresentar a fé sob uma nova ótica (SILVA, 2020, p. 102). Essa abordagem pastoral toca mais diretamente o coração humano. Como observa Libanio:

O Concílio trouxe para a Igreja uma verdadeira atualização, *aggiornamento*, e obrigou a Igreja a mergulhar nas fontes da Escritura e de sua Tradição. Apontou como característica a passagem de uma perspectiva dogmatista, que seria a compreensão do dogma que se preocupa em conhecer-lhe a essência, a substância e a verdade imutável, para uma perspectiva hermenêutica, que concentra a atenção em interpretar esse dogma para a mentalidade de cada época. Desse modo, a grande mudança proporciona um novo olhar da fé para a ação do Espírito Santo (LIBANIO, 2005, p. 75).

Libanio mostra que o Concílio Vaticano II promoveu um retorno às fontes da fé cristã. Nesse sentido, ao resgatar a essência do cristianismo, o Concílio demonstrou o desejo de compreender a situação dos homens e mulheres de sua época. Essa intenção está expressa nitidamente na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que afirma:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em

¹⁶ Texto Original: “Venerabili Fratelli e Diletti Figli Nostri! Pronunciamo innanzi a voi, certo tremando un poco di commozione, ma insieme con umile risolutezza di proposito, il nome e la proposta della duplice celebrazione: di un Sinodo Diocesano per l’Urbe, e di un Concilio Ecumenico per la Chiesa universale” (JOÃO XXIII, 1959, n. 1).

Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história (GS, 2020, n. 1).

Esse trecho da *Gaudium et Spes* é uma das expressões mais belas e significativas do espírito do Concílio Vaticano II. Ele revela a profunda mudança de postura da Igreja: em vez de se colocar acima ou à parte da realidade humana, a Igreja se reconhece inserida no mundo e solidária com o ser humano em suas alegrias, sofrimentos e esperanças.

Basicamente, o Concílio Vaticano II representa, portanto, uma resposta da Igreja às inquietações do mundo, promovendo uma renovação eclesial em diversos aspectos. Como afirma Zanon, o Concílio fez a Igreja voltar seu olhar para o mundo e suas necessidades, incentivando o diálogo com a sociedade, a cultura e outras religiões. Despertou, ainda, “a consciência de que não é fugindo do mundo que se resolvem os problemas que têm origem nele” (ZANON, 2012, p. 7).

Para Aguiar, um dos pontos fundamentais do Concílio Vaticano II foi o diálogo com o tempo presente. Em nenhum outro dos vinte Concílios anteriores a Igreja havia sentido tamanha necessidade de conhecer e compreender profundamente o mundo em que vive (AGUIAR, 2017, p. 61). O Concílio Vaticano II torna-se, assim, um marco de abertura à realidade.

O autor ainda afirma que o Concílio expressa o desejo de colocar em prática o mandato evangélico de Jesus: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19) (AGUIAR, 2017, p. 61). Fica evidente, portanto, que o Concílio foi marcado por uma retomada do Evangelho e por um desejo sincero de diálogo com o mundo moderno.

Aguiar afirma que, para dialogar com a cultura do mundo presente, era necessário compreender a mentalidade moderna em todas as suas dimensões: existencial, ética, econômica, política, individual, social, cultural e religiosa (AGUIAR, 2017, p. 61). Isso exigiu do Concílio uma ampla abertura da Igreja às novas convicções e paradigmas. Nesse contexto, Bingemer corrobora essa visão ao destacar que o Concílio Vaticano II expressa um olhar reconciliado da Igreja para o mundo e sua complexa realidade (BINGEMER, 2012, p. 90).

Analisando, o contexto histórico da época conciliar, de acordo com Aguiar, era marcado por uma racionalidade secularizada e por um antropocentrismo que havia relegado Deus ao esquecimento. Era também um tempo dramático, que havia gerado grandes catástrofes,

guerras e misérias (AGUIAR, 2017, p. 62). Diante desse cenário, impunha-se à Igreja uma reflexão profunda sobre a condição humana e o futuro da humanidade.

Alberigo também destaca a mudança de postura promovida pelo Concílio Vaticano II. Em sua análise, observa-se uma transição significativa: a Igreja deixa de adotar uma atitude centrada na condenação e passa a assumir uma postura de escuta, diálogo e acolhida. Inspirando-se no pensamento do Papa João XXIII, Alberigo afirma:

Frente aos desafios, às exigências e às oportunidades da Idade Moderna, o novo concílio é chamado a ser ‘celebração solene da união de Cristo e de sua igreja’, ou seja, chamado a ser oportunidade para ‘um conhecimento mais amplo e objetivo’ das possibilidades da Igreja com respeito à sociedade humana e a seu futuro, por isso, numa atitude de acolhida e simpatia, não de condenação (ALBERIGO, 2006, p. 50).

Em síntese, o Concílio Vaticano II representou uma virada decisiva na forma como a Igreja se relaciona com o mundo moderno e, conseqüentemente, com a juventude. O Concílio renovou profundamente a compreensão da missão eclesial, transformando a Igreja em uma comunidade aberta ao diálogo, sensível aos dramas humanos e comprometida com o anúncio do Evangelho a todos os povos. Seus ensinamentos permanecem vivos e continuam sendo fundamentais para a missão evangelizadora da Igreja na atualidade.

2.2.1 Os jovens na ótica do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II, caracterizado pela abertura ao diálogo com o mundo moderno, diante de suas complexas realidades e constantes mudanças de paradigmas, constitui um marco fundamental para a evangelização e a formação das juventudes. Se a Igreja está próxima da realidade das pessoas, inevitavelmente estará também próxima dos jovens. Por isso, propõe-se, neste momento, apresentar de forma sintética a visão conciliar sobre as juventudes.

Segundo Bingemer, no Concílio “desde o início, como orientação fundamental, houve a busca de um papel mais positivo e participativo da fé católica na sociedade” (BINGEMER, 2012, p. 198)¹⁷. Para Danielski, essa perspectiva de abertura e participação revela que os jovens passaram a compor o cenário das preocupações da Igreja, uma vez que fazem parte da sociedade e de suas urgências (DANIELSKI, 2018, p. 114). A autora observa:

¹⁷ Texto original: “desde el principio como orientación fundamental la búsqueda de un papel más positivo y participativo de la fe católica en la sociedad” (BINGEMER, 2012, p. 198).

A Igreja conciliar levou para suas pautas a realidade de tantos jovens que por diversas razões afastavam-se da religião, bem como se preocupou com os conflitos geracionais existentes, não deixando de reconhecer que esses jovens também eram capazes de assumir a fé de maneira mais pura do que outros que já os haviam precedido. Diante da realidade das novas gerações a Igreja permaneceu crendo no futuro que essas podiam construir para toda humanidade (DANIELSKI, 2018, p. 114).

Apesar de o Concílio não dedicar um documento ou capítulo especificamente aos jovens, Danielski destaca que, durante vários momentos, eles foram alvo de reflexões e preocupações conciliares (DANIELSKI, 2018, p. 115). Tal sensibilidade se evidencia na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que demonstra preocupação com os conflitos de valores que afetam os jovens e com o impacto das mudanças estruturais e culturais. Observa-se na Constituição:

A transformação de mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens. Tornam-se frequentemente impacientes e mesmo, com a inquietação, rebeldes; conscientes da própria importância na vida social, aspiram a participar nela o mais depressa possível. Por este motivo, os pais e educadores encontram não raras crescentes dificuldades no desempenho da sua missão. Por sua vez, as instituições, as leis e a maneira de pensar e de sentir herdadas do passado nem sempre parecem adaptadas à situação atual; e daqui provém uma grave perturbação no comportamento e até nas próprias normas de ação (GS, 2020, n. 7).

Diante desse contexto, evidencia-se o olhar atento da Igreja, que reafirma seu compromisso de proximidade com os jovens, acompanhando-os em seus desafios e discernimentos. A Igreja, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, demonstra preocupação com jovens, de modo que não é indiferente aos seus sofrimentos. Conforme Danielski, o desejo conciliar é de que a Igreja esteja unida à humanidade e próxima dos jovens, de modo a transmitir eficazmente a mensagem do Evangelho, contribuindo para a dignidade humana e a construção de uma sociedade fraterna (DANIELSKI, 2018, p. 118).

Essa postura de acolhida e compreensão, segundo Bingemer, reflete a intenção do Papa Paulo VI, em continuidade à intuição do Papa João XXIII: “Desejava que a Igreja empregasse mais misericórdia e menos severidade” (BINGEMER, 2012, p. 198)¹⁸. Danielski confirma que esse espírito conciliar teve forte impacto sobre os jovens da época, sendo eles vistos como

¹⁸ Texto original: “Deseaba que la Iglesia emplease más misericordia y menos severidade” (BINGEMER, 2012, p. 198).

portadores de esperança para a Igreja (DANIELSKI, 2018, p. 115). A autora observa ainda que os jovens representavam a possibilidade de uma Igreja aberta à ação do Espírito na sociedade, “permitindo o florescer de nova força para si e para toda a humanidade” (DANIELSKI, 2018, p. 115).

Os documentos conciliares refletem também a preocupação com a formação integral dos jovens, valorizando não apenas a dimensão intelectual, mas também a espiritual, promovendo uma experiência com o sagrado e com os valores cristãos, voltada para o bem comum (GE, 2020, n. 1). Em particular, o Concílio ressaltou a importância da educação, conforme exposto na Declaração *Gravissimum Educationis*, que afirma:

O sagrado Concílio Ecumênico considerou atentamente a gravíssima importância da educação na vida do homem e a sua influência cada vez maior no progresso social do nosso tempo. Na verdade, a educação dos jovens, e até uma certa formação continuada dos adultos torna-se, nas circunstâncias atuais, não só mais fácil, mas também mais urgente (GE, 2020, n.1).

A Declaração reconhece a importância de educar bem os jovens, frente aos desafios da sociedade atual. O documento também reconhece o papel fundamental da família, da sociedade e da Igreja na formação das novas gerações (GE, 2020, n. 3), valoriza a contribuição das escolas (GE, 2020, n. 5), reforça a importância das universidades católicas (GE, 2020, n. 10) e exorta os jovens a acolherem com ânimo os ensinamentos recebidos, permanecendo firmes no espírito de Cristo (GE, 2020, n. 12).

Observando a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e Declaração *Gravissimum Educationis*, ao tratar dos jovens, de acordo com Danielski, o Concílio buscou responder às necessidades do tempo presente, promovendo sempre a construção de uma sociedade mais comprometida com a dignidade e liberdade das pessoas, visando a salvação eterna (DANIELSKI, 2018, p. 116). Nesse sentido, a autora enfatiza:

Com o desejo de que a Igreja deixe espalhar-se o seu tesouro sempre antigo e sempre novo que é a fé, o Concílio empenhou-se para que os jovens também pudessem desfrutar de seus benefícios, experimentando a profunda alegria do evangelho, resistindo às tentações de ceder às filosofias do egoísmo e do prazer, ou do desespero e do nada, mantendo-se firme na fé em Deus que a tudo dá sentido (DANIELSKI, 2018, p. 116).

Nesse contexto, o Concílio propõe uma Igreja aberta, próxima, dialogal e formadora, que caminha com os jovens e reconhece seu protagonismo para a renovação da própria comunidade eclesial. Essa perspectiva evidencia que a missão evangelizadora da Igreja,

conforme destaca Danielski, depende da formação das novas gerações, sendo os jovens da atualidade serão os responsáveis por formar os que virão (DANIELSKI, 2018, p. 116).

Essa orientação conciliar encontra respaldo no Decreto *Apostolicam Actuositatem*, que reconhece a importância do apostolado missionário juvenil, ao afirmar: “os jovens exercem na sociedade de hoje um influxo da maior importância” (AA, 2020, n. 12). Tal reconhecimento evidencia que os jovens não são apenas destinatários da evangelização, mas são chamados a assumir responsabilidades e a participar de maneira consciente e comprometida na missão da Igreja. Afirma o Decreto:

Com o amadurecimento da consciência da própria personalidade, estimulados pelo ardor da vida e pela atividade transbordante, assumem a própria responsabilidade e desejam tomar a parte ativa que lhes compete na vida social e cultural. Se este zelo é penetrado pelo espírito de Cristo e animado pela obediência e pelo amor para com os pastores da Igreja, podemos esperar dele frutos muito abundantes. Eles mesmos devem ser os primeiros e imediatos apóstolos da juventude e exercer por si mesmos o apostolado entre eles, tendo em conta o meio social em que vivem (AA, 2020, n. 12).

Segundo Ahern, o Concílio Vaticano II propôs um novo modelo apostólico juvenil, contrário aos modelos clericalistas ou meramente formais, que marginalizavam a juventude. O modelo conciliar é participativo, engajado e reconhece nos jovens protagonistas da transformação e evangelização (AHERN, 2015, p. 37).

A atenção à juventude tornou-se ainda mais evidente na mensagem do Papa Paulo VI dirigida aos jovens, no encerramento do Concílio, em 8 de dezembro de 1965, na qual o pontífice manifesta o desejo da Igreja de aproximar-se das novas gerações e reconhecer nelas um espaço privilegiado de renovação:

A Igreja, durante quatro anos, tem estado a trabalhar para um rejuvenescimento do seu rosto, para melhor responder à intenção do seu fundador, o grande vivente, o Cristo eternamente jovem. E no termo desta importante ‘revisão de vida’, volta-se para vós. É para vós, os jovens, especialmente para vós, que ela acaba de acender, pelo seu Concílio, uma luz: luz que iluminará o futuro, o vosso futuro (PAULO VI, 1965, n. 1).

A mensagem revela não apenas a preocupação, mas também a profunda estima com que a instituição olha para os jovens, reconhecendo neles uma força vital capaz de iluminar e renovar o caminho eclesial. O Papa Paulo VI reafirma a estima da Igreja pelos jovens e a confiança em sua força transformadora, exortando-os à responsabilidade e à participação ativa:

É em nome deste Deus e de seu Filho Jesus que vos exortamos a alargar os vossos corações a todo o mundo, a escutar o apelo dos vossos irmãos e a pôr corajosamente ao seu serviço as vossas energias juvenis. Lutai contra todo o egoísmo. Recusai dar livre curso aos instintos da violência e do ódio, que geram as guerras e o seu cortejo de misérias. Sede generosos, puros, respeitadores, sinceros. E construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados (PAULO VI, 1965, n. 1).

O Papa Paulo VI, com sua mensagem deposita a confiança na força ética, espiritual e social dos jovens, em vista de um mundo melhor. A mensagem conciliar não apenas encoraja, mas também responsabiliza os jovens, convidando-os a assumir um protagonismo coerente com sua vocação cristã.

No final da mensagem, o pontífice apresenta a própria Igreja como portadora de uma juventude interior, enfatizando a afinidade da instituição com a vitalidade das novas gerações:

A Igreja olha-vos com confiança e com amor. Rica de um longo passado sempre vivo, e caminhando para a perfeição humana no tempo e para os destinos últimos da história e da vida, ela é a verdadeira juventude do mundo. Possui o que constitui a força e o encanto dos jovens: a faculdade de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas. Olhai-a, e encontrareis nela o rosto de Cristo, o verdadeiro herói, humilde e sábio, o profeta da verdade e do amor, o companheiro e o amigo dos jovens (PAULO VI, 1965, n. 1).

A mensagem dirigida pelo Papa Paulo VI aos jovens, no final do Concílio Vaticano II, sinteticamente demonstra que a juventude é reconhecida como parte essencial do corpo eclesial, chamada a contribuir com sua energia, generosidade e entusiasmo para a renovação da Igreja. Ao mesmo tempo, os jovens encontram em Cristo a fonte de sentido, inspiração e autenticidade que sustenta sua caminhada de fé.

Em síntese, os documentos do Concílio Vaticano II, juntamente com a mensagem do Papa Paulo VI, evidenciam a profunda atenção e confiança da Igreja nos jovens. Nesse contexto, eles passam a ocupar um papel central, sendo reconhecidos não apenas como destinatários da evangelização, mas como protagonistas ativos na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e comprometida com os valores do Evangelho. Por meio do Concílio, a Igreja reafirma sua missão educativa, formativa e evangelizadora, acompanhando os jovens em seus desafios, fortalecendo sua fé e incentivando seu engajamento na vida comunitária e social. A esperança depositada nas novas gerações, expressa nas palavras do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II, permanece como um compromisso permanente: formar

jovens conscientes, comprometidos com a fé e capazes de transformar o mundo à luz do Evangelho.

2.2.2 A juventude na perspectiva da Igreja Latino-Americana: desafios, caminhos e propostas

A Igreja na América Latina, em consonância com os ensinamentos do Concílio Vaticano II, tem direcionado com grande atenção seu olhar pastoral para a juventude. Essa perspectiva revela um compromisso renovado com os jovens, reconhecendo neles não apenas o futuro, mas também o presente da Igreja. Nesse contexto, busca-se apresentar, a partir dos documentos das Conferências Episcopais Latino-Americanas, os principais desafios, caminhos e propostas que a Igreja tem delineado em relação à evangelização, formação e protagonismo juvenil no continente.

Nesse sentido, Kuzma ressalta que “o eco conciliar fez surgir também na América Latina, por intermédio das Conferências Episcopais (CELAM), esta intenção de esperança nos jovens” (KUZMA, 2015, p. 64). Tal afirmação demonstra que o espírito do Concílio Vaticano II – marcado pela abertura, diálogo e confiança nas novas gerações – encontrou ressonância concreta nas ações e reflexões pastorais da Igreja latino-americana. Assim, observa-se que as orientações conciliares foram não apenas acolhidas, mas também aprofundadas e contextualizadas diante da realidade sociocultural da juventude na região.

Neste momento, é importante compreender que a organização da Igreja na América Latina foi se estruturando ao longo do tempo por meio das Conferências do Episcopado, conforme afirmado:

A Igreja Latino-americana começou a caminhar orgânico a partir de 1955, com a criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), especialmente por meio de suas Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano (CELAM, 2013, n. 178).

A primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, ocorreu em 1955, no Rio de Janeiro, ainda antes do Concílio Vaticano II. De acordo com Silva: “ali nasceu para a América Latina um novo jeito de ser Igreja, a partir de uma caminhada própria e um método próprio” (SILVA, 2020, p. 109). A temática principal dessa conferência foi a escassez do clero e a formação nos seminários. Essa edição não teve grande repercussão social, pois não abordou diretamente questões sociais, nem tratou especificamente da evangelização juvenil.

Na segunda Conferência Geral, realizada em Medellín, em 1968, o Papa Paulo VI convidou os bispos a refletirem sobre a situação dos jovens e dos estudantes (CELAM, 2013, n. 179). Atendendo a esse chamado, os bispos afirmaram que a juventude vivia um momento de crise. Segundo o documento do CELAM, essa crise se expressava tanto na aceitação de formas burguesas da sociedade por alguns jovens, quanto na rejeição radical por parte de outros (CELAM, 2013, n. 180). A grande aspiração da juventude era por transformações que garantissem uma sociedade mais justa.

Outro ponto importante foi a percepção dos jovens sobre a Igreja:

Identificam a Igreja como os sacerdotes e bispos, mas não se sentem convidados a participar. Não esperam princípios doutrinários, mas apoio moral em sua tendência ao personalismo, ao idealismo excessivo, ao inconformismo radical, negando o passado e certo tipo de espontaneidade, negando a autoridade e tudo o que é formal. Qualidades são a autenticidade, a sinceridade e a aceitação do diferente (CELAM, 2013. 180).

Nesse sentido, a novidade trazida pela Conferência de Medellín, segundo Kuzma, foi o reconhecimento, por parte da Igreja, da juventude como expressão da renovação constante da própria Igreja e da humanidade (KUZMA, 2015, p. 65). Silva acrescenta que essa conferência passou a “reconhecer na juventude não só sua força numérica, mas também seu papel cada vez mais decisivo no processo de transformação do continente e sua importância insubstituível na missão profética da Igreja” (SILVA, 2020, p. 110). A Igreja, portanto, passou a buscar uma atitude de maior aproximação e diálogo com os jovens. Os bispos afirmaram:

Que se valorizem as organizações e os movimentos, especialmente os de índole nacional e internacional; que se dê mais confiança aos dirigentes leigos e se reconheça a autonomia própria dos movimentos seculares; que se consultem os jovens na elaboração da Pastoral Juvenil; que se estimule a ação dos jovens na transformação das estruturas; que formem lideranças para a comunidade; que a atenção aos jovens seja mais planejada; que se dê importância à formação de assistentes Juvenil; que os movimentos e organizações jovens façam intercâmbio com outras experiências; que se favoreça o ecumenismo; que haja leigos e jovens nos diversos departamentos do CELAM (CELAM, 2013, n. 185).

A Conferência de Medellín, portanto, demonstrou forte preocupação com a organização e a formação da juventude, evidenciando uma Igreja aberta e sensível às realidades juvenis.

Em 1979, foi realizada a terceira Conferência Episcopal Latino-Americana, em Puebla, que marcou um momento fundamental na evangelização da juventude. Nessa

conferência, o episcopado fez duas opções preferenciais: pelos pobres e pelos jovens, um marco significativo para a Igreja latino-americana. O Celam afirma que o documento de Puebla:

Começa falando da situação da juventude, dizendo que essa é uma atitude perante a vida, em uma etapa transitória. Os traços característicos dos jovens são: o espírito de aventura, a capacidade criadora, o desejo de liberdade e o fato de ser um sinal de alegria e de felicidade, exigindo autenticidade e simplicidade. O papel da juventude, no corpo social, é o de dinamizar o corpo. Sentindo-se não valorizados, os jovens lançam-se por diversos caminhos, ou optam por certo radicalismo, ou se acomodam (CELAM, 2013, n. 187).

Para Kuzma, a Igreja, em Puebla, demonstrou confiança nos jovens, reconhecendo-os como protagonistas e esperança da Igreja (KUZMA, 2015, p. 65). Embora valorizasse suas qualidades, a Igreja também expressou a preocupação de formar os jovens de modo que não fossem manipulados ou conduzidos ao radicalismo. Outro ponto essencial dessa conferência foi o reconhecimento da diversidade juvenil: “há diversos tipos de jovens (indígenas, camponeses, mineiros, pescadores e operários)” (CELAM, 2013, n. 189). Percebe-se, assim, uma Igreja sensível às múltiplas realidades juvenis.

A conferência também destacou que “a juventude vai ao encontro de um Messias que caminha em direção a ela; dessa forma, Ele é apresentado como libertador e experimentado como amigo pessoal” (CELAM, 2013. 191). Nessa afirmação, é nítido a aproximação da juventude com o sagrado, visualiza-se um Deus que caminha em direção dos jovens. A conferência deseja que “os jovens se sintam Igreja, como lugar de comunhão e de participação. Necessitam saber que ela os quer responsáveis em sua construção, enviando-os como missionários e testemunhas” (CELAM, 2013, n. 191). Nesse ponto, é fundamental notar que os jovens são vistos como Igreja, como protagonistas da missão.

Segundo Silva, a síntese dessa conferência está na formulação de uma Pastoral Juvenil que leve em consideração a realidade social dos jovens, aprofunde a fé como elemento transformador da sociedade e estimule a participação ativa na Igreja e na sociedade (SILVA, 2020, p. 112).

A quarta Conferência Geral, realizada em Santo Domingo, em 1992, teve como temas centrais a nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã. Também foi reafirmada a opção preferencial pelos jovens. Para Silva:

A IV Conferência Episcopal Latino-Americana de Santo Domingo reafirmou a opção preferencial como também uma opção afetiva e efetiva pelos jovens. Desse modo, reafirmar essa opção significa uma opção concreta por uma Pastoral Juvenil orgânica, em que exista um acompanhamento e apoio real

com diálogo mútuo entre os jovens, pastores e comunidades (SILVA, 2020, p. 113).

O contexto juvenil da época era desafiador. De acordo com o CELAM, muitos jovens eram vítimas da pobreza, marginalização, desemprego, educação de baixa qualidade, narcotráfico, violência, prostituição, alcoolismo e abusos sexuais (CELAM, 2013, n. 197). Também existiam uma grande porcentagem de jovens alienados por imposições culturais e desmobilizados pelas propagandas, embora parte deles resistisse a essa realidade, demonstrando sensibilidade social e repúdio à corrupção.

Na Conferência Santo Domingo, existe também o pedido da juventude:

As jovens e os jovens católicos, organizados em grupos pedem aos pastores acompanhamento espiritual e apoio em suas atividades, mas necessitam, sobretudo, de linhas pastorais claras, que contribuam para uma Pastoral Juvenil orgânica (CELAM, 2013, n. 198).

A resposta da Conferência reafirmou a necessidade de uma opção concreta, com apoio material e pessoal, diálogo, dimensão vocacional e formação consistente aos jovens (CELAM, 2013, n. 199). Para Silva, a proposta pastoral se traduz em:

Responder às necessidades de amadurecimento afetivo e à necessidade de acompanhamento; capacitar para que os evangelizados conheçam e respondam criticamente os impactos culturais e sociais; dinamizar uma espiritualidade do seguimento de Jesus, propiciando o encontro de fé e vida, a promoção da justiça e a geração de uma nova cultura da vida (SILVA, 2020, p. 114).

Em 2007, foi realizada a quinta Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe, em Aparecida, no Brasil, com o tema: “Discípulos-missionários de Jesus Cristo, para que n’Ele tenham vida”. O documento de Aparecida reforça a juventude como prioridade, reconhecendo que os jovens representam a maioria da população latino-americana e caribenha (CELAM, 2013, n. 202) e “representam um enorme potencial para o presente e futuro da Igreja e de nossos povos” (DAp, 2007, n. 443).

A Conferência destacou os desafios enfrentados pelos jovens: pobreza, alienação cultural, influência de novas expressões religiosas e pseudoreligiosas, crise familiar, baixa qualidade da educação, ausência na política, suicídio, migração forçada e uso abusivo das mídias digitais (CELAM, 2013, n. 221). Por outro lado, ressaltou suas virtudes: sensibilidade, generosidade, potencialidade e espírito missionário (CELAM, 2013, n. 220).

Entre as propostas pastorais (DAp, 2007, n. 446), destacam-se: renovar a opção preferencial pelos jovens em união com a família; fortalecer a Pastoral Juvenil; valorizar movimentos eclesiais; promover o encontro com Cristo; estimular a oração pessoal, a Lectio Divina, a frequência aos sacramentos, a direção espiritual e o apostolado; oferecer formação gradual para atuação social e política; capacitar os jovens para o trabalho; evitar envolvimento com drogas e violência; promover maior sintonia entre gerações; e incentivar a participação em eventos como as Jornadas Mundiais da Juventude (CELAM, 2013, n. 224). Para Kuzma, a Conferência de Aparecida revelou o desejo da Igreja de tornar os jovens protagonistas de sua história, agentes de transformação e verdadeira esperança para o futuro (KUZMA, 2015, p. 65).

A trajetória das Conferências Episcopais Latino-Americanas revela um contínuo amadurecimento da reflexão e da ação pastoral da Igreja em relação à juventude. Desde Medellín até Aparecida, é possível perceber um crescente compromisso em compreender os desafios enfrentados pelos jovens, valorizar sua diversidade e promover seu protagonismo na vida e na missão eclesial.

A opção preferencial pelos jovens, reafirmada em várias Conferências, não se limita a um discurso afetivo, mas assume uma dimensão efetiva por meio de propostas concretas que buscam integrar a juventude na caminhada da fé, da justiça e da transformação social. Dessa maneira, a Igreja da América Latina, ao fazer opção preferencial pelos jovens, expressa sua confiança nas novas gerações e sua fidelidade ao espírito conciliar.

Portanto, os ensinamentos das Conferências Episcopais da América Latina, oferecem valiosos subsídios para a construção de uma Pastoral Juvenil cada vez mais orgânica, participativa e encarnada na realidade latino-americana. O desafio permanece: continuar ouvindo, acompanhando e formando a consciência dos jovens para que, façam boas escolhas e como discípulos-missionários de Jesus Cristo, possam viver plenamente sua vida e contribuir profeticamente com a renovação da Igreja e da sociedade.

2.3 A juventude como lugar teológico

Neste ponto pretende-se apresentar a juventude como um lugar teológico. Para além de uma categoria sociológica, psicológica, antropológica, histórica, entre outras, a juventude é compreendida como espaço onde Deus se manifesta ao mundo e à Igreja. Dessa forma, busca-se refletir sobre essa concepção, apresentando alguns fundamentos teológicos e pastorais que sustentam a afirmação de que Deus continua a falar por meio da juventude.

Inicialmente, destacam-se os ensinamentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre a juventude como lugar teológico:

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua Teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem (CNBB, 2019, n. 81).

A partir dessa perspectiva, a CNBB convida a comunidade eclesial a abrir-se às realidades juvenis e a reconhecer que o transcendente pode se manifestar por meio da juventude e de sua cultura. Para Sá, é necessário reconhecer uma “teologia dos jovens”, ou seja, aprofundar-se na escuta e na compreensão do discurso que Deus realiza por meio deles (SÁ, 2010, p. 163). Essa mesma ideia é reforçada pela CNBB: “o jovem necessita não somente que falemos para ele de um Deus que vem ‘de fora’, mas de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser” (CNBB, 2019, n. 80).

Silva também contribui com essa reflexão ao afirmar que: “a vida e o coração da juventude são o lugar sagrado onde Deus continua se revelando continuamente” (SILVA, 2020, p. 75). Para o autor, Deus permanentemente se comunica por meio da juventude, assim como verifica-se ao longo de toda a história da salvação (SILVA, 2020, p. 75). Dessa forma, no documento “evangelização da juventude”, a CNBB destaca a importância de uma leitura teológica das culturas juvenis, reconhecendo nelas a presença do sagrado (CNBB, 2019, n. 81). Essa perspectiva é fundamentada na seguinte afirmação:

Em uma época em que se fala tanto de inculturação ou – em outros termos – de encarnar-se na realidade, de aceitar o novo, o plural e o diferente, na evangelização da juventude, estaremos diante de feições muito concretas e imprevisíveis. Dizer que, para Igreja, a juventude é uma prioridade em missão evangelizadora, é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade, mas porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade (CNBB, 2019, n. 81).

O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) também confirma esse ensinamento quando afirmar que na realidade teológica juvenil existe uma dimensão divina ainda por ser descoberta (CELAM, 2013, p. 162). O Papa Francisco corrobora com essa compreensão ao afirmar: “Deus é o autor da juventude e Ele trabalha em cada jovem” (FRANCISCO, 2019, n. 135). Com essas abordagens – da CNBB, do CELAM e do Papa Francisco – nota-se uma Igreja engajada em acolher os jovens e responder aos desafios do

tempo presente, conforme orienta o Concílio Vaticano II, isto é, uma a Igreja que dialoga com a realidade juvenil atual do mundo.

Dick complementa essa visão ao destacar a importância do discernimento para compreender a realidade teológica da juventude. Ele afirma:

O jovem é uma realidade teológica que é preciso aprender ler e desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil (DICK, 2009, p. 15).

Essa afirmação evidencia que Deus se revela de formas diversas, sendo a juventude uma dessas manifestações privilegiadas do transcendente. Silva reforça essa ideia ao afirmar que o divino pode se expressar por meio do jovem e de suas experiências concretas (SILVA, 2020, p. 75).

Aprofundando essa questão, de acordo com Silva, o jovem, em sua singularidade cultural, não é apenas objeto de reflexão teológica, mas um *locus theologicus*, isto é, uma realidade a ser interpretada com atenção (SILVA, 2020, p. 75). Essa leitura, conforme Dick, exige uma hermenêutica sensível, capaz de perceber como Deus se comunica na juventude por meio de sua cultura, de seus sonhos e de seu modo próprio de existir (DICK, 2009, p. 15).

Essa manifestação ocorre de múltiplas formas: nos gestos de solidariedade e cuidado com o próximo, na busca por justiça e sentido de vida, na criatividade e nas novas formas de expressão cultural, na coragem diante das adversidades e na abertura à fé e à espiritualidade. Por meio dessas experiências concretas, escolhas éticas e atitudes transformadoras, os jovens tornam visível a presença de Deus no mundo, oferecendo sinais de seu amor, de sua justiça e de sua esperança. No entanto, segundo Silva, as marcas do divino na juventude só podem ser desveladas mediante aproximação, sem medo, das realidades juvenis (SILVA, 2020, p. 75).

Como afirma Silva, é necessário que a Igreja se aproxime dos jovens, sabendo que eles trazem em si marcas do Criador, isso exige uma Igreja que atue na escuta, no respeito, no acolhimento, no cuidado, que tire as sandálias antes de pisar no solo sagrado que é a vida do outro, sabendo que Deus os habita, e que muitas vezes falta apenas o reconhecimento dessa realidade (SILVA, 2020, p. 75).

Reconhecer a juventude como lugar teológico também implica revisar práticas e estruturas eclesiais que, frequentemente, não acolhem de forma adequada sua linguagem, seus questionamentos e seus modos de ser. Como exorta o Papa Francisco, é necessário que a Igreja se disponha a aprender com os jovens, permitindo-se ser evangelizada por suas experiências e

renovando sua presença no mundo por meio desse diálogo fecundo (FRANCISCO, 2019, n. 38).

Em síntese, a Igreja precisa estar próxima dos jovens e de suas realidades. Ao mesmo tempo, deve ser capaz de discernir os sinais do sagrado presentes na cultura juvenil, pois Deus continua a se manifestar por meio deles no contexto atual. Ao reconhecer o jovem como portador do sagrado e como protagonista na construção da fé, a Igreja se renova em sua missão evangelizadora. Assume, assim, o desafio de uma evangelização que não apenas fala aos jovens, mas caminha com eles, discernindo juntos os caminhos pelos quais Deus continua a se comunicar com a humanidade.

2.4 Juventude e formação da consciência moral à Luz do Concílio Vaticano II

A formação da consciência moral constitui um elemento fundamental na educação integral da juventude, especialmente à luz da fé cristã. A abordagem deste tema inicia-se com uma breve introdução sobre a importância da consciência moral, seguida de uma reflexão acerca de sua valorização conforme os ensinamentos do Concílio Vaticano II, com ênfase na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n. 16. Por fim, destaca-se, ao longo da análise, a relevância da formação da consciência dos jovens em um contexto marcado por transformações constantes.

A compreensão inicial do conceito de consciência moral é essencial para refletir sobre a importância de sua formação durante a juventude. Segundo Konzen, a expressão “consciência moral” ou “consciência ética” refere-se à capacidade do indivíduo de julgar, a partir da sua própria perspectiva, as experiências vividas e os comportamentos livremente adotados, reconhecendo-os como portadores de valor, e compreendendo que o ser humano possui deveres e compromissos (KONZEN, 2007, p. 162).

De acordo com o autor, essa consciência implica no reconhecimento das responsabilidades que cada um deve assumir em relação a si mesmo, ao próximo e à sociedade (KONZEN, 2007, p. 162). Assim, a consciência moral é uma dimensão essencial da existência humana, pois possibilita a reflexão sobre ações e decisões com base na realidade interior do indivíduo. Nesse sentido, Konzen afirma, “a consciência moral liga-se à função do juízo de valor que a consciência exerce, à compreensão do bem e do mal, ao discernimento do que é bom ou mau” (KONZEN, 2007, p. 162).

Aprofundando a reflexão à luz dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, Anjos destaca que a consciência moral é um elemento essencial para a fundamentação da moralidade

e representa um ponto crucial para a renovação conciliadora da teologia moral (ANJOS, 2015, p. 945). Dessa forma, a partir do Concílio, a formação de uma consciência moral autêntica e esclarecida revela-se indispensável para a vivência ética plena e para o desenvolvimento de uma teologia moral renovada e contextualizada.

Para Anjos, antes do Concílio Vaticano II, a manualística pós-tridentina atribuía à consciência o papel de mero conhecimento das leis morais, definindo a teologia moral como o estudo do que é “prescrito, permitido ou proibido em vista da salvação eterna” (ANJOS, 2015, p. 945). O autor ressalta ainda:

A objetividade das leis morais minimiza a participação da subjetividade na ação moral; os sujeitos concretos se eximem da culpa diante da norma dada através da ignorância das leis e/ou pelos transtornos do consentimento. A interpretação do valor da própria norma se reduz muito à questão da clareza sobre sua obrigatoriedade (ANJOS, 2015, p. 945).

Com o Concílio Vaticano II, houve uma mudança de perspectiva que valorizou a consciência humana. Nesse contexto, a consciência deixou de ser entendida apenas como um reconhecimento subjetivo do que é certo ou errado, passando a exercer um papel ativo e formativo na vida ética do indivíduo. Em síntese, conforme Aguiar, o Concílio promoveu uma nova compreensão do conceito de consciência, que deixou de ser vista como mera juíza, como ocorria na era da casuística (AGUIAR, 2017, p. 67).

A temática da consciência moral está presente em vários documentos conciliares, embora não exista um documento exclusivo sobre sua formação. Conforme Vidal, “onde mais aparece a dimensão moral do Concílio é na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, na qual se opõem temas concretos e decisivos da vida e do comportamento dos cristãos” (VIDAL, 2003, p. 452). Dentre esses temas, destaca-se de forma significativa a questão da consciência.

Theobald afirma que, com o Concílio Vaticano II, “em razão da abertura radical da modernidade e dos problemas de orientação que ela coloca, a *Gaudium et Spes* remete os homens essencialmente à sua consciência (GS, n. 16) e à sua capacidade de buscar juntos a verdade” (THEOBALD, 2015, p. 578). Dessa maneira, a Igreja se abre a refletir, dialogar, valorizar e formar a consciência dos seres humanos, especialmente dos jovens, para que busquem um discernimento que leve à verdade e à escolha pelo bem.

Para Aguiar, essa nova visão da teologia moral, especialmente no que se refere à consciência, torna-se evidente no número dezesseis da *Gaudium et Spes* (AGUIAR, 2017, p. 67). Nesse documento conciliar, a definição de consciência moral é apresentada de forma clara

e profunda, ressaltando seu papel fundamental na vida ética do ser humano e sua relação íntima com a voz divina que orienta as decisões e os comportamentos. Diz o documento:

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita no coração pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado. A consciência é o núcleo mais secreto e o sacrário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do ser. Graças a consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe de arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objetivas da moralidade. Não raro, porém, acontece que a consciência erra, por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado (GS, 2020, n. 16).

Aguiar, refletindo sobre os ensinamentos da *Gaudium et Spes*, expõe que inicialmente a consciência é apresentada como um espaço profundo, íntimo e interior, onde ocorre o encontro entre Deus e a pessoa humana (AGUIAR, 2017, p. 69). Nessa perspectiva, conforme o autor, observa-se um retorno às raízes bíblico-teológicas, que identificam a consciência como o coração, centro da interioridade do indivíduo, chamado à aliança com Deus e em constante escuta de Sua Palavra (AGUIAR, 2017, p. 69).

Para Aguiar, o ser humano em escuta constante da Palavra do transcendente, guardando-a no coração para realizar o discernimento consciente de suas escolhas (AGUIAR, 2017, p. 70). Segundo Aguiar, Deus inscreve no íntimo do ser humano a Lei (Jr 17,1; 31,31-34; Ez 14,1-5; 36,26), e toda ação moral deve ser iluminada por esse centro (AGUIAR, 2017, p. 70). Fundamentando biblicamente, ele observa:

Jesus no Novo Testamento segue a mesma via. O Evangelho brota na interioridade (Mt 13,19) é daí que nasce palavras, ações, atitudes e comportamentos humanos (Mt 7, 18-23). Nota-se que nesse resgate está presente a noção da tradição Grega de *syneidesis* tão bem captada por Paulo que percebeu, pelo sopro do Espírito Santo, que esta voz interior é comum a todos os seres humanos: judeus e pagãos; escravos e livres (AGUIAR, 2017, p. 70).

Ao aprofundar a análise do número dezesseis da *Gaudium et Spes*, nota-se que a consciência é compreendida como o sacrário do ser humano, onde ressoa a voz do transcendente. Aguiar descreve essa dimensão afirmando que “a consciência como transcendência é vista agora como um lugar, onde acontece o encontro de Deus e o ser humano” (AGUIAR, 2017, p. 69).

Nessa mesma perspectiva, Almeida destaca que a consciência se configura como um íntimo espaço teológico, entendido como “o contexto privilegiado no qual a pessoa escuta e discerne a voz de Deus com todas as suas implicações na vida” (ALMEIDA, 2024, p. 110). O autor acrescenta que é nesse âmbito que o ser humano faz a experiência da graça (ALMEIDA, 2024, p. 110).

Nesse ponto, é essencial ressaltar, conforme Aguiar, que conceber a consciência como sacrário não significa isolamento, mas sim um lugar de encontro, onde toda a verdade se revela. Reforça-se que tudo isso é em vista do encontro pessoal com Deus e a escuta da Sua voz que convoca o ser humano a agir em toda a realidade histórica (AGUIAR, 2017, p. 69). Anjos corrobora nessa compreensão mostrando que essa experiência de intimidade pessoal com Deus, com a consciência, impulsiona o ser humano a sair de si mesmo, movido pelo amor, em direção à comunidade (ANJOS, 2015, p. 946). Sinteticamente, a visão conciliar sugere a consciência como lugar de encontro, diálogo e relação com Deus, com o outro e com o mundo.

Complementando essa reflexão, Almeida destaca que “o fato da pessoa, na sua interioridade, viver a saudável tensão de comunhão com Deus, consigo mesmo e com os outros, a coloca no contínuo processo de ouvir e discernir a voz da verdade que se apresenta a si mesma” (ALMEIDA, 2024, p. 109). Dessa forma, evidencia-se a importância da formação da consciência para o adequado discernimento.

Keenan também enfatiza a necessidade desse processo formativo, afirmando que a consciência é “a voz de Deus, à qual devemos atender em liberdade. Assim, precisamos formar nossas consciências” (KEENAN, 2013, p. 123). Essa perspectiva dá ênfase na relevância de um processo contínuo e dinâmico de formação que capacite o ser humano a enfrentar os desafios da vida, tomando decisões éticas e responsáveis.

Ao tratar do discernimento, é pertinente recordar o ensinamento do Concílio Vaticano II, segundo o qual a consciência constitui a base da identidade do cristão, chamado ao seguimento de Cristo e reunido pelo Espírito em uma comunidade de discernimento: “que possais discernir o que é melhor ou o que é bom, o que é mais importante ou o que mais convém e agrada a Deus” (Rm 2, 18). Esse exercício de discernimento auxilia o fiel a amadurecer na fé,

buscando uma consciência responsável, capaz de colaborar na construção de uma sociedade mais justa (GS, 2020, n. 13).

Outro aspecto essencial dessa reflexão diz respeito à fidelidade à voz da consciência, a qual exige uma resposta ativa e comprometida. Segundo Aguiar, escutar e permanecer fiel a essa voz orienta o indivíduo a agir com autenticidade e virtude, afastando-se do pecado (AGUIAR, 2017, p. 69). Nesse mesmo sentido, Anjos destaca que, ao ouvir e discernir os apelos da consciência, o ser humano é constantemente chamado a amar, praticar o bem e evitar o mal (ANJOS, 2015, p. 946).

Além disso, o autor salienta que, ao permanecer fiel à própria consciência, o cristão se une aos demais na busca da verdade e na resolução justa dos dilemas morais que surgem na vida pessoal e social (ANJOS, 2015, p. 946). Diante disso, torna-se evidente a relevância da formação da consciência dos jovens, como caminho para a construção de um futuro mais humano e solidário. Para tanto, é imprescindível que essa formação promova um discernimento ético consistente, capaz de orientar suas ações com base no respeito à dignidade da pessoa humana e a construção de um mundo melhor.

Em suma, a formação da consciência moral é fundamental para a educação integral da juventude, especialmente à luz da fé cristã renovada pelo Concílio Vaticano II. Conforme exposto na *Gaudium et Spes*, a consciência constitui o espaço interior onde ressoa a voz de Deus, chamando o ser humano ao discernimento e à ação pautada na liberdade e na responsabilidade. Diante dos desafios éticos da atualidade, torna-se imprescindível que a Igreja e a sociedade colaborem no desenvolvimento de consciências bem formadas, capazes de reconhecer o bem e comprometer-se com a verdade. Nesse contexto, a educação moral revela-se como um caminho privilegiado para preparar os jovens a viver com maturidade, senso de justiça e espírito de solidariedade, respondendo de forma autêntica aos apelos do Evangelho e às exigências da convivência social no mundo atual.

2.5 Considerações finais

Neste capítulo, destacou-se que a juventude ocupa um lugar relevante tanto na Sagrada Escritura quanto na vida da Igreja, sendo frequentemente apresentada como um tempo propício à escuta, à abertura e à resposta ao chamado divino. Nesse contexto, a formação da consciência moral dos jovens revela-se uma demanda pastoral e teológica de grande importância, sobretudo diante dos desafios e complexidades da atualidade.

Ao longo do capítulo, foram evidenciadas diversas figuras juvenis presentes na Sagrada Escritura, as quais marcaram a história do povo de Deus e promoveram transformações significativas na sociedade, tais como: José do Egito, Samuel, Davi, Maria e Timóteo. Conforme argumenta Loraschi, esses personagens não apenas são chamados por Deus, mas também recebem missões decisivas para a realização do seu plano amoroso (LORASCHI, 2013, p. 3). Esses exemplos confirmam que os jovens, apesar de todas as crises próprias do ciclo juvenil e dos desafios da atualidade – como o narcisismo, o consumismo, as novas tecnologias, a busca subjetiva por espiritualidades e a adesão a movimentos tradicionalistas – é plenamente capaz de acolher, com generosidade e coragem, os apelos divinos, desde que devidamente acompanhada e incentivada em sua caminhada de fé e discernimento.

Ao aprofundar a temática da juventude na vida da Igreja do tempo presente, destaca-se o Concílio Vaticano II, como marco de renovação eclesial e abertura para o diálogo com o mundo moderno. Para Danielski, embora não exista um documento conciliar específico sobre a juventude, observa-se que os jovens passaram a integrar as preocupações eclesiais, pois são parte integrante da sociedade e de suas urgências (DANIELSKI, 2018, p. 114). Nos diversos documentos conciliares, manifesta-se clara preocupação com a formação e a educação dos jovens. De modo geral, o Concílio revelou um olhar de confiança e amor para com a juventude; conforme exortou o Papa Paulo VI, os jovens são a esperança da Igreja e da humanidade (PAULO VI, 1965, n. 1).

Nesse mesmo sentido, Kuzma afirma que esse eco conciliar repercutiu na América Latina, especialmente por meio das Conferências Episcopais, consolidando essa esperança depositada nos jovens (KUZMA, 2015, p. 64). Observa-se, assim, que a tradição pastoral latino-americana, desde Medellín até Aparecida, evidencia o crescente reconhecimento do papel dos jovens na missão evangelizadora. Essa trajetória destaca a importância de valorizar o protagonismo juvenil e de oferecer uma formação integral que os capacite a realizar escolhas éticas, conscientes e transformadoras.

Ademais, à luz do Concílio Vaticano II, especialmente da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, aprofundou-se a compreensão sobre a formação da consciência dos jovens. O documento conciliar afirma que a consciência é “o núcleo mais secreto e o sacrário do ser humano, onde ele se encontra a sós com Deus, cuja voz ressoa em seu íntimo” (GS, 2000, n. 16). Essa concepção revela que a consciência não é apenas uma instância racional ou normativa, mas o espaço sagrado em que o ser humano discerne o bem à luz da presença divina.

Conforme aponta Webster, “a reflexão católica recente sobre a consciência quase não tem mais o tom jurídico dos manuais tradicionais, e prefere uma abordagem personalista da

consciência” (WEBSTER, 2014, p. 431). Desse modo, ressaltou-se a importância da formação da consciência, sobretudo dos jovens, para que possam discernir, com liberdade e responsabilidade, o caminho do bem e da verdade.

Diante disso, torna-se essencial que tanto a Igreja quanto a sociedade invistam na formação da consciência moral das juventudes. Em consonância com os princípios do Concílio Vaticano II, tal formação não deve se limitar à simples transmissão de normas, mas deve ser compreendida como um processo contínuo de escuta, discernimento e compromisso com o Evangelho e com a transformação da realidade. Tendo em vista, que jovens com a consciência bem formada se tornam, agentes de esperança e construtores de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

Em suma, torna-se necessário aprofundar a reflexão sobre o papel da Igreja nos últimos anos na orientação e no acompanhamento das juventudes na formação da consciência moral. É nesse contexto que o terceiro capítulo se debruça sobre a atuação do Papa Francisco, analisando suas propostas e caminhos pastorais para a formação da consciência juvenil e a evangelização, evidenciando como a pedagogia – da acolhida, do diálogo e do discernimento – constitui elemento central para que os jovens se tornem verdadeiros agentes de transformação social e de testemunho evangélico.

3. PAPA FRANCISCO E A JUVENTUDE: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA E A EVANGELIZAÇÃO

Considerando os desafios que marcam o universo juvenil atual, tais como o narcisismo, a influência das novas tecnologias, a cultura consumista, a pluralidade de espiritualidades e o fortalecimento de movimentos tradicionalistas, torna-se evidente que a Igreja precisa oferecer caminhos sólidos para a formação da consciência, permitindo que os jovens desenvolvam discernimento crítico e ético frente às complexidades do mundo atual. É nesse contexto que se insere a ação pastoral do Papa Francisco, que continua a trilhar os caminhos do Concílio Vaticano II, de acolhida e diálogo com o mundo moderno.

Neste capítulo, será desenvolvida uma reflexão sobre a formação da consciência dos jovens à luz do magistério do Papa Francisco. Para isso, propõe-se, inicialmente, uma visão panorâmica de sua trajetória, com uma breve apresentação biográfica, seguida da identificação de algumas marcas fundamentais de seu pontificado. Destaca-se, conforme observa Susin, que o Papa Francisco, como filho do Concílio Vaticano II, permanece fiel à sua inspiração e aos seus ensinamentos, conferindo assim uma base conciliar à sua ação pastoral e à sua proposta evangelizadora (SUSIN, 2023, p. 19).

Na sequência, serão analisados os primeiros pronunciamentos do Papa Francisco dirigidos à juventude, proferidos durante a Jornada Mundial da Juventude de 2013, realizada no Brasil. Essa reflexão apoia-se no pensamento de Danielski, para quem tais discursos evidenciam a continuidade entre a proposta pastoral do Papa Francisco e a eclesiologia do Concílio Vaticano II, caracterizada pela abertura, escuta e acolhida às juventudes em suas diversas expressões e contextos (DANIELSKI, 2018, p. 122).

Entre os documentos mais significativos do pontificado no que se refere à juventude, destaca-se a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, dirigida não apenas aos jovens, mas a todo o povo de Deus. Trata-se de um texto profundo, que oferece uma leitura atenta da realidade juvenil atual e propõe caminhos concretos para a formação da consciência e a evangelização dos jovens. De modo especial, aprofunda-se aqui o conteúdo dessa Exortação, a qual, segundo Vieira e Isotton, dialoga com a realidade concreta das juventudes e propõe diretrizes pastorais fundamentadas para a evangelização (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 83).

A Exortação Apostólica *Christus Vivit* reflete a necessidade de a Igreja atuar em diálogo com os jovens, reconhecendo suas diversidades, os novos paradigmas e os desafios do mundo atual, de modo a formar consciências capazes de discernimento, liberdade e responsabilidade ética.

Destaca-se, ainda, que é indispensável a presença de pessoas devidamente preparadas para acompanhar os jovens em seu amadurecimento humano, espiritual e vocacional. Sob essa perspectiva, desenvolve-se também uma reflexão sobre o valor e os desafios da pastoral juvenil, que, conforme propõe o Papa Francisco, deve ser ao mesmo tempo sinodal e popular, ou seja, inserida na vida do povo, próxima da realidade concreta das juventudes e sensível às suas necessidades e esperanças.

Por fim, apresenta-se a proposta do Papa Francisco quanto à formação da consciência moral dos jovens, que segue a proposta do Concílio Vaticano II. Trata-se de um processo que não se baseia em manuais ou normas rígidas, mas sim em um itinerário formativo dinâmico, inspirado na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, sustentado pela cultura do discernimento e do caminhar juntos. Esse processo, como afirma Francisco, é um caminho que se estende por toda a vida (FRANCISCO, 2019, n. 281). Sua vivência é essencial para a construção de um mundo mais fraterno, solidário e justo.

3.1 Francisco: Um papa filho do Concílio Vaticano II e pastor dos tempos atuais

O pontificado do Papa Francisco representa uma nova etapa na história da Igreja Católica, caracterizada pela simplicidade, abertura ao diálogo e forte compromisso com os desafios atuais. De origem humilde e profundamente influenciado por sua formação latino-americana, Jorge Mario Bergoglio trouxe ao pontificado uma perspectiva pastoral sensível às realidades sociais e humanas. Esta reflexão busca apresentar uma visão panorâmica dos principais aspectos de sua biografia, estilo pastoral e das marcas teológicas e sociais que definem seu tempo de pontificado.

Jorge Mario Bergoglio nasceu em 17 de dezembro de 1936, em Buenos Aires, Argentina. Segundo Tavares, ele é descendente de imigrantes italianos (TAVARES, 2025, p. 2). Seu pai, originário da comuna de Portacomaro, na região do Piemonte, atuava como ferroviário na Argentina. Sua mãe, Regina Maria Sivori, natural da capital argentina, dedicava-se ao lar. Além de Jorge Mario, o casal teve outros quatro filhos. Esses dados evidenciam a origem simples de Bergoglio, aspecto que se tornou evidente ao longo de seu pontificado.

De acordo com Silva, Bergoglio ingressou no seminário Villa Devoto em 1956 e foi ordenado presbítero em 1969. Em 1992, foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires e, posteriormente, em 1998, tornou-se arcebispo da mesma cidade (SILVA, 2018, p. 209). O autor também afirma que sua atuação como arcebispo foi marcada por um trabalho incansável em

favor dos pobres, sendo nomeado cardeal pelo Papa João Paulo II em 2001 (SILVA, 2018, p. 209).

Com a renúncia do Papa Bento XVI, em 2013, Bergoglio foi eleito Papa aos 76 anos de idade. Aquino destaca que sua trajetória vocacional, comprometida com o Evangelho, o conduziu naturalmente ao pontificado da Igreja Católica Apostólica Romana (AQUINO, 2024, p. 788). Conforme Silva, o então cardeal jesuíta, com sólida formação intelectual, escolheu o nome Francisco em referência a São Francisco de Assis, sinalizando seu compromisso com a humildade e a simplicidade (SILVA, 2018, p. 209). Assim, desde a escolha do nome, seu pontificado refletiu profundamente o comprometimento com os ensinamentos de Jesus de Nazaré.

A primeira aparição pública de Francisco, para Martins, revelou a imagem de um homem profundamente humano (MARTINS, 2024, p. 63). O autor relata que o pontífice comoveu a multidão reunida na Praça São Pedro ao se curvar e pedir humildemente que todos rezassem por ele (MARTINS, 2024, p. 63). Esse gesto inicial marcou seu estilo pastoral: próximo, acessível e consciente das responsabilidades como bispo de Roma.

Susin destaca que o Papa Francisco manifestou, ao longo de seu pontificado, uma sensibilidade tipicamente latino-americana, a qual se tornou uma das marcas centrais de sua atuação pastoral (SUSIN, 2023, p. 17). Essa perspectiva o aproximava, em certos aspectos, do Papa João XXIII, especialmente no que diz respeito à abertura ao diálogo e à renovação da Igreja. A autora ressalta ainda que Francisco é “o primeiro papa que, ao invés de ser ‘padre conciliar’, é somente ‘filho do Concílio’” (SUSIN, 2023, p. 19), evidenciando seu profundo compromisso com os ensinamentos do Concílio Vaticano II e sua disposição em promover uma Igreja mais aberta, inclusiva e fiel aos sinais dos tempos.

Nesse contexto, Francisco assumiu com coragem e convicção os ensinamentos propostos pelo Concílio. Para Susin, seu pontificado representou um verdadeiro *Kairós* para a Igreja (SUSIN, 2023, p. 17). De modo semelhante, Passos o define como um renovador inédito, capaz de dinamizar uma instituição tradicional e burocrática (PASSOS, 2018, p. 108). O autor afirma que Francisco:

Do fundo do carisma cristão, retira o vigor, os conteúdos e os rumos de uma renovação desafiante e urgente. Seu carisma busca incessantemente meios de expor de modo renovado a tradição da fé; com ele, a fé continua buscando inteligência em um mundo marcado por imensos desafios e uma Igreja carente de mudanças urgentes (PASSOS, 2018, p. 108).

Francisco, fiel aos ensinamentos da Sagrada Escritura e da Tradição eclesial, e atento aos sinais dos tempos, manteve um diálogo constante com os paradigmas e desafios da sociedade contemporânea, demonstrando notável capacidade de transmitir a fé de maneira acessível e atual.

Martins também observa que o pontificado de Francisco se caracterizou por uma intensa pregação do Evangelho, centrada na experiência da proximidade e da misericórdia de Deus (MARTINS, 2024, p. 64). Além disso, o autor destaca o compromisso do Papa com os pobres e os migrantes (MARTINS, 2024, p. 66), assim como sua dedicação às questões socioambientais, especialmente no que tange ao cuidado com a Casa Comum e à promoção de uma ecologia integral (MARTINS, 2024, p. 67). Outro aspecto relevante de sua atuação, na visão de Martins, é a proposta de uma Igreja sinodal, marcada pela escuta, pelo diálogo e pela participação ativa de todo o povo de Deus (MARTINS, 2024, p. 77).

A postura pastoral de Francisco, marcada pela proximidade e empatia, despertou diferentes reações na sociedade. Tavares lembra que Francisco foi uma figura capaz de suscitar críticas, admiração e respeito, tornando-se uma liderança de grande projeção midiática e impacto cultural (TAVARES, 2025, p. 7). Seu testemunho marcou profundamente a Igreja e o mundo atual.

Entre os diversos aspectos de sua atuação, merece destaque sua atenção dedicada às juventudes. Para Silva, desde o início de seu pontificado, Francisco demonstrou especial interesse pelos jovens, como revelou sua participação na Jornada Mundial da Juventude, realizada no Rio de Janeiro em 2013 (SILVA, 2018, p. 209). Esse evento simbolizou não apenas uma aproximação com a juventude, mas também uma opção pastoral concreta, expressando o desejo de valorizá-los e integrá-los como protagonistas na missão evangelizadora.

A valorização das juventudes tornou-se ainda mais evidente em iniciativas como o Sínodo dos Jovens, em 2018, e a Exortação Apostólica *Christus Vivit*, publicada em 2019. Tais ações revelam um magistério que não apenas fala aos jovens, mas também fala com eles, escutando-os e reconhecendo seu potencial transformador para a Igreja e a sociedade.

Diante da análise realizada, é possível afirmar que o pontificado do Papa Francisco se caracteriza por uma profunda sensibilidade pastoral, fortemente enraizada em sua história de vida, sua formação latino-americana e seu compromisso com os ensinamentos do Concílio Vaticano II. Sua liderança promoveu uma Igreja mais próxima das pessoas, aberta ao diálogo e atenta aos desafios do mundo contemporâneo. Entre os diversos aspectos de sua atuação, destaca-se sua atenção aos jovens, reconhecendo neles um potencial transformador para a Igreja e a sociedade. Ao valorizá-los como protagonistas, Francisco não apenas os escutou, mas os

integrou ativamente na missão eclesial, revelando um pontificado marcado por escuta, renovação e esperança.

3.2 Papa Francisco: a valorização dos jovens na Igreja

O pontificado do Papa Francisco inaugurou uma nova etapa na relação da Igreja com os jovens, marcada pela escuta, proximidade e valorização. Inspirado pela eclesiologia do Concílio Vaticano II, Francisco reconhece nos jovens não apenas o futuro da Igreja, mas seu presente ativo e transformador. Nesse sentido, propõe-se uma reflexão, a partir das contribuições de Danielski e dos primeiros discursos do pontífice, sobre como se delineia uma pastoral juvenil centrada na misericórdia, no protagonismo e no compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Segundo Danielski, o Papa Francisco caminha em continuidade com a eclesiologia conciliar, que inspira abertura e acolhida às juventudes (DANIELSKI, 2018, p. 122). Danielski destaca que, a partir dos documentos do Concílio Vaticano II, a Igreja deposita esperança concreta nas juventudes, reconhecendo nelas sinais de renovação.

Com Francisco, intensifica-se a valorização daqueles que vivem o ciclo juvenil. Conforme Danielski, os jovens são chamados a participar autenticamente da comunidade dos batizados, assumindo um papel ativo na evangelização (DANIELSKI, 2018, p. 123). Para a autora, o pontificado de Francisco reafirma que:

Os jovens são parte dessa Comunidade, neles está à esperança de uma Igreja em saída, de uma Igreja missionária, comprometida com todos, comprometida com o mundo e suas realidades, assim somos todos chamados a esta nova saída missionária. Vemos neste pontificado, como no Concílio, o esforço por uma Igreja de portas abertas, capaz de iluminar os novos desafios, contando com a força de todos os batizados, fazendo com que ela seja a luz dos povos, *Lumen Gentium* (DANIELSKI, 2018, p. 123).

O magistério de Francisco propõe uma comunidade eclesial viva, dinâmica e comprometida com os desafios do mundo atual. Dessa forma, inspirado pelo espírito conciliar, o Papa deseja uma Igreja em saída, e reconhece nos jovens uma força ativa e indispensável na construção de uma Igreja acolhedora e missionária. Nesse sentido, Wolff destaca que Francisco propõe uma superação da pastoral de conservação, reafirmando que a Igreja existe para sair de si mesma e testemunhar o Evangelho no mundo (WOLFF, 2013, p. 153).

Segundo Danielski, a Igreja sob o pontificado de Francisco não deve temer os novos areópagos, as periferias do mundo e os dramas existenciais (DANIELSKI, 2018, p. 123). O

próprio Francisco expressa essa visão na *Evangelii Gaudium*: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, 2013, n. 49). É justamente nesse contexto de Igreja em saída que as juventudes encontram um espaço de acolhida, protagonismo e reconhecimento.

Francisco, foi ao encontro dos jovens e os acolheu com ternura. Como destacam Álvarez, Cardona e Echeverri, “durante seu pontificado, Francisco demonstrou grande empatia com os jovens” (ÁLVAREZ, CARDONA, ECHEVERRI, 2021, p. 37)¹⁹. Para os autores, “Meses depois de ter sido eleito papa, sua presença na Jornada Mundial da Juventude em 2013 marcou fortemente seu estilo de relacionamento com os jovens” (ÁLVAREZ, CARDONA, ECHEVERRI, 2021, p. 37)²⁰. Dessa forma, a presença, os gestos e os ensinamentos do Papa Francisco, durante a Jornada Mundial da Juventude de 2013, estabeleceram vínculos profundos entre o pontífice e os jovens.

Francisco é muito humano e compreensível, conforme Danielski, acolhe os jovens respeitando suas realidades, histórias, sonhos e medos (DANIELSKI, 2018, p. 123). Ele pede que a Igreja jamais os isole, mas que os integre plenamente na vida comunitária. Em entrevista concedida a caminho do Brasil, no primeiro ano de seu pontificado, o Papa afirma referente aos jovens:

Eu queria encontrá-los precisamente no tecido social, em sociedade. Porque, quando isolamos os jovens, praticamos uma injustiça: despojamo-los da sua pertença. Os jovens têm uma pertença: pertença a uma família, a uma pátria, a uma cultura, a uma fé [...] e não devemos isolá-los! (FRANCISCO, 2013, p. 11).

Essa fala revela o desejo profundo do papa de se aproximar das juventudes e de garantir-lhes espaços legítimos de pertencimento, escuta e protagonismo. Trata-se de uma clara valorização das diversas realidades juvenis e do compromisso pastoral em reconhecer sua importância na vida social e eclesial.

Danielski destaca que a Igreja proposta por Francisco deve ser espaço de acolhida afetiva, liberdade, formação e amadurecimento. Um lugar onde os jovens se sintam

¹⁹ Texto original: “durante su pontificado, Francisco muestra gran empatía con los jóvenes” (ÁLVAREZ, CARDONA, ECHEVERRI, 2021, p. 37).

²⁰ Texto original: “meses después de haber sido elegido papa, su presencia en la Jornada Mundial de la Juventud en el 2013, marcó fuertemente su estilo de relación con ellos” (ÁLVAREZ, CARDONA, ECHEVERRI, 2021, p. 37).

verdadeiramente aceitos e impulsionados a realizar seus sonhos, contribuindo para a construção de uma civilização do amor (DANIELSKI, 2018, p. 124).

Outro traço marcante do pontificado é a confiança que Francisco deposita nos jovens. Em seu discurso de boas-vindas na JMJ do Rio de Janeiro, o pontífice inicia dizendo que Cristo “bota fé nos jovens”, confiando a eles o futuro da Igreja e da sociedade (FRANCISCO, 2013, p. 17). Nessa perspectiva, Wolff observa que Francisco encoraja os jovens a não permitirem que lhes roubem a esperança, mesmo diante das adversidades, e os exorta a viverem com alegria (WOLFF, 2013, p. 152).

Danielski interpreta esse gesto de confiança como uma aposta concreta do Papa Francisco nas juventudes, reconhecendo-as como verdadeiros discípulos e agentes de transformação na Igreja e na sociedade (DANIELSKI, 2018, p. 124). Essa perspectiva encontra ressonância em Oliveira, para quem uma das marcas distintivas do pontífice é a proposta de uma prática religiosa engajada, capaz de provocar mudanças significativas na realidade social (OLIVEIRA, 2023, p. 28).

Tendo em vista a esperança que o Papa deposita nos jovens, Danielski adverte que é imprescindível cuidar das juventudes, oferecendo-lhes uma formação sólida e a transmissão de valores consistentes, de modo que possam corresponder adequadamente à missão que lhes é confiada (DANIELSKI, 2018, p. 124). Para a autora, essa atenção pastoral se justifica pela importância que os jovens assumem na construção do futuro, como ilustra ao afirmar:

As juventudes são as ‘janelas’ por onde nos vem o futuro, porém é necessário entendermos, e Francisco nos ajuda nessa tarefa, pois se essas janelas estiverem ‘sujas e quebradas’ a entrada do futuro estará comprometida. O Papa nos alerta para os cuidados que devemos manter com as juventudes, já que são a janela pela qual o futuro entra no mundo (DANIELSKI, 2018, p. 124).

Assim, a Igreja precisa assumir sua vocação de cuidar, proteger e formar as novas gerações, garantindo-lhes um caminho de liberdade e realização em Cristo. Isso se traduz em criar ambientes adequados para o seu crescimento humano, social e espiritual.

Um aspecto significativo do início do pontificado de Francisco manifesta-se em um de seus discursos dirigidos às juventudes durante sua visita ao Brasil. Nessa ocasião, o pontífice expressa de forma clara suas expectativas em relação aos jovens, exortando-os com palavras incisivas:

Quero que se façam ouvir também nas dioceses; quero que saiam [...]. Quero que a Igreja saia às ruas, quero que nos defendamos de tudo que seja

mundanismo, do que seja instalação, do que seja comodidade, do que seja clericalismo, do que seja estar fechados em nós mesmos (FRANCISCO, 2013, p. 44).

Nesse apelo, Francisco convoca os jovens a assumirem uma postura profética e missionária, rompendo com o comodismo e a passividade. Como observa Oliveira, o Papa enfatiza a urgência do protagonismo juvenil e propõe uma renovação profunda da pastoral juvenil, com espaços reais de participação (OLIVEIRA, 2023, p. 27).

Danielski reforça que Francisco deseja uma Igreja peregrina, presente no meio da humanidade, e espera que os jovens sejam missionários, ousados e autênticos, como o jovem Jesus de Nazaré (DANIELSKI, 2018, p. 127). Os jovens não são apenas ouvintes, mas evangelizadores ativos, chamados a iluminar o mundo com o Evangelho.

Por diversas vezes, na Jornada Mundial da Juventude de 2013, o Papa Francisco exortou os jovens para construírem uma nova sociedade e uma Igreja mais viva:

Construam um mundo melhor. Um mundo de irmãos, um mundo de justiça, de amor, de paz, de fraternidade, de solidariedade. Joguem para frente. [...] Na Igreja de Jesus, as pedras vivas somos nós, e Jesus nos pede que edifiquemos sua Igreja [...] (FRANCISCO, 2013, p. 117).

Para Danielski essa convocação direta ao engajamento social e eclesial revela o reconhecimento, por parte do pontífice, de que o coração das juventudes almeja um mundo melhor (DANIELSKI, 2018, p. 129). A convocação à ação se faz ainda mais explícita quando Francisco declara:

Por favor, não deixem que outros sejam os protagonistas da mudança. Vocês são os que têm o futuro [...]. Por vocês entra o futuro no mundo. [...] Continuem superando a apatia e oferecendo uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que vão se levantando em diversas partes do mundo. Peço-lhes que sejam construtores do futuro, que se metam no trabalho por um mundo melhor (FRANCISCO, 2013, p. 119).

Essas palavras, dos discursos iniciais do Papa Francisco referente aos jovens, segundo Danielski, expressam a importância central dos jovens para o pontífice, desde os primeiros momentos de seu magistério (DANIELSKI, 2018, p. 131). A Igreja, conforme ensina o Papa Francisco, é chamada a não se distanciar das realidades juvenis, mas a colocar os jovens no centro de sua ação evangelizadora.

Conclui-se que o magistério de Francisco ressignifica profundamente a presença juvenil na Igreja, convidando-a a ser um espaço de acolhida, escuta e corresponsabilidade.

Reconhecendo nos jovens a força da esperança e da renovação, o Papa reafirma sua confiança em uma geração capaz de enfrentar os desafios do presente e colaborar na edificação de um mundo mais justo e evangelicamente comprometido. Assim, os jovens não são apenas destinatários da ação pastoral, mas sujeitos e protagonistas da missão evangelizadora da Igreja em saída.

3.3 Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*: um documento sinodal para os jovens

Entre os diversos momentos em que o Papa Francisco se dirigiu aos jovens, destaca-se, de forma especial, a publicação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*. Esse documento representa um marco significativo na abordagem da juventude pela Igreja, oferecendo orientações essenciais para a sua evangelização. O presente texto tem como objetivo apresentar o processo de construção da exortação no âmbito formal sinodal, bem como uma análise breve e panorâmica de seu conteúdo.

A Exortação Apostólica *Christus Vivit* é dirigida aos jovens e a todo o povo de Deus, constituindo um documento profundo que reflete a realidade juvenil e indica caminhos de reflexão acerca da formação e evangelização dos jovens. Suas reflexões fundamentam-se no Sínodo dos Bispos, realizado em 2018, cujo tema foi: “Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional”. Conforme destaca Santos, ao convocar o Sínodo, o Papa Francisco reafirmou sua intenção de colocar as juventudes no centro da ação evangelizadora da Igreja (CONTIERO, 2019, p. 38).

Segundo Vieira e Isotton, a Exortação Apostólica *Christus Vivit*, retrata bem a realidade juvenil atual, pois trata-se do terceiro documento produzido no processo sinodal (VIEIRA, ISOTTON, 2022, p. 82). O primeiro foi o *Instrumentum Laboris*, que reuniu contribuições de jovens durante o período preparatório. O segundo, foi o Documento Final da XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, que sistematizou as conclusões das discussões sinodais. Dessa maneira, a Exortação Apostólica *Christus Vivit*, assume um caráter atual e significativo, pois expressa a leitura pessoal do Papa sobre o caminho percorrido, à luz das escutas realizadas.

O processo sinodal, marca expressiva do pontificado do Papa Francisco, foi fundamental para que a exortação se apresentasse como um documento tão próximo e atual em relação à juventude. Para Silva, embora o Sínodo não seja uma novidade na história da Igreja,

ganhou novo impulso com Francisco, consolidando-se como uma proposta de renovação na forma eclesial de ser e de agir no mundo atual (SILVA, 2020, p. 113).

No Sínodo de 2018, a participação juvenil foi significativa, como ressalta Leal:

A presença deles na Assembleia Sinodal não foi apenas simbólica, mas uma contribuição essencial que enriqueceu o diálogo e a compreensão mútua e levou os padres sinodais a dizerem: ‘experimentamos como a proximidade cria as condições para que a Igreja seja espaço de diálogo e testemunho de fraternidade que fascina’ (LEAL, 2024, p. 30).

O processo sinodal favoreceu uma participação ativa dos jovens na vida da Igreja, evidenciando a disposição do Papa Francisco para o diálogo aberto e acolhedor. Para Oliveira, essa postura revela a importância de a Igreja manter-se receptiva às alegrias, interrogações e realidades juvenis. O autor adverte: “a Igreja que perde a sua humanidade, não permite que seja questionada e deixa de escutar, tendo como resultado a perda da própria Juventude” (OLIVEIRA, 2023, p. 27). Ao promover o Sínodo de 2018, Francisco abriu as portas da Igreja para os jovens.

Para Silva, o Papa Francisco compreende a juventude como sujeito e lugar teológico. Por essa razão, valoriza a escuta atenta, o entendimento da cultura e dos valores que permeiam o universo juvenil, reconhecendo que Deus pode se manifestar por meio dos próprios jovens. Nesse sentido, compreendê-los torna-se essencial para a eficácia da ação evangelizadora (SILVA, 2020, p. 120).

Ao adentrar propriamente a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, o Papa Francisco deixa claro que se trata de um documento fruto de um processo sinodal. Diz ele:

Escrevo a todos os jovens cristãos com carinho esta Exortação apostólica, isto é, uma carta que recorda algumas convicções de nossa fé e que ao mesmo tempo nos encoraja a crescer em santidade e no compromisso com a própria vocação. Mas como se trata de um marco dentro de um caminho sinodal, dirijo-me ao mesmo tempo a todo o povo de Deus, a seus pastores e fiéis, porque a reflexão sobre os jovens e para os jovens convoca e estimula a todos nós. Por isso, em alguns parágrafos falarei diretamente para os jovens e em outros oferecerei abordagens mais gerais para o discernimento eclesial (FRANCISCO, 2019, n. 3).

Tal declaração evidencia o tom pastoral e inclusivo que caracteriza a relação de Francisco com as juventudes. O Papa dirige-se aos jovens com afeto e confiança, tratando-os como protagonistas e interlocutores privilegiados na missão da Igreja. Simultaneamente,

reforça que a questão juvenil não lhes diz respeito exclusivamente, mas convoca toda a comunidade eclesial.

Em seguida, Francisco faz questão de destacar que a Exortação Apostólica *Christus Vivit* é fruto do diálogo e da escuta de todos os jovens, inclusive daqueles que não professam a fé cristã. Ele afirma:

Deixei-me inspirar pela riqueza das reflexões e dos diálogos do Sínodo do ano passado. Não poderei recolher aqui todas as contribuições que vocês poderão ler no Documento Final, mas tratei de assumir na redação desta carta as propostas que pareceram mais significativas para mim. Deste modo, minha palavra está carregada de milhares de vozes de fiéis de todo o mundo que fizeram chegar suas opiniões para o Sínodo. Mesmo os jovens não fiéis, que quiseram participar com suas reflexões, propuseram questões que me apresentaram novas perguntas (FRANCISCO, 2019, n. 4).

Essa escuta ampla e aberta reflete o esforço de Francisco em criar uma Igreja em saída, capaz de dialogar com todas as realidades juvenis. Tal atitude reforça sua aceitação entre as juventudes, como sugerem Vieira e Isotton, que identificam na abertura ao diálogo uma das razões da empatia gerada pelo pontífice (VIEIRA, ISOTTON, 2022, p. 83).

Os autores destacam ainda que a exortação propõe uma pastoral sinodal como horizonte para a evangelização dos jovens (VIEIRA, ISOTTON, 2022, p. 83). Dessa forma, essa abordagem sinodal deve ser adotada pela Igreja universal em seus processos educativos e na pastoral juvenil, consolidando um novo paradigma de atuação eclesial baseado na escuta, na corresponsabilidade e na participação ativa. Para Vieira e Isotton, o próprio processo sinodal vivido durante o Sínodo sobre os jovens demonstra a viabilidade e a relevância dessa proposta (VIEIRA, ISOTTON, 2022, p. 83).

Entrando na estrutura da Exortação Apostólica *Christus Vivit*, observa-se que ela está organizada em nove capítulos, dirigidos tanto aos jovens, quanto àqueles que os acompanham, bem como a toda a comunidade eclesial. Os temas abordados são: (1) O que a Palavra de Deus diz sobre os jovens? (2) Jesus Cristo sempre jovem; (3) Vocês são o agora de Deus; (4) O grande anúncio para todos os jovens; (5) Caminhos de juventude; (6) Jovens com raízes; (7) A pastoral dos jovens; (8) A vocação; e (9) O discernimento.

De acordo com Vieira e Isotton, a exortação percorre um itinerário que se inicia na Sagrada Escritura, passa pelo diálogo com a realidade concreta das juventudes, propõe diretrizes pastorais e aprofunda temas vocacionais e de discernimento (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 83). O objetivo é sempre promover a vida e a esperança no coração dos jovens. Essa intenção fica clara já nas primeiras palavras da exortação:

CRISTO VIVE: é Ele a nossa esperança, e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que Ele toca se torna jovem, se torna novo, se enche de vida. Por isso, as primeiras palavras que quero dirigir a cada um dos jovens cristãos são: Ele vive e te quer vivo! (FRANCISCO, 2019, n. 1).

Para Aquino, a exortação apresenta aos jovens a eterna novidade de Cristo, capaz de renovar e vivificar toda a humanidade (AQUINO, 2024, p. 792). Essa proclamação inicial estabelece o tom de todo o documento, que propõe uma fé encarnada, vibrante e sintonizada com as alegrias, dores e desafios dos jovens do mundo atual.

Em suma, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* reafirma o compromisso da Igreja em acolher, escutar e caminhar junto dos jovens, reconhecendo-os como protagonistas essenciais na construção de uma fé viva e transformadora. Por meio de um processo sinodal inovador e inclusivo, o Papa Francisco oferece uma mensagem que transcende o mero documento oficial, tornando-se um convite aberto ao diálogo, à participação e ao discernimento pastoral. Assim, Exortação Apostólica *Christus Vivit* não apenas reflete a realidade juvenil atual, mas também aponta caminhos concretos para uma evangelização renovada, que respeita a cultura, os valores e as inquietações das novas gerações.

3.3.1 A Igreja e os jovens na perspectiva da *Christus Vivit*: escuta, acompanhamento e renovação pastoral

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, escrita pelo Papa Francisco, constitui uma resposta concreta aos anseios e desafios vivenciados pelas juventudes na atualidade. Ao enfatizar a centralidade da escuta, do acompanhamento e de uma formação integral, Francisco propõe uma renovação pastoral que torne a Igreja um espaço seguro, acolhedor e formativo. Neste contexto, serão apresentados a seguir alguns pontos fundamentais da referida exortação, tendo como base as reflexões de Vieira e Isotton.

Inicialmente, conforme Vieira e Isotton, a exortação evidencia que o Papa Francisco está atento aos sinais dos tempos, demonstrando sensibilidade às transformações sociais e culturais que impactam a vida das juventudes (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 84). Trata-se de um documento que não apenas transmite, mas também responde de forma concreta aos anseios e às complexidades das realidades juvenis do cenário atual.

Segundo os autores, um ponto fundamental que o Papa Francisco, reconhece que os jovens do presente não são os mesmos do passado, tampouco serão os do futuro (VIEIRA;

ISOTTON, 2022, p. 84). Assim, é imperativo que a Igreja permaneça vigilante aos sinais dos tempos, buscando formas de se fazer presente na realidade juvenil. Essa renovação constante, proposta e exemplificada por Francisco por meio do Sínodo e da exortação *Christus Vivit*, torna-se essencial para uma ação evangelizadora eficaz.

Uma das marcas da exortação, para Lemos, é que diante de tantos desafios e limitações, do tempo presente, evidencia-se o olhar paterno do Papa Francisco, que coloca os jovens no centro do coração de Deus e da Igreja (LEMOS, 2022, p. 42). Para o autor, o pontífice demonstra, ao longa da exortação, uma profunda sensibilidade às dores, aspirações e potencialidades dos jovens (LEMOS, 2022, p. 42).

Essa sensibilidade é reiterada ao se reconhecer que, frente aos inúmeros desafios da atualidade, os jovens necessitam de ambientes favoráveis e coerentes, onde possam crescer como pessoas éticas e comprometidas. Conforme Vieira e Isotton, na exortação, a Igreja é chamada a ser esse espaço seguro, onde os jovens possam estabelecer vínculos saudáveis e construir trajetórias de sentido (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 84). Nessa perspectiva, a Igreja assume um papel de referência ética, espiritual e humana, oferecendo espaços de convivência, escuta e amadurecimento pessoal.

Para que a Igreja possa cumprir sua missão de ser uma referência para as juventudes, o Papa Francisco enfatiza a necessidade de proximidade. Exorta o pontífice:

A proximidade cria as condições para que a Igreja seja espaço de diálogo e testemunho de fraternidade que fascina. Precisamos de criar mais espaços onde ressoe a voz dos jovens: ‘A escuta torna possível um intercâmbio de dons, num contexto de empatia. (...) Ao mesmo tempo, estabelece as condições para um anúncio do Evangelho que alcance verdadeiramente, de modo incisivo e fecundo, o coração’ (FRANCISCO, 2019, n. 38).

A princípio, é fundamental que os jovens possam depositar sua confiança na Igreja, de modo que esta seja capaz de formá-los integralmente e transmitir seus valores. No entanto, na prática, essa escuta e acolhimento nem sempre se concretizam. Conforme apontam Vieira e Isotton, muitos espaços eclesiais não são receptivos aos jovens (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 84). Ao invés de acolhimento, muitos experimentam julgamentos, condenações e a ausência de pessoas dispostas a compreender suas realidades e a acompanhar com paciência seus processos de crescimento e amadurecimento.

Essa postura eclesial, marcada por rigidez e distanciamento, leva muitos jovens a olharem para a Igreja com desconfiança e, em alguns casos, com indignação, o que contribui significativamente para seu afastamento da vida comunitária e da vivência da fé. Em resposta

a esse cenário, o Papa Francisco propõe que a Igreja abandone uma postura defensiva e adote um caminho de humildade. Diz ele:

Para ser credível aos olhos dos jovens, precisa às vezes de recuperar a humildade e simplesmente ouvir, reconhecer, no que os outros dizem, alguma luz que a pode ajudar a descobrir melhor o Evangelho. Uma Igreja na defensiva, que perde a humildade, que deixa de escutar, que não permite ser questionada, perde a juventude e transforma-se num museu. Como poderá uma Igreja assim receber os sonhos dos jovens? Embora possua a verdade do Evangelho, isto não significa que a tenha compreendido plenamente; antes, deve crescer sempre na compreensão deste tesouro inesgotável (FRANCISCO, 2019, n. 41).

Conforme Francisco, a credibilidade da Igreja junto às juventudes dependerá diretamente de sua capacidade de escuta sincera, humildade e abertura ao diálogo. Para o pontífice, a autenticidade do testemunho cristão se manifesta quando a Igreja reconhece estar em constante processo de aprendizagem, especialmente diante das experiências juvenis e da ação do Espírito Santo, que também se revela nelas.

Nesse sentido, somente a partir da escuta e da proximidade é que a Igreja poderá transmitir seus valores às novas gerações. Vieira e Isotton, confirmam esse pensamento, afirmando que é imprescindível que a Igreja se aproxime verdadeiramente da juventude, para que possa acompanhá-la no amadurecimento da consciência e na realização de uma opção vocacional autêntica, livre e comprometida com a construção de um mundo melhor (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 84).

Outra questão que sobressai na exortação apostólica *Christus Vivit* é o alerta para a carência de pessoas capacitadas para exercer o acompanhamento juvenil. O próprio Francisco reconhece essa lacuna: “No Sínodo, muitos destacaram a carência de pessoas especializadas e dedicadas ao acompanhamento” (FRANCISCO, 2019, n. 244). Para enfrentar esse desafio, a exortação ressalta a importância da formação adequada de agentes preparados para desempenhar essa missão pastoral. Além disso, Francisco apresenta as características esperadas pelos jovens de quem os acompanham. Diz o pontífice,

As qualidades do acompanhador incluem: ser um cristão fiel comprometido com a Igreja e com o mundo; que busque constantemente santidade; que compreenda sem julgar; que escute ativamente as necessidades dos jovens e responda com gentileza; que seja bondoso e consciente de si; saber reconhecer os seus limites; conhecer as alegrias e as tribulações da vida espiritual. Uma qualidade de primária grandeza é saber reconhecer-se humano e capaz de cometer erros: não perfeitos, mas pecadores perdoados. Acontece frequentemente que os guias são colocados num pedestal e por isso, quando

caem, provocam um impacto devastador na capacidade que os jovens têm de se comprometer na Igreja. Os guias não deveriam levar os jovens a serem seguidores passivos, mas sim a caminhar ao seu lado, deixando-os ser os protagonistas do seu próprio caminho. Deveriam respeitar a liberdade do processo de discernimento de um jovem, fornecendo-lhe os instrumentos para realizar adequadamente este processo. Um guia deveria confiar sinceramente na capacidade que tem cada jovem de participar na vida da Igreja. Por isso, um guia deveria cultivar as sementes da fé nos jovens, sem pressa de ver os frutos do trabalho que vem do Espírito Santo. Este papel não deveria ser circunscrito aos presbíteros e aos religiosos, mas também o laicado deveria poder exercê-lo. Todos estes guias deveriam poder beneficiar duma boa formação permanente (FRANCISCO, 2019, n. 246).

Conforme exorta Francisco, os jovens desejam e esperam ser acompanhados pela Igreja, mas para isso é necessário que encontrem pessoas maduras, bem formadas e espiritualmente equilibradas. O acolhimento genuíno, aliado ao respeito pelo processo singular de cada jovem, constitui fundamento essencial para que essa missão pastoral produza frutos significativos, transmitindo os valores éticos do Evangelho e da Igreja, e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Portanto, diante dos desafios enfrentados pelos jovens e da frequente ausência de acolhimento nos espaços eclesiais, a exortação convida a Igreja a transformar sua postura: abandonar o julgamento, aprender a escutar com humildade e formar guias preparados, humanos e comprometidos. É preciso que a Igreja se torne, de fato, um ambiente onde os jovens se sintam amados, escutados e valorizados, participando ativamente como protagonistas da vida e da missão eclesial.

3.3.2 Renovação e desafios da Pastoral Juvenil

A Pastoral Juvenil assume papel central na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*. Frente às rápidas transformações culturais e sociais, o Papa Francisco propõe uma renovação profunda da ação evangelizadora junto às juventudes. Para tanto, convida a Igreja a abandonar estruturas rígidas, adotando uma pastoral sinodal, inclusiva e encarnada na realidade dos jovens, reconhecendo-os como protagonistas, e não apenas destinatários, da missão eclesial.

Nesse contexto, destaca-se o valor atribuído à Pastoral Juvenil na exortação, que não apenas propõe uma reflexão profunda, mas também orienta os leitores a uma ação concreta, oferecendo diretrizes claras para a evangelização e formação dos jovens no mundo atual. Conforme Vieira e Isotton a exortação apostólica *Christus Vivit*, tem um capítulo intitulado “A Pastoral dos Jovens”, que apresenta orientações elaboradas para a organização da Pastoral

Juvenil nas Igrejas Particulares (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 85). Importa salientar que tais reflexões têm como base o processo sinodal, buscando responder aos anseios do Sínodo dos Jovens.

Logo no início do capítulo, o Papa Francisco esclarece que as propostas de evangelização juvenil não se configuram como receitas prontas a serem aplicadas literalmente em cada diocese (FRANCISCO, 2019, n. 65). O pontífice, fiel ao seu estilo, apresenta caminhos que podem subsidiar o processo evangelizador, sem oferecer soluções fechadas. Para Oliveira, o papa não pretende criar um manual de regras para a pastoral juvenil, pelo contrário ele transcende qualquer tipo de manual (OLIVEIRA, 2023, p. 28).

Para Vieira e Isotton, o Sínodo congregou diversas experiências de evangelização juvenil em variados contextos globais, as quais enriquecem a exortação ao reunir contribuições efetivas para a missão evangelizadora (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 85). Além disso, o Papa Francisco resgata elementos históricos fundamentais da Igreja, integrando-os às reflexões propostas. Dessa forma, o pontífice apresenta essas experiências de maneira flexível na exortação, visando oferecer orientações que favoreçam a renovação e a eficácia da evangelização junto aos jovens.

É essencial ter claro, que Francisco propõe caminhos de evangelização e chama a Igreja ao discernimento. O pontífice exorta: “as comunidades a realizarem com respeito e com seriedade um exame de sua própria realidade juvenil mais próxima para poder discernir os caminhos pastorais mais adequados” (FRANCISCO, 2019, n. 103). Nessa orientação, ressalta-se o respeito do Papa Francisco pelas realidades locais.

A exortação apostólica *Christus Vivit* não pretende encerrar a reflexão sobre a evangelização juvenil; pelo contrário, propõe uma abertura constante pautada na realidade dos jovens. Vieira e Isotton enfatizam que o pontífice não busca uma uniformização universal da Pastoral Juvenil, mas sim uma diversidade respeitosa das especificidades locais (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 85).

O percurso delineado pelo Papa Francisco expressa uma mudança paradigmática na evangelização: não se trata de levar Cristo aos jovens, mas de encontrar Cristo neles, pois, como afirmam Vieira e Isotton, Cristo habita nas comunidades em que os jovens vivem e se socializam (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 85). Esse ensinamento reflete o conceito de Igreja em saída, na qual a comunidade eclesial é chamada a ir ao encontro dos jovens, especialmente fora dos espaços eclesiais tradicionais.

Segundo Vieira e Isotton, ao longo da exortação manifesta-se o respeito e a valorização que o Papa tem pelas culturas e histórias dos jovens, elementos essenciais para uma

evangelização autêntica que reconhece a liberdade da pessoa humana como valor fundamental (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 85).

Nesse sentido, Francisco reconhece que a Pastoral Juvenil tradicional foi impactada pelas mudanças sociais e culturais, que frequentemente deixam os jovens sem respostas adequadas às suas inquietações e necessidades (FRANCISCO, 2019, n. 202). Diante dos desafios da atualidade, a comunidade eclesial deve estar próxima dos jovens, ao mesmo tempo em que quem trabalha com eles precisa abandonar modelos repetitivos e oferecer propostas significativas que dialoguem com a vida concreta da juventude.

Apesar das dificuldades enfrentadas na evangelização e formação juvenil, o Papa identifica aspectos positivos essenciais: a consciência de que toda a comunidade evangeliza e a urgência do protagonismo dos jovens nas iniciativas pastorais (FRANCISCO, 2019, n. 202). Com isso, de acordo com Vieira e Isotton, o pontífice destaca três elementos fundamentais para a evangelização dos jovens: o reconhecimento da juventude como realidade teológica, a Pastoral Juvenil Sinodal e a Pastoral Juvenil Popular (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 86).

Nesse sentido, conforme os autores, o Papa exorta cada Igreja particular a analisar suas ações pastorais e, caso estas não atendam às demandas da realidade atual, a ter coragem para abrir-se a novos horizontes por meio da sinodalidade, do diálogo, da escuta, da acolhida, do protagonismo, do acompanhamento, do anúncio e do testemunho (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 86). Assim, com a exortação apostólica *Christus Vivit*, Francisco propõe não uma pastoral para os jovens, mas uma pastoral com e pelos jovens, alinhada ao espírito do Concílio Vaticano II, no qual os jovens são agentes ativos da evangelização, acompanhados e orientados, mas livres para trilhar novos caminhos com criatividade e ousadia (FRANCISCO, 2019, n. 203).

Para o pontífice, é imprescindível libertar a Pastoral Juvenil de esquemas rígidos e desconectados da cultura juvenil atual (FRANCISCO, 2019, n. 208). O modelo proposto é sinodal, aberto às novidades do Espírito, onde todos caminhem juntos e ninguém seja excluído, pois somente assim será possível discernir bons caminhos para a evangelização e formação dos jovens (FRANCISCO, 2019, n. 206). Nesse sentido, Nascimento afirma que a pastoral juvenil proposta, por Francisco nunca é rígida e a grande preocupação é a comunicação da alegria do Evangelho (NASCIMENTO, 2024, p. 86).

Além disso, Francisco defende que a Pastoral Juvenil deve ser popular, isto é, possuir estilo, ritmo e metodologia próprios, que estimulem as lideranças naturais e os carismas presentes nos diversos ambientes juvenis, sem impor demasiados obstáculos ou normas inflexíveis (FRANCISCO, 2019, n. 230). Essa flexibilidade reforça o compromisso com uma evangelização mais ampla e inclusiva.

O Papa destaca ainda que “todos os jovens, sem exclusão, estão no coração de Deus e, portanto, no coração da Igreja” (FRANCISCO, 2019, n. 235), mas reconhece que, na prática, nem sempre essa afirmação se expressou integralmente na ação pastoral (FRANCISCO, 2019, n. 235). No entanto, de acordo com Vieira e Isotton, quando a Igreja não se abre à acolhida, acaba por excluir uma parcela da juventude, o que contraria o Evangelho, pois a Igreja é para todos (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 87).

Nesse sentido, conforme Nascimento, Francisco exorta a construir uma pastoral juvenil inclusiva, capaz de criar espaços que acolham todo tipo de jovens, mesmo aqueles que ainda não aceitam integralmente os ensinamentos da Igreja (NASCIMENTO, 2024, p. 86). Para o papa, essa atitude representa, de forma concreta, o ideal de uma Igreja com as portas abertas a todos.

Sinteticamente, ao propor uma pastoral juvenil popular e sinodal, Francisco convida a comunidade eclesial a agir com coerência ao Evangelho. Vieira e Isotton afirmam que a Pastoral Juvenil só será efetivamente sinodal e popular se reconhecer a juventude como uma realidade teológica, como indicado pelo Sínodo de 2018 e pelo próprio Papa (VIEIRA; ISOTTON, 2022, p. 87).

Em suma, a exortação apostólica *Christus Vivit* convoca a Pastoral Juvenil a reinventar-se, superando modelos ultrapassados e tornando-se espaço inclusivo, participativo e missionário. O Papa Francisco chama a Igreja para escutar e caminhar junto aos jovens, reconhecendo-os como sujeitos ativos da evangelização. Para tanto, é necessária coragem pastoral, abertura ao discernimento e confiança na ação do Espírito Santo, que continua a suscitar vida nova nas juventudes. A renovação da Pastoral Juvenil, portanto, implica um compromisso eclesial autêntico com os sinais dos tempos e com a esperança que os jovens representam para o mundo e para a Igreja.

3.4 O pontificado de Francisco: um caminho de diálogo e formação da consciência

No contexto eclesial e social atual, verifica-se um mundo em constantes transformações paradigmáticas que afetam diretamente a vida das juventudes. Os jovens, inseridos em uma realidade marcada por uma cultura consumista, por tempos de virtualidade e por influências de tendências extremistas, enfrentam desafios complexos e multifacetados. Diante desse cenário, o pontificado do Papa Francisco, por meio do diálogo entre o Evangelho e a sociedade atual, se destacou ao iluminar os caminhos obscuros e inquietantes do presente.

Nas catequeses, homilias, escritos e atitudes do Papa, nota-se um claro retorno ao cerne do Evangelho: a pessoa de Jesus de Nazaré. Essa centralidade em Cristo promove um impacto profundo nas estruturas eclesiais, convocando os fiéis a uma renovação à luz da Boa Nova do Evangelho, que, conforme Francisco, jamais deveria ter sido afastada do centro da missão evangelizadora da Igreja.

O teólogo Fumagalli corrobora essa perspectiva ao afirmar que o pontificado de Francisco foi nitidamente enraizado no Evangelho: “a teologia promovida por Francisco e já presente em filigranas no seu magistério, brotando ‘do coração do Evangelho’, é uma ‘teologia radical’, mais próxima da sua raiz evangélica do que das suas ramificações doutrinárias”. (FUMAGALLI, 2019, p. 75). Assim, Francisco propõe o Evangelho como referência segura em meio às mudanças que atravessam tanto a Igreja quanto a sociedade.

No tocante à evangelização das juventudes, sua postura pastoral é marcada pela escuta, acolhimento e cuidado. Tal atitude remete à parábola do Bom Samaritano, aquele que vê, compadece-se e cuida do outro ferido à beira do caminho. Segundo, Puntel, o Papa Francisco costumava, referir-se aos jovens como “amigos”, revelando uma proximidade afetiva que expressa empatia e presença, o pontífice colocava ao lado dos jovens (PUNTEL, 2015, p. 504). Esse desejo de caminhar ao lado das juventudes era perceptível em sua prática e discurso. Francisco encantou o mundo com valorização dos jovens.

Entrando nos pilares do magistério do Papa Francisco, verifica-se que se destacou a valorização da pessoa humana e de sua consciência. Nesse sentido, observa-se a preocupação de Francisco em formar as consciências dos jovens. Para Almeida, Georgetti e Lima, o papa faz um processo de aproximação das realidades, para a proposta de uma formação ética. Afirmam eles:

O pontífice, a luz do Concílio Vaticano II, propõe por meio de um caminho sinodal, a escuta, abertura e diálogo com as diversas juventudes da atualidade. Neste caminho de abertura, o pontífice valoriza profundamente a consciência do ser humano e compreende evangelização, não como doutrinação, mas como um encontro com Jesus de Nazaré, que ajuda o ser humano a viver uma ética na sociedade (ALMEIDA; GEORGETTI; LIMA, 2023, p. 125).

Verifica-se que em uma sociedade marcada por complexidades éticas e culturais, a proposta de Francisco é formar a consciência a partir da experiência e do contexto dos jovens e não simplesmente doutriná-los. O pontífice segue os ensinamentos conciliares, valorizando a consciência de cada pessoa.

Segundo Theobald, o próprio Concílio Vaticano II, por meio da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, havia atribuído grande importância à consciência moral. Afirma ele: “em razão da abertura radical da modernidade e dos problemas de orientação que ela coloca, a *Gaudium et Spes* remete os homens essencialmente à sua consciência (n. 16) e à sua capacidade de buscar juntos a verdade” (THEOBALD, 2015, p. 578). À Igreja, portanto, cabe a missão de dialogar com os jovens e ajudá-los na formação de uma consciência madura, capaz de orientar um agir cristão autêntico.

Reforçando esses ensinamentos, Francisco afirmou na *Amoris Laetitia*: “somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las” (FRANCISCO, 2016, n. 37). Embora a exortação seja dirigida prioritariamente às famílias, seus princípios aplicam-se de modo abrangente à Igreja e à formação das juventudes.

Com a *Amoris Laetitia*, de acordo com Almeida, avança-se significativamente na superação de uma moral estritamente legalista, abrindo espaço para uma moral personalista centrada no discernimento e na responsabilidade individual (ALMEIDA, 2020, p. 170). E esse é o caminho que Francisco propôs as questões morais ligadas as famílias, mas que se aplicam aos jovens.

Conforme Fumagalli, o Papa Francisco, valoriza a consciência pessoa das pessoas, por isso é necessária a adequada formação para o discernimento da escuta adequada da voz do Espírito (FUMAGALLI, 2019, p. 67). Para o pontífice não basta simplesmente doutrinar as pessoas, no caso as juventudes, para seguirem uma norma abstrata. O ser humano é muito mais que um depositário e cumpridor de normas e regras. Almeida, confirma essa visão afirmando que para o Papa Francisco:

As normas morais, num sentido jurídico-canônico, são secundárias diante do primado evangélico do amor, da compaixão, da misericórdia e da diaconia como expressão máxima da prática cristã. Francisco ‘provoca’ a igreja a relativizar o que não é central da vida cristã e a colocar em primeiro plano o imperativo ético da vocação batismal presente na consciência de todo cristão (ALMEIDA, 2023, p. 40).

Na questão dos jovens o Papa Francisco, segue a mesma linha de pensamento, propondo sempre proximidade, e construção sinodal. Na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, o Papa insiste na formação da consciência e na superação da mera doutrinação: “jamais deve substituir-se esta alegre experiência de encontro com o Senhor por uma espécie de ‘doutrinação’” (FRANCISCO, 2019, n. 215).

Essa perspectiva encontra eco nas reflexões de Thévenot, que aponta Jesus como alguém que não impôs normas fixas, mas estimulou a criatividade ética de seus discípulos:

O próprio Jesus me parece que nunca foi um ‘normalista’, mesmo se ele declarou que tinha vindo cumprir a lei (Mt 5,17). Mais do que tentar elaborar normas concretas bem precisas que corram sempre o risco de conduzir a uma moral do permitido ou do proibido, Jesus preferiu solicitar a criatividade ética de seus discípulos, manjando as fórmulas radicais e paradoxais do Sermão da Montanha ou ainda enunciando parábolas. Ora, as parábolas, pela reatualização permanente de que necessitam, funcionam como um convite a inventar, em cada situação nova, o caminho da fidelidade à Palavra de Deus e assim excluir o perigo da aplicação repetitiva da norma (THEVENOT, 2008, p. 39).

Francisco atinge o coração dos jovens da atualidade, pois não impõem um caminho de regras. No entanto, sempre convida ao discernimento para seja encontrado o melhor caminho a ser seguido. Nesse sentido, Santos afirma que o pontificado de Francisco despertou novas esperanças na Igreja, promovendo mudanças que, embora gerem resistências em alguns, suscitam confiança em muitos (SANTOS, 2019, p. 95).

O Papa Francisco concebe a Igreja como seta que aponta para Cristo. Por isso, adverte: “é necessário que a Igreja não esteja centrada demais em si mesma, mas, acima de tudo, que seja reflexo de Jesus Cristo” (FRANCISCO, 2019, n. 39). A missão eclesial consiste, então, em comunicar a experiência viva do Evangelho, auxiliando os jovens na formação de uma consciência ética e solidária.

Nesse mesmo horizonte, Pagot observa que não há uma fórmula única para a formação da consciência moral da juventude. No entanto, ao se inspirar nos ensinamentos de Jesus de Nazaré e cultivar a cultura do encontro e do caminhar juntos, torna-se possível promover um processo formativo capaz de gerar um *ethos* pessoal e comunitário sólido (PAGOT, 2020, p. 08).

Francisco, em sua humildade, reconheceu que a formação da consciência não se limita ao ciclo juvenil, mas constitui um processo contínuo ao longo de toda a vida. Como afirma o próprio pontífice: “formar consciência requer um caminho da vida inteira, no qual se aprende a cultivar os mesmos sentimentos de Jesus Cristo assumindo os critérios de suas opções e as intenções de seu modo de agir (Fl 2,5)” (FRANCISCO, 2019, n. 281).

Em suma, diante dos múltiplos desafios que atravessam a realidade juvenil atual, marcados por transformações culturais, éticas e eclesiais, o pontificado do Papa Francisco representa uma significativa renovação no modo de compreender e conduzir a missão evangelizadora da Igreja. Ao recentrar a prática pastoral na pessoa de Jesus de Nazaré e

valorizar a formação da consciência como um processo sinodal, contínuo e enraizado no discernimento, Francisco propõe uma teologia que brota do coração do Evangelho e responde, de modo sensível e profundo, às inquietações das juventudes.

3.5 Considerações finais

A partir da reflexão desenvolvida, torna-se evidente que a formação da consciência dos jovens, à luz do magistério do Papa Francisco, constitui uma prioridade pastoral urgente e profundamente relevante para a missão evangelizadora da Igreja no contexto atual. Em um mundo marcado por rápidas transformações culturais, éticas e sociais, os jovens enfrentam desafios complexos para discernir caminhos de sentido, valores consistentes e opções de vida autênticas.

Os desafios atuais, como o narcisismo, o consumismo, a influência das novas tecnologias, a pluralidade de espiritualidades e o crescimento de movimentos tradicionalistas e conservadores, tornam ainda mais urgente uma ação pastoral capaz de orientar os jovens na construção de critérios sólidos de discernimento. Nesse contexto, o Papa Francisco propôs uma pastoral centrada na acolhida, no diálogo e no compromisso com a realidade, incentivando uma consciência crítica, responsável e aberta ao engajamento social e à evangelização.

A proposta do Papa Francisco, alinhada aos ensinamentos do Concílio Vaticano II, apresenta-se como um verdadeiro convite à escuta, ao acompanhamento e à valorização do protagonismo juvenil, promovendo uma formação da consciência que não se limita à transmissão de normas, mas que se constrói no encontro pessoal com Cristo e na experiência concreta de comunidade (FRANCISCO, 2019, n. 215).

A Exortação Apostólica *Christus Vivit*, fruto de um processo sinodal participativo, expressa com clareza essa visão. Ao reafirmar que a formação da consciência é um caminho para a vida inteira, o Papa Francisco desloca o foco de uma moral normativa para uma pedagogia do discernimento, em que o jovem é chamado a integrar fé, vida e vocação de forma coerente e responsável (FRANCISCO, 2019, n. 281). Nesse processo, a consciência é entendida como espaço sagrado de liberdade e escuta de Deus, que deve ser cuidadosamente cultivado por meio de relações formativas, testemunho autêntico e acompanhamento espiritual.

Nesse sentido, a pastoral juvenil é desafiada a renovar-se, assumindo uma postura mais sinodal, inclusiva e encarnada, capaz de gerar espaços de escuta verdadeira, diálogo fecundo e crescimento integral. Formar a consciência dos jovens, portanto, não é tarefa secundária, mas

elemento central na construção de uma fé madura e comprometida, que responda aos “sinais dos tempos” e colabore efetivamente na transformação da sociedade à luz do Evangelho.

Conclui-se, assim, que a contribuição do Papa Francisco para a formação da consciência juvenil não apenas atualiza o espírito do Concílio Vaticano II, mas oferece à Igreja um horizonte pastoral esperançoso, enraizado na misericórdia, na escuta e na confiança nos jovens como portadores de futuro e esperança. Formar consciências é, antes de tudo, formar pessoas livres, autênticas, responsáveis e abertas ao chamado de Deus, sendo esse um caminho essencial para que a Igreja permaneça viva, relevante e fiel à sua missão no mundo.

CONCLUSÃO

A presente dissertação analisou a complexidade e a pluralidade da fase juvenil no mundo atual, evidenciando os desafios e caminhos possíveis para a formação da consciência dos jovens à luz da reflexão teológica e pastoral. Conforme Tavares, verificou-se que a juventude constitui um período singular da vida humana, marcado por transformações físicas, cognitivas, afetivas e espirituais, sendo um espaço privilegiado para a construção da identidade, do discernimento ético e da responsabilidade moral (TAVARES, 2015, p. 32). Embora permeada por inquietações e paradoxos, esta fase revela-se estratégica para a formação de seres humanos críticos, conscientes e capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

O estudo demonstrou que o contexto atual impõe desafios complexos às juventudes, entre os quais se destacam o narcisismo, o consumismo, a influência das novas tecnologias, a pluralidade de espiritualidades e o crescimento de movimentos tradicionalistas e conservadores. Esses fenômenos, intensificados pela crise de paradigmas, pela multiplicidade de referências culturais e pela fluidez de valores sociais, exigem uma formação da consciência juvenil que vá além da simples transmissão de normas, orientando os jovens para o discernimento crítico, a autonomia moral e a ação ética responsável. Nesse sentido, nota-se a importância da consciência, de acordo com o Concílio Vaticano II, que emerge como núcleo interior de reflexão e discernimento (GS, 2000, n. 16), capaz de orientar decisões coerentes com os valores humanos e cristãos, mesmo frente às tensões da atualidade.

No que se refere ao narcisismo, que, segundo Dentz, compromete a capacidade dos indivíduos de desenvolverem relacionamentos significativos (DENTZ, 2024, p. 487), e ao consumismo, que, de acordo com Pagola, estabelece uma cultura na qual o ter se sobrepõe ao ser (PAGOLA, 2022, p. 26), observa-se que a formação da consciência constitui um recurso essencial para que os jovens cultivem autocompreensão, empatia e solidariedade. Tal processo possibilita resistir às pressões do individualismo e à busca por validação superficial, promovendo o discernimento ético e a construção de relações interpessoais autênticas. Nesse sentido, a orientação do Papa Francisco mostra-se particularmente relevante, ao insistir que os jovens devem ser formados para atuar como agentes de transformação social, e não direcionados ao isolamento (FRANCISCO, 2013, p. 11).

No que se refere às novas tecnologias, Martos destaca que elas se tornaram elementos essenciais na configuração do mundo atual (MARTOS, 2018, p. 58). Contudo, observa-se que seu uso exacerbado, conforme apontam Laranjeiras, Neves, Alencar e Lopes, pode acarretar

impactos negativos na vida humana (LARANJEIRAS; NEVES; ALENCAR; LOPES, 2021, p. 170). Nesse contexto, o Papa Francisco reconhece que o ambiente digital constitui o espaço onde os jovens se encontram e interagem (FRANCISCO, 2019, n. 87), mas ressalta igualmente que esse mesmo ambiente apresenta riscos e desafios significativos (FRANCISCO, 2019, n. 88). Diante desse cenário, a formação de uma consciência crítica torna-se indispensável, pois orienta um uso equilibrado das tecnologias, favorece a valorização do real, fortalece relações interpessoais saudáveis e contribui para a prevenção de impactos prejudiciais à saúde mental e à construção da identidade.

No que se refere à pluralidade de espiritualidades, observa-se que este fenômeno desafia os jovens a desenvolverem discernimento religioso, promovendo respeito à diversidade. Nesse sentido, Dentz afirma que, diante dessa realidade, os jovens podem demonstrar abertura para a promoção do entendimento mútuo, da paz e da convivência harmoniosa em uma sociedade diversificada (DENTZ, 2024, p. 484). O Papa Francisco, ao longo de seu pontificado, evidenciou por meio de seus ensinamentos e de seu exemplo que não se deve temer o diálogo com o diferente. Dessa forma, a formação da consciência para o diálogo com o diferente torna-se essencial, constituindo um instrumento de convivência ética e de enriquecimento cultural e espiritual.

Outro fenômeno contemporâneo relevante é o fortalecimento de movimentos tradicionalistas e conservadores, que, segundo Passos, estruturam regimes de segurança capazes de conferir sentido e superar crises sociais e culturais (PASSOS, 2024, p. 25). Diante desse contexto, a Igreja deve empenhar-se na ampliação da consciência dos jovens, proporcionando-lhes instrumentos de discernimento crítico que lhes permitam compreender os movimentos tradicionalistas e conservadores de maneira consciente, promovendo simultaneamente a abertura ao diálogo e à reflexão ética, com vistas à construção da unidade e da convivência harmoniosa. Nesse sentido, reforça-se que o Papa Francisco sempre convocava a comunidade e os jovens ao exercício constante do discernimento, a fim de identificarem caminhos pastorais adequados (FRANCISCO, 2019, n. 103), sempre tomando como referência a vida de Jesus de Nazaré.

Diante de todos esses desafios do cenário atual, ressalta-se que a perspectiva teológica evidencia a juventude como um verdadeiro lugar teológico, no qual, de acordo com Loraschi, Deus se manifesta e convoca os jovens ao protagonismo na história da salvação (LORASCHI, 2013, p. 3). A análise das Sagradas Escrituras, dos Documentos Conciliares e das Conferências Episcopais, demonstra que os jovens são fundamentais na vida e na missão do povo de Deus, respondendo ao chamado divino com coragem, criatividade e responsabilidade. Dessa forma,

eles não devem ser compreendidos apenas como alvo da ação pastoral, mas como agentes ativos na evangelização e na transformação da realidade social, cultural e eclesial.

O Concílio Vaticano II também enfatizou a importância da formação da consciência, afirmando que esta constitui “o núcleo mais secreto e o sacrário do ser humano, onde ele se encontra a sós com Deus, cuja voz ressoa em seu íntimo” (GS, 2000, n. 16). Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de apoiar os jovens, diante dos desafios próprios da idade e da sociedade atual, para que desenvolvam uma consciência bem formada, capaz de orientá-los no discernimento e na tomada de decisões em favor do bem.

O magistério do Papa Francisco, em continuidade com os ensinamentos do Concílio Vaticano II, de acordo com Oliveira, promoveu a abertura, o diálogo, a escuta e a valorização do protagonismo juvenil (OLIVEIRA, 2023, p. 27). Os ensinamentos do Papa Francisco reforçaram uma experiência de liberdade e responsabilização ética, capaz de formar sujeitos autônomos, críticos e engajados na transformação social e não apenas meros cumpridores de normas. Nesse contexto, a formação da consciência não se limita à simples transmissão de valores, mas inclui experiências concretas de escuta, acompanhamento, reflexão e discernimento, permitindo que os jovens compreendam seu papel no mundo e atuem de maneira autêntica, ética e solidária.

O pontificado do Papa Francisco desempenhou papel central na vida dos jovens e nas questões relacionadas a formação da consciência. Embora não tenha sido possível responder a todas as questões emergentes em um mundo em constantes transformações, sua abordagem propôs um percurso de discernimento contínuo e ampliação da consciência, permitindo que os jovens tomassem decisões éticas e responsáveis. Em uma época marcada pela busca por respostas imediatas, o Papa Francisco permaneceu fiel aos Evangelhos como guia para o discernimento, aproximando-se das diversas juventudes e consolidando-se como uma liderança pastoral capaz de inspirar ações pautadas na responsabilidade ética, no engajamento social e na reflexão espiritual diante dos desafios atuais.

A análise desenvolvida ao longo desta dissertação demonstra que a formação da consciência juvenil, embora fundamentada no magistério do Papa Francisco e nos princípios do Concílio Vaticano II, continua sendo uma tarefa complexa no mundo atual. Essa complexidade surge em função das rápidas transformações nos valores, nas práticas culturais e nas tecnologias, que alteram continuamente as referências éticas, sociais e espirituais dos jovens. Assim, a temática da formação da consciência dos jovens permanece aberta e exigente, oferecendo oportunidades para investigações futuras sobre estratégias concretas destinadas a promover o desenvolvimento ético e espiritual nesse período da vida humana.

Em suma, esta dissertação evidencia que os jovens, quando adequadamente orientados, tornam-se agentes de esperança e transformação, capazes de enfrentar os desafios atuais – narcisismo, consumismo, excessos tecnológicos, pluralidade de espiritualidades, tradições conservadoras e outros – de modo crítico e ético. A missão eclesial consiste em formar consciências maduras, livres e reflexivas, promovendo o encontro dos jovens com a fé, a experiência comunitária e os valores do Evangelho. A formação da consciência juvenil é essencial, pois possibilita que os jovens vivam plenamente o dom da vida, enfrentem os dilemas éticos e sociais do tempo presente e atuem como protagonistas na construção de uma civilização pautada pelo amor, pela solidariedade e pela justiça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. SAGRADA ESCRITURA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

B. Documentos do Concílio Vaticano II

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. In: VIER, Frederico. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DECLARAÇÃO GRAVISSIMUM EDUCATIONIS. In: VIER, Frederico. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DECRETO APOSTOLICAM ACTUOSITATEM. In: VIER, Frederico. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

C. Documentos do Magistério da Igreja

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Loyola, 2016.

FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*: para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

JOÃO XXIII. Allocuzione del santo padre Giovanni XXIII con la quale annuncia il sinodo romano, il concilio ecumenico e l'aggiornamento del codice di diritto canônico. 1959. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/speeches/1959/documents/hf_j-xxiii_spe_19590125_annuncio.html.

PAULO VI. Mensagem do papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos jovens. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani.html.

D. Documentos de Conferências Episcopais

CELAM. *Civilização do amor - Projeto e Missão*. Brasília: CNBB, 2013.

CNBB. *Documento sobre a Evangelização da Juventude*. Brasília: CNBB; São Paulo: 2019.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

E. Obras de Referência

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: ANPOCS-Scritta, 1994.

ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II*. Tradução Clovis de Bovo. Aparecida, SP: Santuário, 2006.

ALMEIDA, André Luiz Boccato. *A teologia da consciência: um diálogo pela educação, formação e humanização a partir de uma reflexão freireana*. São Paulo: Pluralidades, 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do catolicismo brasileiro: Clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos*. Petrópolis: Vozes, 2023.

BRITO, Rosaly de Seixas. *Juventudes e comunicação na cena urbana: Desigualdades, Intersubjetividade e Representações Midiáticas*. Campinas: Pontes, 2023.

CASTILLO, José M. *A Ética de Cristo*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

DICK, Hilário. *O Divino no jovem*. São Paulo: CCJ (Centro de Capacitação da Juventude), 2009.

FAUS, Francisco. *A voz da consciência*. São Paulo: Quadrante, 2017.

FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FUMAGALLI, A. *Caminhar no amor: A teologia moral do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019.

HERNÁNDEZ, Carles Such; PAGOLA, José Antonio. *Grupo Jovens de Jesus*. Lisboa: Paulus, 2018).

KEENAN, James. *História da Teologia Moral Católica no século XX: da confissão dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013.

KONZEN, João. *Ética Teológica Fundamental*. São Paulo: Paulinas, 2007.

KRAUSKOPF, Dina. *Participación y Desarrollo Social en la Adolescencia*. San José: Fondo de Población de Naciones Unidas, 1998.

LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

LIBANIO, João Batista. *Para onde vai a juventude?* São Paulo: Paulus, 2012.

PAGOLA, José Antonio. *A renovação do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2022.

PASSOS, João Décio. *Método teológico*. São Paulo: Paulinas, 2018.

THEOBALD, Christoph. *Recepção do Concílio Vaticano Segundo - Acesso à Fonte - Volume I*. São Leopoldo: Unisinos, 2015.

THEVENOT, X. *Contar com Deus: Estudos de teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2008.

TOMAZI, Gilberto. *Juventude: protagonismo e religiosidade*. São Paulo: Paulinas, 2013.

VALADIER, Paul. *Elogio da consciência*. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

VIDAL, Marciano. *Nova Moral Fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida: Santuário;
ZANON, Darlei. *Para ler o Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2012.

F. Capítulos de livros

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude e adolescência no Brasil - Referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 19-35.

FREITAS, Maria Virgínia. Introdução. In: FREITAS, Maria Virgínia. *Juventude e adolescência no Brasil - Referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 05-08.

LIMA, William. Aspectos históricos da cultura juvenil. In: PRADO, José Ramos. *Cultura Juvenil: perspectivas e desafios para novos tempos*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 9-26.

PRADO, Antonio Ramos. Como vivem os jovens? In: SILVA, Aline Amaro; PRADO, Antonio Ramos; SILVA, Elias; MARCHINI, Welder Lancieri. *Escolhendo Jesus: jovens cristãos para uma nova sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 11-32.

G. Artigos de periódicos

AHERN, Kevin. De espectadores a protagonistas: Movimentos da juventude numa Igreja global. *Concilium Revista Internacional de Teologia*. v. 2 n. 360 (2015): p. 24-38.

AMADO, Joel Portella. Aspectos antropológicos para a evangelização junto às Juventudes: reflexões a partir do Sínodo dos Bispos de 2018. *Atualidade teológica*. v. 23 n. 61 (2019): p. 39-61.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. O Concílio e a emergência do laicato. *Concilium Revista Internacional de Teologia*. v. 2 n. 346 (2012), p. 90-101.

KUZMA, Cesar. Igreja, Esperança e Juventude: espaço para ousadia na intenção de um jovem teólogo. *Concilium Revista Internacional de Teologia*. v. 2 n. 360 (2015): p. 58-70.

H. Artigos de periódicos eletrônicos

ALMEIDA, André Luiz Boccato. Amoris Laetitia e a Vida Cristã. Uma Reflexão Teológico-Analítica sobre o papel da Consciência no Discernimento Cristão: Revista de Cultura Teológica. v. XXVIII n. 95 (2020): p. 156-174. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/47765/pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

ALMEIDA, André Luiz Boccato. Sinodalidade e teologia moral: uma reflexão ética sobre a consciência moral no contexto do magistério do Papa Francisco: Revista Pistis & Praxis –

Teologia e Pastoral. v. 15 n. 1 (2023): p. 30-43. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/30026>. Acesso em: 25 set. 2025.

ALMEIDA, André Luiz Boccato; FERREIRA, Lúcia Eliza; MELO, Aloisio. A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco: *Encontros Teológicos*. v. 36 n. 1 (2021): p. 153-172. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1647>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ALMEIDA, André Luiz Boccato; GEORGETTI, Everton Brunaikovics; Vilk Junio Araújo. Papa Francisco e a Primavera Eclesial. Uma Reflexão Teológico - Pastoral Sobre os dez anos do seu Pontificado a partir da família e das juventudes: *Revista Contemplação*. v. 32 n. 1 (2023): p. 112-127. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/393>. Acesso em: 25 set. 2025.

ÁLVAREZ, Mariana Gómez; CARDONA, Juliana González; ECHEVERRI, Jonny Alexander García. Exhortación Apostólica Christus Vivit: Aportes del Magisterio del Papa Francisco para el Acompañamiento Pastoral de los Jóvenes en la Iglesia: *Revista Universidad Católica de Oriente*. v. 32 n. 47 (2021): p. 28-44. Disponível em: <https://revistas.uco.edu.co/index.php/uco/article/view/336>. Acesso em: 28 set. 2025.

AQUINO, Mauricio. O Pensamento Antropológico do Papa Francisco: *Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*. v. 34 n. 4 (2024): p. 785-794. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/14776>. Acesso em: 25 set. 2025.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar; CRISTINO, Ana Caroline Cabral; PATRÍCIO, Ana Clara de Andrade. O sentido de vida como caminho para espiritualidade: *Caminhos de Diálogo – Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*. v. 12 n. 11 (2024): p. 162-176. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/31861>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. El Concilio y la emergencia del laicado: *Revista Internacional de Teologia Concilium*. n. 346 (2012): p. 197-204. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/9940>. Acesso em: 02 jun. 2025.

CIRÍACO, Juliane da Silva; JÚNIOR, Otoniel Rodrigues dos Anjos; RODRIGUES, Priscila Silva. Geração canguru - fatores associados à permanência dos jovens cearenses no ambiente familiar de origem: *Revista Brasileira de Economia de Empresas*. v. 18 n. 02 (2018): p. 65-78. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbee/article/view/8103>. Acesso em: 02 set. 2024.

CONTIERO, Tiago Tadeu. Por uma juventude em saída: apontamentos sobre o documento final do sínodo sobre a juventude: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*. v. XV n. 59 (2019): p. 34-47. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/editorial/o-jovem-e-o-futuro-da-vida/73>. Acesso em: 15 set. 2025.

DANIELSKI, Gislene. O jovem, *lócus* teológico da esperança cristã, no pontificado do Papa Francisco: *Revista Pesquisas em Teologia*. v. 1 n. 2 (2018): p. 111-134. Disponível em: <https://periodicos.puc-rio.br/pesquisasemteologia/article/view/711>. Acesso em: 21 mai. 2025.

DENTZ, René Armand. Juventude, busca por sentido e espiritualidade: *Caminhos Revista de Ciências da Religião*. v. 22 n. 2 (2024): p. 483-491. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/14152>. Acesso em: 07 jan. 2025.

DENTZ, René. Juventude, subjetividade e o futuro da Igreja: *Revista de Cultura Teológica*. v. XXXI n. 106 (2023): p. 113-130. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/61773>. Acesso em: 28 ago. 2024.

LARANJEIRAS, Ana Leticia Canuto; NEVES, Reyniel Wandebil Sobrinho; ALENCAR, Valéria Viana; LOPES, Andressa Pereira. O uso excessivo das tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano: *Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde Unit - Alagoas*. v. 6 n. 3 (2021): p. 166-176. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cdgsaude/article/view/8964>. Acesso em: 14 jan. 2025.

LEAL, Valéria Andrade. Sinodalidade missionária e pastoral juvenil: *Revista Annales Faje*. v. 9 n. 3 (2024): p. 30-37. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5893>. Acesso em: 20 set. 2025.

LEMOS, André Luiz. Jovens no coração de Deus e da Igreja – exortação apostólica *Christus Vivit* – O olhar parterno de Francisco à juventude: *Revista Contemplação*. v. 28. Edição especial (2022): p. 30-43. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/343>. Acesso em: 03 set. 2024.

LIBANIO, João Batista. Juventudes e evangelização: *Perspectiva Teológica*. v. 45 n. 126 (2013): p. 175-178. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/issue/view/440>. Acesso em: 28 ago. 2024.

LORASCHI, Celso. Bíblia e Juventude: *Encontros Teológicos*. v. 27 n. 3 (2012): p. 97-122. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/179>. Acesso em: 07 mai. 2025.

MARTINS, Vander Sebastião. 11 anos do Papa Francisco: ruptura ou continuidade? In: *Revista Teófilo*. v. 8 n. 1 (2024): p. 62-85. Disponível em: <https://periodicos.icespi.edu.br/index.php/teofilo/article/view/42>. Acesso em: 15 set. 2025.

MARTOS, Juan Carlos. Como acompanhar o despertar vocacional nos processos do crescimento da fé? *Stodium Revista Teológica*. v. 12 n. 21 (2018): p. 55-74. Disponível em: <https://claretiano.edu.br/revista/revista-teologica/605b7a32411a529388ea423a>. Acesso em: 19 ago. 2024.

NASCIMENTO, Francidilso Silva. A Perspectiva Eclesiológica da *Christus Vivit*: A Sinodalidade e a Renovação Pastoral à luz de uma *Ecclesia Semper Iuvenis* (Igreja Sempre Jovem): *Revista Teófilo*. v. 5 n. 1 (2024): p. 75-93. Disponível em: <https://periodicos.icespi.edu.br/index.php/teofilo/article/view/30>. Acesso em: 30 set. 2025.

NASCIMENTO, Viviane Regina Andrade; FERRET, Jhainieiry Cordeiro Famelli. A síndrome de Peter Pan na contemporaneidade: *Revista Uningá*. v. 24 n. 03 (2015): p. 41-47. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1721>. Acesso em: 21 ago. 2024.

NENTWIG, Roberto; ZANON, Waldir Gomes. Jesus, comunicador do Pai: pistas para a evangelização da juventude na cultura midiática: *Studium Revista Teológica*. v. 12 n. 21 (2018): p. 89-102. Disponível em: <https://claretiano.edu.br/revista/revista-teologica/605b7a32411a529388ea423a>. Acesso em: 19 ago. 2024.

OLIVEIRA, Sebastião Everton. Papa Francisco e a renovação da pastoral juvenil: dez anos de animação para um caminho junto às juventudes: *Revista Annales Faje*. v. 8 n. 3 (2023): p. 25-29. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5467>. Acesso em: 30 set. 2025.

PAGOT, Talis. A formação da consciência moral através de uma cultura do encontro: um caminho para a formação da juventude: *Teocomunicação - Revista da Teologia da PUCRS*. v. 50 n. 1 (2020): p. 1-9. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/37419>. Acesso em: 23 set. 2025.

PAREDES, José Cristo Rey Garcia. Diante do próximo sínodo - juventude e vocação à vida consagrada: *Studium Revista Teológica*. v. 12 n. 21 (2018): p. 23-38. <https://claretiano.edu.br/revista/revista-teologica/605b7a32411a529388ea423a>. Acesso em: 19 ago. 2024.

PASSOS, João Décio. Os tradicionalismos e o Tradicionalismo católico: *Caminhos Revista de Ciências da Religião*. v. 22 n. 1 (2024): p. 23-31. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2+dossie%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2+dossie%20(2).pdf). Acesso em: 10 jan. 2025.

SBARDELOTTO, Moisés. Facetas midiático-digitais do neorreacionarismo católico no Brasil: *Reflexão Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião*. v. 48 n. 1 (2023): p. 1-17. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/8864/7921>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SILVA, Antonio Ozaí. O Pensamento Conservador: *Revista Espaço Acadêmico*. v. 9 n. 107 (2010): p. 53-55. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9912>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e juventude - Entre conceitos e políticas públicas: *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*. v. 17 n. 2 (2009): p. 87-106. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SILVA, Francisco Leonardo Batista. Recensão - Francisco, Papa. Deus é jovem: Pensar - Revista Eletrônica da FAJE. v. 9 n. 1 (2018): p. 209-213. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/4044>. Acesso em: 15 set. 2025.

SILVA, Reginaldo Martins. Propor a fé aos jovens à luz da Exortação Apostólica *Christus Vivit*: Revista *Contemplação*. v. 21 n. 1 (2020): p. 112-125. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/222>. Acesso em: 19 set. 2025.

SILVA, Roselani Sodré; SILVA, Vini Rabassa. Política nacional de juventude - trajetória e desafios: *Cadernos CRH (Centro de Estudos e Pesquisas e Humanidades – UFBA)*. v. 24 n. 63 (2011): p. 663-678. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/19071>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SILVA, Wellington Teodoro. Juventude católica militante - compreensão de si e de Deus: *Revista Horizonte*. v. 02 n. 04 (2004): p. 74-96. Disponível: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/581>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SOLER, Joaquín Silva. A crise da igreja católica: alguns dados empíricos e perspectivas teológicas: *Perspectiva Teológica*. v. 45 n. 126 (2013): p. 219-234. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2698>. Acesso em: 23 ago. 2024.

SOUSA, Helena Sofia Martins; FONSECA, Paula. As Tribos Urbanas as de Ontem até de Hoje: *Nascer e crescer revista do hospital de crianças Maria Pia*. v. XVIII n. 03 (2009): p. 219-214. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/13053664/as-tribos-urbanas-as-de-ontem-ate-as-de-hoje-repositorio->. Acesso em: 23 ago. 2024.

SOUZA, Ney; LANFRANCHI, Marcelo. O avanço do fundamentalismo católico nas redes sociais no Brasil: *Revista de Cultura Teológica*. v. XXX n. 102 (2022): p. 193-213. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/58407>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SUSIN, Luiz Carlos Papa Francisco: uma década latino-americana no pontificado: *Revista Fronteira – Revista de Teologia da Unicap*. v. 6 n. 1 (2023): p. 17-34. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/user/setLocale/de?source=%2Fojs%2F%2Findex.php%2Ffronteiras%2Farticle%2Fview%2F2379>. Acesso em: 25 set. 2025.

TAVARES, Emerson Sbardelotti. Juventude em missão profecia e espiritualidade: *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. v. 09 n. 15 (2015): p. 27-48. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/23760>. Acesso em: 28 ago. 2024.

TAVARES, Paulo Afonso. A vida de Papa Francisco: reflexões sobre história e biografia: *Plura, Revista De Estudos De Religião*. v. 16 n. 1 (2025): p. 1-8. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2357>. Acesso em: 15 set. 2025.

ULLRICH, Amanda; ROCHA, Guilherme Aparecido. A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea: *Cadernos da Fucamp*. v. 18 n. 36 (2019): p. 35-50. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2040>. Acesso em: 28 ago. 2024.

VIEIRA, José Alvaro Campos; SENRA, Flávio. Espiritualidade sem-religião: o cultivo da qualidade humana: *Síntese – Revista de Filosofia*. v. 47 n. 149 (2020): p. 605-633. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/4614>. Acesso em: 25 mar. 2025.

VIEIRA, Luis Duarte; ISOTTON, Diego. Christus Vivit novidades na evangelização da juventude: Revista Teopraxis. v. 39 n. 32 (2022): p. 81-88. Disponível em: https://revista.itepa.com.br/index.php/teopraxis/pt_BR/article/view/75. Acesso em: 28 set. 2025.

WOLFF, Elias. A nudez de Francisco, o Papa: Revista Encontros Teológicos. v. 65 n. 2 (2013): p. 145-155. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/156>. Acesso em: 30 set. 2025.

I. Verbetes de dicionários

ANJOS, Marcio Fabri. Teologia Moral. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 940-947.

BRESSOLETTE, Claude. Tradicionalismo. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2014, p. 1749-1751.

NEUFELD, Karl Heinz. Tradição. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2014, p. 1742-1746.

PUNTEL, Joana. Jovens. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 502-504.

WEBSTER, John. Consciência. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2014, p. 426-431.

J. Dissertações

AGUIAR, Rucelino de Sousa. *A consciência: sacrário do encontro entre Deus e o homem*. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2017. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/a-consciencia-sacrario-do-encontro-entre-deus-e-o-homem/>. Acesso em 20 mar. 2025.

CRISTINO, Ana Caroline Cabral. *A espiritualidade através do sentido de vida: Um fator de proteção para estudantes do ensino médio*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32576>. Acesso em 23 mar. 2025.

SÁ, Nei Marcio de Oliveira. *Desafios e propostas para a evangelização da juventude na cidade de São Paulo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18273>. Acesso em 05 ago. 2024.

SANTOS, Pamela Karina. *Juventude e Puebla: aspectos teológicos pastorais na evangelização da juventude*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22186>. Acesso em 15 set. 2025.

SILVA, Reginaldo Martins. *Juventude numa Igreja em saída: Evangelização da juventude a partir da diocese de Mogi das Cruzes*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/24034>. Acesso em 07 ago. 2024.